

REVISTA

DA SEMANA

N. 7 18-2-56 Cr\$ 7,00 em todo o Br.

MARIA DA PENHA, SEM REMORSOS:



EU O MATARIA OUTRA VEZ!

A NOITE DOS FAISÕES NO ITAMARATI





A bonita festa promovida pela Casa Vila da Feira e Terras de Santa Maria, compareceram rainhas de outras associações, entre elas as que se vêem acima: Casa do Pôrto (Maria de Lourdes); União Portuguesa Oliveira Salazar (Luísa Fernandes da Costa); Casa dos Poveiros e Casa dos Açores (Nelza Maria de Fátima Ávila).

Adiada para hoje a proclamação da

RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS

UM TESTE DAS FESTAS FINAIS, NA COROAÇÃO DA RAINHA DA CASA DA VILA DA FEIRA E TERRAS DE STA. MARIA ★ COM A PRESENÇA DE OUTRAS RAINHAS E PRINCESAS

Fotos de VITO VASCONCELOS



A COINCIDÊNCIA de caírem na mesma semana em que deveria realizar-se o encerramento do nosso grande certame, com outras solenidades por motivo da presença da Missão Especial Portuguesa à posse do Presidente Juscelino Kubitschek, fêz que se adiasse de 4 do corrente, para hoje, êsse magno acontecimento. Será portanto esta noite, no Clube Ginástico Português, que se vai conhecer a Rainha das Associações Portugêsas, aclamada no certame promovido pela REVISTA DA SEMANA, em combinação com a "Voz de Portugal" e a Rádio Globo (programa "Revista de Portugal", de Celestino Silveira).

POR OCASIAO da coroação da Rainha da Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, (srta. Neide Marlene Portela da Silva), teve lugar na sede própria dessa nova e prestigiada entidade, na Tijuca, uma "soirée" seguida de baile, com a presença de outras rainhas já proclamadas. Lá estavam as titulares da Casa do Pôrto, da Casa do Minho,

A soberana da Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, no seu trono, recepcionada pelas Princesas e por um grupo de Rainhas de outras associações, presentes à festa.



Rainhas e Princesas, ostentando suas coroas e faixas, viveram uma noite inesquecível, nessa elegante «soirée» da nova entidade, situada à rua Haddock Lobo. Além da Rainha da Casa do Minho, acima, as três Princesas da Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, quando eram coroadas. Esse foi outro «test», de grande efeito, para as solenidades imponentes que agora se realizam.

da União Portuguesa Oliveira Salazar, da Casa dos Poveiros e da Casa dos Açores, promovendo-se um bonito desfile que arrancou aplausos da grande assistência. Damos, nestas páginas, alguns flagrantes feitos nessa memorável noite.

TUDO FAZ CRER que o encerramento dêse certame venha a constituir um acontecimento ímpar no gênero. Pela primeira vez, no Brasil, será eleita em movimento de tão largas proporções, a legítima representante da mulher luso-brasileira. Depois, ela e uma pessoa acompanhante, embarcarão para Lisboa, onde as aguardam novas e carinhosas manifestações de aprêço. REVISTA DA SEMANA oferecerá aos seus leitores, nos números vindouros, completa reportagem fotográfica a respeito.

Oferecem os promotores do certame, à candidata eleita, duas passagens (ida e volta) a Lisboa, onde ficará hospedada no Hotel Tivoli. Outros prêmios estão sendo oferecidos avulsamente, inclusive de Ferro Cabeleireiro (Rua Rodolfo Dantas 16-A), que se prontifica a pentear tôdas as candidatas para o desfile final. Também o estabelecimento "A Boneca" (Rua Ouvidor, 133), oferece à Rainha, uma luxuosa "toilette", novo modelo lançado pela casa, especialmente de homenagem à contemplada.

A festa da Coroação terá lugar em abril próximo, no sábado de Pascoela.

O embarque da Rainha, com acompanhante, poderá dar-se logo depois, rumo a Lisboa, onde a Emissora Nacional, e destacados órgãos da imprensa portuguesa, recepcionarão a ilustre visitante, preparando-lhe um variado programa de festividades.

Duas Rainhas se abraçam: A da União P. Oliveira Salazar (Luísa Fernandes da Costa), a quem coube coroar a eleita pela Casa Vila da Feira (Neide Marlene Portela da Silva).



Fazer-se

Conto de LUIS GARBOGGINI QUAGLIA

ESVASIARA-SE o mar. Mais de vinte braças de areia molhada, batida em cimento. A praia deserta se estendia por quilômetros, ocultava-se atrás de uma negra rocha que lhe interrompia a continuidade.

Eram aproximadamente cinco horas da manhã, quando Ilário abandonou o caminho e desceu à praia. Lançando um olhar para o horizonte, estranhou na observação, porque nas vészes anteriores, quando atingia aquele trecho, o sol cruzava a linha do mar. Mas, não atinara com a causa daquilo. A interdição dos dias que passara doente, deixara-o sem imaginação. Bronco espectador — naquela região tropical, o inverno anunciava chegada tardia, gozava ainda delícias do estio — pelo verão os dias

eram mais longos, por isso o sol tardava em aparecer. Não se preocupara com isso. Coisa rara: mais de trinta anos de lutas no mar, sem nenhuma interrupção, salvo os dias em que o mar se apresentava revólto e aquela doença que o acompanhou durante um mês ou dois.

O homem vinha num bombolear característico — a má disposição dos apetrechos de pesca que trazia a tiracolo; a frouxidão do terreno arenoso; o próprio gingar — fruto da experiência sobre as ondulações marinhas — amoldava-lhe a andadura singular.

Caminhando pela praia, os rastros prolongavam os sulcos intermitentes, maculando a brancura da areia lisa. O chiado dos passos era acompanhado pelo contraponto das ondas e nessa intercadência monótona, o pensamento lhe ditava cuidados: Ilário volveu um olhar para trás, entre os estipes do coqueiral denso.

— Deixar sua choupana — pensou.

Não queria era deitar olhos em casa, pensar coisas em rememorações sentidas. E Calota, sua mulher prudente lhe avisara: não fôsse pescar sozinho, estava muito fraco ainda; arranjasse uma «caverna» no barco de Cirilo. Mas, o homem tinha a cabeça dura: pouco se preocupava com coisas prováveis. Na pobreza em que vivia, dependia do trabalho variável da pesca, dinheiro que adquiria na dependência da sorte. Para bem dizer, a experiência dotara-o de um convencimento incomum.

— Andar firme para a frente. E pronto.

Desprezando conselhos da mulher, não ficaria em casa indolente, debaixo dos coqueiros, ouvindo sussurros monótonos das palmas em movimentos trêmulos. O vento batendo de rijo lá no morro e a ansiedade comprimida na vontade insatisfeita. Coisas que a mulher não sentia: o chamamento do mar, atração do perigo, a vontade livre sobre as ondas... Pior era ficar na praia, alinhavando rédes de «brancos», ajudando nas puxadas, ganhando quinhão pobre, pedaços de peixes minguados. Em sua jangada não teria que dar o «quinto», voltaria à hora que bem entendesse, não teria parceiro inconveniente.

— Se pegasse peixe grande?

Esse pensamento sempre lhe aguçava o desejo antes de fazer-se ao mar e não era por causa da conversa da mulher, que desprezaria a pescaria promissora. Ainda mais que Dadinho lhe falara: ... os peixes estão passando pelo «mar-da-Prima». Talvez Deus lhe ajudasse! Se pegasse peixe grande voltaria ao descanso interrompido, daria atenção às palavras da mulher: com dinheiro na mão, as coisas eram mais fáceis.

— Andar para a frente.

Desde que descera da Ubaranas, viera marginado a praia. Vinha contente, os aviamentos no ombro, anzóis engastados na aba do chapéu.

Na altura da Ponta da Lagoa, abandonou a praia, contornando o Monte do Conselho, pela rua deserta, beirando casas sombrias. Uma zuada saía dos fundos das casas, bater de asas das galinhas, influência dos albos da manhã. Um arrojado galo sacudiu as asas com mais força, vibrou o relrão guerreiro. Este canto de ave, se prolongando pelas ruas, pelo bairro todo, em repelições, como requiem invariável, amenizando o sono dos madrugadores. Na manhã quieta, estava tudo parado...

De repente, levou um susto inesperado. Um fuzinho de cão, saiu de entre as grades de um

portão, um latido feriu o espaço, dissonância desconcertante. Ilário saltou do passeio ao meio da rua, sentiu um medo, calafrio estranho pelo corpo. Andava tão calmo pela rua, distraído, não percebera o animal ao passar em frente da casa do dr. Zézinho.

— Cachorro, diabo!

Gritou o palavrão, palavras desconexas e prosseguiu no caminho. Nas grades do portão, o cachorro permanecia raivoso, latindo e rosnando em ofensivas impotentes.

Teria que andar mais algumas dezenas de metros, chegaria ao largo da Mariquita, dirigisse-se para a praia.

Havia pela areia, jangadas diversas. Ilário chegou até sua tosca embarcação, preparou-se para a pescaria: eram as linhas, chumbadas, corricos, fisga, anzóis.

Gaivotas inquietas vieram pescar, em júbilo estridente, peixinhos de prata em bandos fugitivos: havia muita isca.

Ilário não queria perder tempo: seria inútil dar um ou dois lances de tarrafa, abastecer-se de iscas e quando se fizesse ao mar, não aproveitaria a hora em que os peixes de corso gostavam mais de comer. Trouxera um pedaço de peixe salgado que guardara desde a véspera. Tiraria um pedaço, adaptaria uma ventrecha ao anzol.

Finalmente fêz-se ao mar.

Deu algumas remadas para a frente. Certificou-se de não estar sobre arrecifes submersos e lançou a linha de arrasto para trás. Calculou o comprimento. Deu uma volta ao pé, deixando a parte que ficava na água sobre ele, e, a outra que lhe ficava por baixo, sob a pressão de seu peso.

E foi afastando-se no bater de remadas, um vaivém incessante.

A medida que se distanciava, na praia apareciam outros pescadores, que, assim como ele, se preparavam para a pescaria.

Volveu um olhar para o sul. Observou as «marcas»: um farol distante demarcava silhuetas de ilhas longínquas; ao norte, a Ponta da Pedra, «subia» progressivamente. Enquadra-las logo mais...

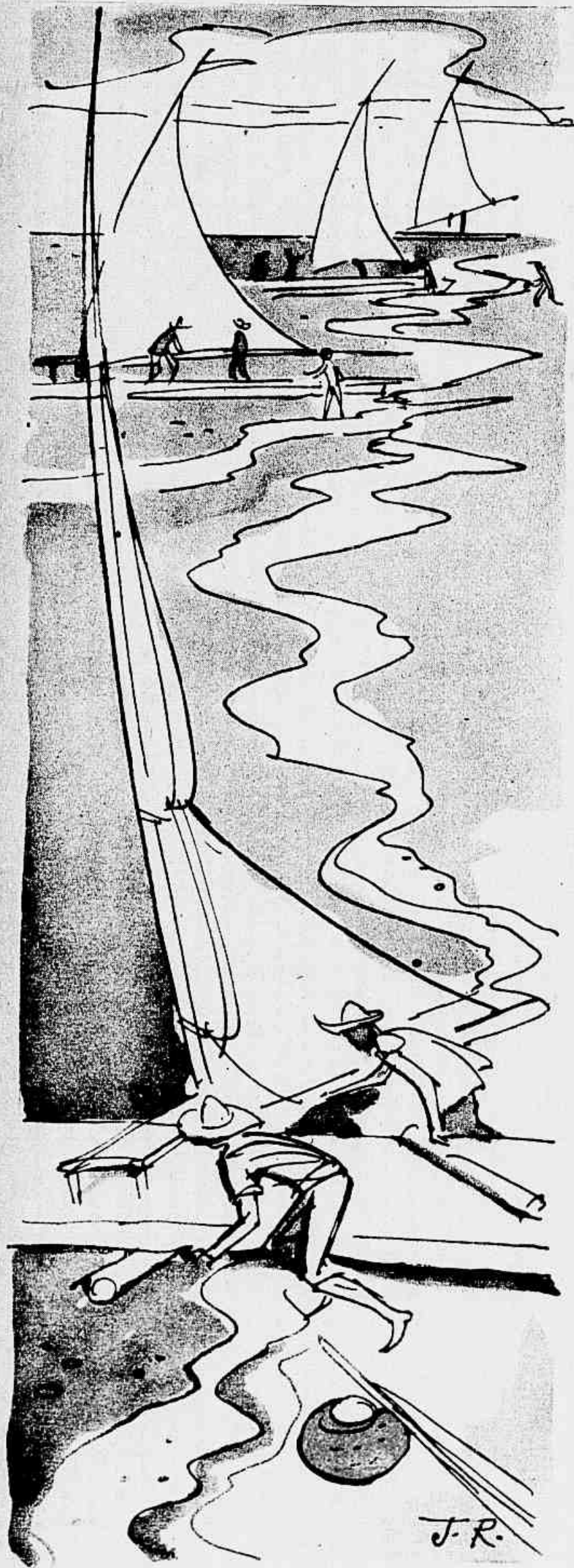
Subitamente sentiu um forte puxão na linha. Numa fração de segundo, o esticão repercutiu no pé do descador, daí por todo o seu corpo, como se o prolongamento da linha fôsse continuidade de um de seus nervos. Ao sentir aquilo, estremeceu. O coração metralhou compassos desordenados. Nunca sentira isso no mar. A doença que tivera, entretanto, lhe roubara energias. Numa ânsia brusca, executou operação errada: uma confusão, uma tremura no corpo, zuada estranha na cabeça, palavras sentidas: a figura do dr. Zézinho descortinou em sua mente, as palavras de Calota voltaram em seu cérebro.

— Descansa velho!... — Um lugar no barco de Cirilo era muito mais conveniente que sua jangada!...

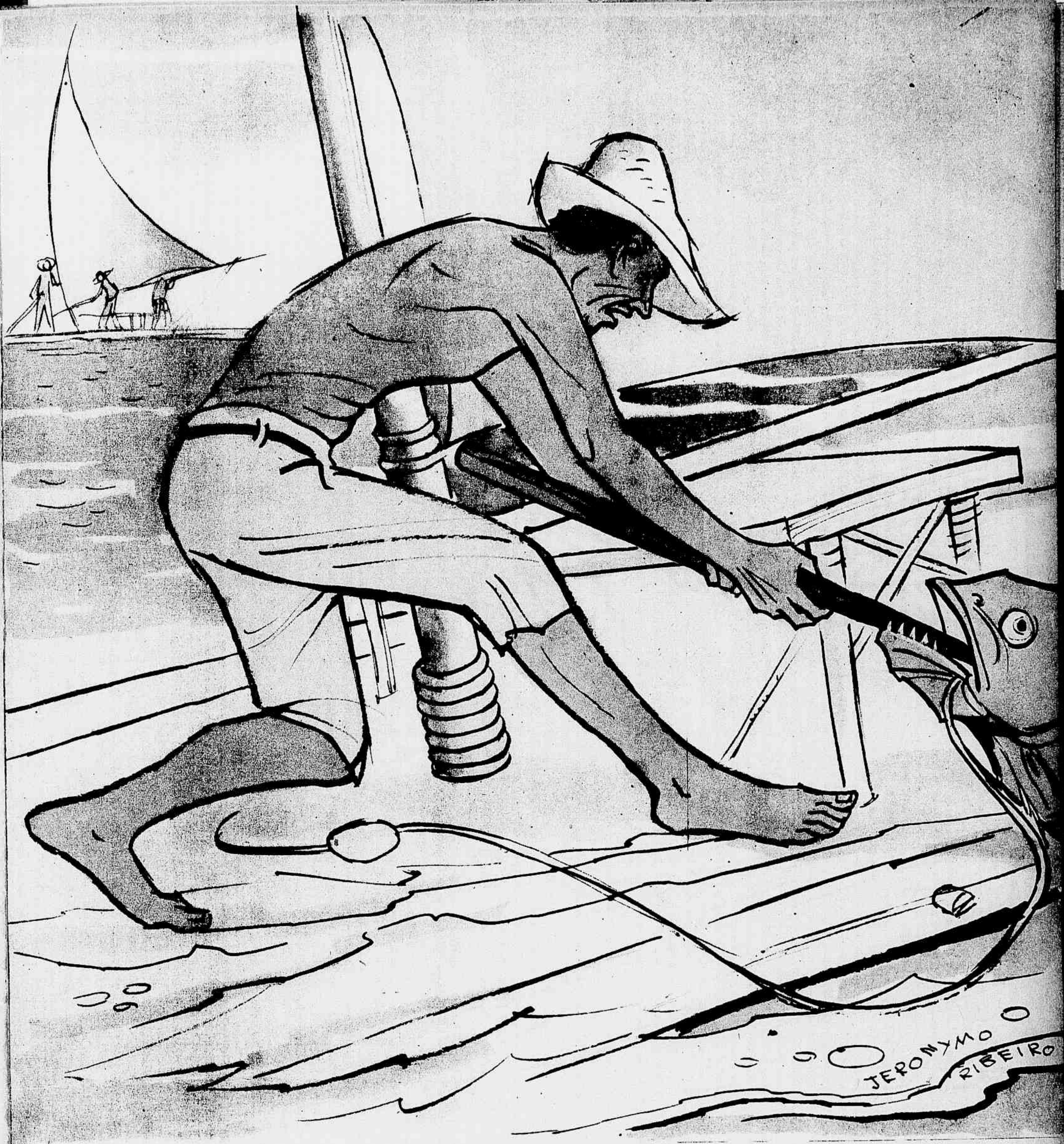
Estacou. Teria que continuar remando em velocidade aumentada, a isca deslizaria em carreira simulada. Estranho aquilo: não era por causa de alguns meses que estivera em casa, o motivo da asneira incontrolada. Estranho!

Entretanto, deu mais algumas remadas para a frente, instintivas. O peixe voltou à isca. Desta vez o anzol segurou-o.

A linha estirou-se, esticou-se. Incontinentemente, Ilário largou o remo na frente da jangada, tirou a linha do pé, mas, não pôde sustê-la. Esvaiu-



“O MAR ERA SEMPRE



se continuamente entre os seus dedos escorregadios. O peixe sentindo-se prêso àquele objeto estranho, correu em rumo contrário. O homem tentou frear a velocidade do animal, apertando as mãos trêmulas, queimando-as nessa operação. Deu um grito de dor. Mas, conseguiu. Começou a puxá-la, olhando para a fisga e pensou possuir o peixe nas mãos. Não quis antecipar os fatos. Puxava a linha com certa dificuldade: peixe grande.

De repente, a linha bambeou-se.

Conhecia aquela manha de peixe: o animal quando se via perdido, lançava-se a tóda brida sobre a linha, tentando alcançá-la onde estava desprotegida pelo corrico. Ilário não estava ali para aprender. Trinta anos de lutas no mar, significavam muita coisa...

Chegando perto da jangada, o peixe sentiu-se impelido para mais junto dela e deu um pulo em direção ao homem. Este esquivou-se em tempo, pôs a fisga ao alcance da mão e procurou agir cautelosamente. Sabia que aqueles pulos poderiam ser fatais para ele e que poderiam ocasionar a perda de seu trabalho.

Calculou o peso do peixe. Mas, não estava agora para pensar nessas coisas: queria era fisgá-lo quando fôsse possível. Reconheceu-lhe a espécie: uma pescada.

Desenfreado-se em nova carreira, o peixe revidou o ataque. Ilário preparou-se para receber a investida. muniu-se da fisga, puxou a linha rapidamente, forçou o peixe, empatando assim a sua fúria. Não pôde pular-lhe em cima, mas, abocanhou o bordo da jangada julgando

tratar-se de seu perseguidor. O peixe ficou naquela posição irado, fazendo pressão com a forte mandíbula. Ilário, rápido fisgou-o na altura da guelra, tirou o cacete do aracambu e desferiu-lhe golpes certos.

... O homem ficou exausto, parou por um instante, aliviou a respiração ofegante, deu mais alguns golpes, matou-o.

Olhou a praia distante.

— Voltar para a sua choupana, pensou.

Na volta, encontrando-se com os companheiros, cumprimentou-os, envaideceu-se notando que olhavam para o que levava em sua jangada. E continuou remando sentindo-se exausto. Doravante daria atenção às palavras de Calota:

(Continua na página 54)

VERDE COMO A ESPERANÇA DOS HOMENS"



Flagrante da Exposição Nacional de 1908, na praia Vermelha, que então constituiu rumoroso acontecimento de elegância. A gente «bem» daquele tempo, marcava ponto de reunião no local onde, mais tarde, deveria ser instalado o 3º Regimento de Infantaria, arrazado no movimento comunista de 1935. A ilustração é de autoria do artista francês Georges Scott, da «Illustration», que viera ao Rio especialmente para fixar aspectos do mundanismo carioca por ocasião dessa famosa feira. As damas e os cavalheiros trajavam-se, é claro, pelos últimos figurinos parisienses.

Ano 56 — N° 7 — Rio de Janeiro — 18-2-1956

REDATOR-CHEFE.....Celestino Silveira

ASSISTENTE...José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO.....Victor Tapajón

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● RÉPORTAGENS

A Palavra de JK no Banquete do Itamarati	8/11
Assistindo ao Ballet	15/17
Império Serrano — Universidade do Samba	24/29
O Carnaval Inspira Dois Artistas	31/33
Eu o Mataria de Novo!	44/49
Baile de Gala do Flamengo	52/53
Lídia e Urbano, Um Casal «Grau Dez»	55/57

● SEÇÕES

Semana em Revista	12/13
Puxe Pelo Cérebro	14
Por Esse Mundo de Deus	20/21
Astrológica	22
Flashes do Brasil	23
Literatura	30
Femininas	34/35
Palavras Cruzadas	39
Revista Há 50 Anos	42
Aconteceu em Portugal	43
TV Na Revista	50
Música	51
Artes	54
Último Flash (Avis Rara para JK)	58
Figura em Foco (João Goulart)	59

● HUMORISMO

Fortuna	62/63
---------------	-------

● LITERATURA

Fazer-se ao Mar (L. G. Quaglia)	4/ 5
O Malefício dos Concursos (A. Nery)	7
A Ronda da Morte (Stijn Streuvels) ..	60/61

● VARIEDADES

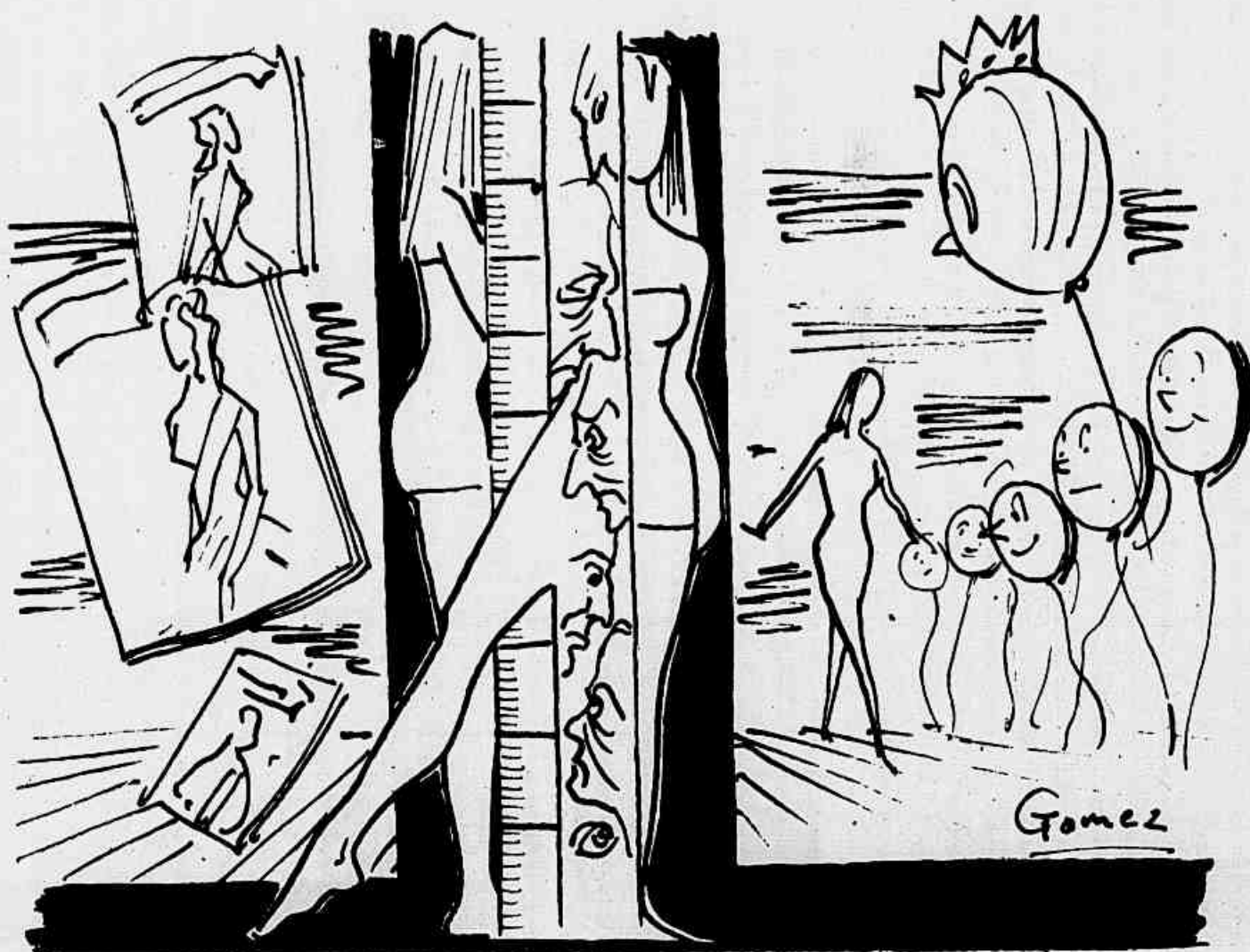
Rainha das Associações Portuguesas ..	2/ 3
Rio Antigo	6
O Tesouro do Barba Rubra	18/19
Este Palhaço Chama-se — Lollo	40/41

● CAPA

A Rainha da União Portuguesa Oliveira Salazar (Luíza Fernandes da Costa) no ato da coroação da Rainha da Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria (Neide Marlene Portela da Silva). (Foto V. Vasconcelos).

Esse número consta de 64 páginas.

O Malefício dos Concursos



Desenho de GOMEZ

Sei que tudo isto faz parte da nossa época e sobre a influência maléfica de Hollywood na geração nova, e comentar certos assuntos é o mesmo que pregar no deserto. O que surpreende à mim mesma, é que vendo diariamente as fotografias das inúmeras e ansiosas candidatas a «rainhas» e «misses» de tudo que inventam, com um sentido puramente comercial, ainda não tenha eu apanhado o hábito de achar normal ver meninas adolescentes semi-nuas exibindo seus corpos em troca de títulos ou coroas que fatalmente as levarão para um lado da fama comprovadamente triste e irremediável nas suas conseqüências. Faz pena e constrange a alma assistir o relaxamento moral dos pais, oferecendo as suas filhas exiguamente cobertas com «maillots», à uma concorrência desastrosa que nada tem de orgulhoso e digno, como se estas meninas fossem mercadorias postas à cobiça de compradores exigentes. Sei de adolescentes puras e inexperientes que, fascinadas pela glória do sensacionalismo barato, ávidas da publicidade rasa e perigosa, abandonaram, com o pleno consentimento dos pais, os primeiros anos do curso ginasial para se entregarem à manipulação de comerciantes e fabricantes de «maillots», meias e etc., como objeto provocante de maior venda e maior lucro. Temos visto fotografias penosas.

Entre mulheres moças mas, de fartas experiências da vida, meninas de 15 e 16 anos, saídas de meios recatados, em competição triste mostrando as suas curvas ainda indecisas pela puberdade, aos olhares de um público masculino que as analisam como entendidos da mercadoria exposta. A falta de pudor dos pais é muito mais grave do que o erro destas crianças desprotegidas, atraídas e aticadas pela vaidade, pela ignorância e a sede de um su-

cesso de duração mínima. Hoje em dia é normal, e não causa nenhuma repugnância à platéia de um restaurante, a exibição de candidatas a um curso qualquer num espetáculo de mulheres e meninas oferecendo os seus corpos entre as mesas de almoço. Além do lado moral, da promiscuidade alarmante e da falta de amor dos pais pelas suas inocentes filhas, há o lado antiestético.

Numa praia, numa piscina podemos conceber um corpo de pernas excessivamente grossas e curtas quebrando o conjunto e a harmonia, bustos fartos e desproporcionados ou minguados e deleituosos, ombros de atleta ou estreitos e caídos. Numa praia, ou numa piscina a finalidade é outra. É o banho. Mas num restaurante, esse método de propaganda comercial de aproveitar corpos de formas chocantes levando intenções ainda mais chocantes, me parece de um mau gosto impossível de condescender. Se o nosso Juizado de Menores fosse mais profundamente atento à guarda dessas crianças expostas à vaidade dos pais e à falta de escrúpulos dos comerciantes, creio que muita menina de hoje não seria tão impiedosamente tratada pela vida antes de completar 20 anos de existência. E se a polícia fizesse caso dos dispositivos que atentam contra a moral pública, não veríamos tanto corpo de mulher pousando com desembaraço entre as mesas de restaurante exibindo suas deformidades e suas tendências tristes como se fossem obras primas da natureza, e incentivo aos bons costumes e aos princípios da pura moral.

ADALGISA NERY



N
de
ro
m
úl
Re
de
ex
ti
m
pr
ç
tr
se
de
A
co
m
fr
ti
m
ex
re
b
a
lá
m
A
d
p
re
G
C
to
d
li
o
d
n
p
d
d
s
F
c
o
o
A
c
D
o

A
v
o
M
A
c
M

NO DECORRER do deslumbrante banquete que ofereceu a centena e meia de personalidades nacionais e estrangeiras — banquete que foi, certamente, o mais belo realizado no Itamarati, nos últimos vinte anos — o Presidente da República, Juscelino Kubitschek, erguendo-se de sua cadeira, ao mesmo tempo em que cessava a música, no salão contíguo, e os comensais deixavam por momentos de lado os faisões e o caviar, pronunciou algumas palavras de saudação aos representantes das nações estrangeiras à cerimônia de sua posse. Em seu discurso, falou, Juscelino Kubitschek, de sua breve mas proveitosa viagem pela América do Norte e Europa, onde teve contacto com povos amigos, com os quais mantém, o Brasil, os melhores laços de fraternidade, e acentuou sua grande satisfação em rever, àquele instante, à sua mesa, alguns dos povos que tivera o ensejo de conhecer mais de perto, ali representados nas figuras de seus Embaixadores. O Brasil, «país americano e atlântico», na frase feliz de Sua Excelência, continuará honrando, cada vez mais, seus compromissos internacionais. Afinal, reafirmando toda a sua fé nos destinos do Brasil, e assegurando, aos presentes, que um grande esforço de realização seria levado a efeito pelo seu Governo, Juscelino ergueu um brinde ao Corpo Diplomático, e novamente assentou-se, entre os aplausos gerais. Respondendo ao discurso presidencial, na qualidade de Decano do Corpo Diplomático, o Senhor Nuncio Apostólico, representando sessenta nações que à mesa se reuniam, disse de sua emoção em ouvir as palavras cheias de fé do novo Presidente do Brasil, e de sua confiança nos destinos dessa grande Nação, pela qual sempre sentiu (exclamou) admiração e ternura. Fazendo, enfim, menção à bênção especial de Sua Santidade o Papa Pio XII ao Brasil, por ocasião da visita de Juscelino Kubitschek ao Vaticano, o Nuncio Apostólico retribuiu o brinde presidencial — sempre em nome de todo o Corpo Diplomático — e encerrou seu discurso com um hino de fé nos destinos do Brasil.

★

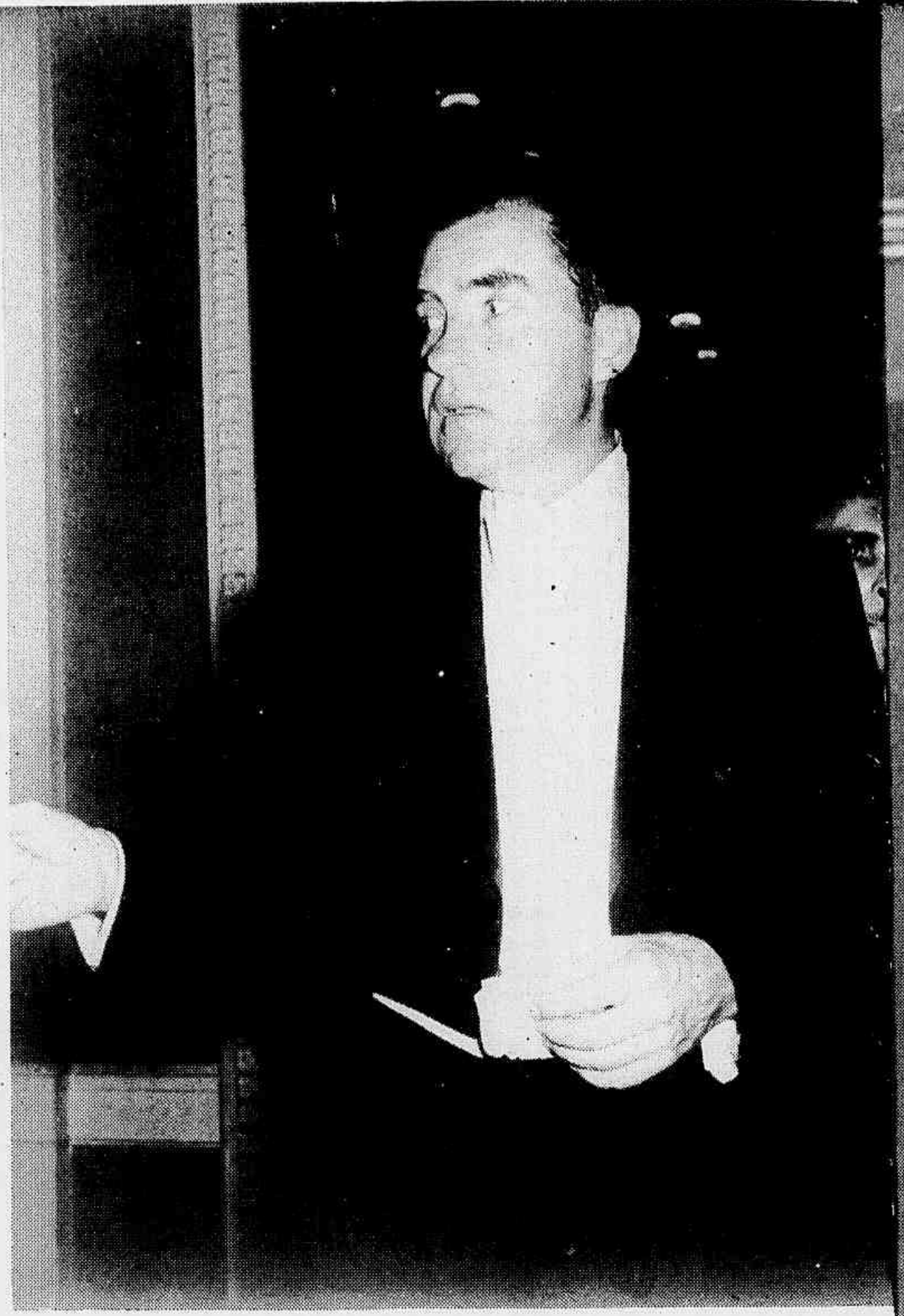
A ESQUERDA, momento em que discursava o Presidente Juscelino Kubitschek, tendo o Vice-Presidente João Goulart a seu lado; à direita, instante em que o Nuncio Apostólico, Decano do Corpo Diplomático, respondia à oração presidencial. O Presidente, em baixo, ouve atentamente.



A PALAVRA DE JK NO BANQUETE DO ITAMARATI

Fotos de ALBERTO FERREIRA e VICTOR TAPAJÓS

REVISTA DA SEMANA — 9



O VICE-PRESIDENTE dos Estados Unidos, Richard Nixon, foi indiscutivelmente uma das figuras mais interessantes que compareceram às solenidades de posse do novo Presidente do Brasil. Jovial e risonho, granjeou simpatias e também algumas críticas, pela sua ojeriza ao protocolo e ao cerimonial. Ei-lo, durante o banquete, conversando com o ex-Presidente Auriol, da França, na primeira foto, e em várias atitudes, nas demais.



A PALAVRA DE JK...



ASPECTO GERAL da mesa do banquete, no momento em que falava Juscelino Kubitschek; em baixo, o Ministro da Fazenda, José Maria Alkmin, o Presidente da A.B.I. e o sr. Embaixador da República do Haiti, Monsieur Lascafé Bernardin. Cento e cinquenta personalidades tomaram parte no ágape.



A SEMANA EM REVISTA

INTERNACIONAIS



MARTINHA ROCHA: Piano, piano, se pega um lusitano...

A semaninha

"El Haj Amine El Husseini dirige um apêlo a todos os refugiados palestinos, para pô-los em guarda contra as atividades canadenses..."

Deverá ser atendido, sem dúvida! Assim com um nome tão jerusalensemente mefistofélico, qualquer um de nós se refugiava ou se punha em guarda...

"No Distrito Federal já foram realizados quinze partos naturais, sem dor e sem o uso de anestésicos."

Parto sem dor... inverdades! Sempre ouvi dizer alguém: "Quem parte leva saudades"... E saudade é dor também!

* * *

"O objetivo que começa a ser aplicado pelo Ministério da Educação é de melhorar o ensino sem encarecê-lo."

Por isso, encarecidamente, desejamos-lhe as melhoras...

* * *

"Vai ser posta em prática uma medida radical para acabar com a fumaça nos coletivos..."

E assim para evitar a fumaça coletiva, os passageiros ver-se-ão obrigados a fumar isoladamente.

* * *

"Muito se falou de paz no ano que passou, e de paz muito se continua a falar neste ano que principia..."

Só não se fala em baixar o preço dos presuntos e seus derivados.

* * *

"Foi enviado um memorial ao Titular do Trabalho para intervir no caso da empresa Santa Helena..."

E o Ministro, caso queira favorecer a Helena, terá que virar Menelau...

* * *

Moradores da Rua Sanatório, declaram a um vespertino: "Antes, ainda havia alguma água..."

E nós completaremos: Mas agora, deverá haver mais leite...

Santos Alves

Curzio Malaparte, autor de «Kaputt», e atualmente na casa dos cinquenta e muitos anos, resolveu levar, para Grace Kelly, um presente especial: trata-se de um perfume sutilíssimo, fabricado pelos monges de Capri. Mais sutil ainda é a maneira pela qual Malaparte vai levar esse presente: de bicicleta, sim senhor...

★

O prefeito de Madri anunciou, depois de consultar uma comissão de engenheiros, que Madri, construída sobre terreno arenoso, está afundando lentamente. Há edifícios que já enterraram mais de um metro seus alicerces na areia.

★

Outra aventura da «Interplanetary Development Corporation», de New York, sociedade destinada a vender terrenos situados na... Lua: o Sporting Club, de Lisboa, será o primeiro clube de futebol a possuir um estádio na lua. Isso, porque seu associado, o senhor Epaminondas Soutel Gomes, acaba de enviar à sociedade um dólar, que é quanto custa a reserva de propriedade por aquelas bandas, para garantir um grande terreno na parte mais fresca do satélite. Esse Epaminondas, é, evidentemente, um lunático dos mais interessantes.

★

Os russos conquistaram o Campeonato Mundial de Patinação em Gêlo, com grande surpresa das demais nações participantes.

★

O Carnaval vem de ser proibido, na Espanha. Só poderão ser realizados bailes particulares, e assim mesmo, se concedida licença especial, aliás difficilima de obter. Vê-se cada uma!

★

Guy Mollet, presidente do Conselho da França, vem de receber em Argel, capital da Argélia, a maior viaja jamais presenciada naquela cidade. Os argelianos, dessa maneira, manifestavam seu repúdio ao velho e matreiro político francês. Uma molecagem.

★

O dr. Edward Podolsky, de Nova York, acha que o álcool é fator essencial na grandeza dos povos. Assim, os holandeses dominaram o mundo quando o consumo de gin, naquele país, chegou ao máximo; e os escoceses tiveram sua época áurea quando passaram a tomar uísque. Se

fôr verdade, e tendo em vista as recentes importações de uísque para o Brasil — fora o consumo, incalculável, de nossa brasileiríssima pinga — devemos orgulhar-nos, porque a idade de ouro do Brasil não pode estar muito longe.

★

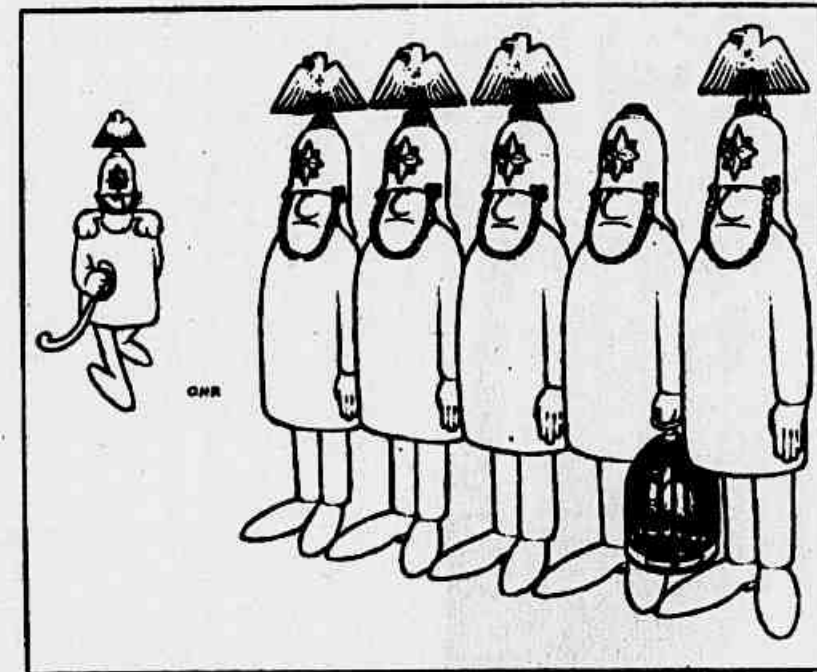
Dois gregos de nomes impronunciáveis, e que designaremos por Karapapagos e Antospapagos, penetraram numa taberna, roubaram seis peixes fritos, derramaram setenta e cinco litros de vinho pelo chão, embriagaram-se de maneira monumental, partiram copos e taças, e após saíram para a rua cantando hinos patrióticos e foram parar na delegacia. Idade dos dois paus-d'água: cinco anos... Precocidade helênica.

★

Um professor alemão, da Universidade de Munique, estudando a capacidade intelectual da nova geração, achou que a concentração dos jovens diminuiu de 12%, a memória, de 26%, e a atenção de 29 por cento. De que é que nós estávamos falando mesmo?...

★

Em Taranda, na Índia, o Chefe de Polícia determinou que certo processo fôsse desarquivado e novamente estudado. Detectives começaram a estudar o caso, e chegaram à conclusão de que o criminoso era o próprio Chefe de Polícia...



Der STERN

NACIONAIS

Acontecimento trágico foi o desfecho da regata Buenos Aires-Rio, com a morte do comodoro argentino Carlos Alberto Abaterola. O desportista foi emprensado contra o casco da corveta «Solimões», quando o «Errante», seu veleiro, era acudido por aquela unidade da Marinha de Guerra do Brasil.

★

Depois de muitos anos de frias relações esportivas, os brasileiros enfrentaram os argentinos em Montevideu, pelo Sul Americano de Futebol. E — surpresa das surpresas — conseguiram vencer, por um a zero, gol de Luisinho, no último minuto de jogo.

★

Chegaram ao Rio cinquenta e cinco coreanos e chineses, que, tendo conseguido fugir ao comunismo, buscam recomeçar a vida no Brasil. Tanto nordestino dando sopa por aí, e importamos chineses e coreanos...

★

A casa do general Zenóbio da Costa foi assaltada por ladrões, que só não conseguiram levar o produto de seu «trabalho» por terem sido a tempo descobertos e convenientemente trancafiados.

★

Os peixes na Lagoa continuam morrendo, devido a elevada temperatura das águas, 41

graus. Ora, os peixes só resistem a temperaturas inferiores a 29 graus. Com 41, não há peixe vivo que agüente.

★

Pedro Calmon está de acôrdo com a teoria do professor Montagu, que diz ser a mulher superior ao homem: «Afinal de contas, sou um cavaleiro...» Esse Pedrinho é mesmo magnífico.

★

A «Fôlha Popular», que se edita em Sorocaba, evidentemente enganou-se, quando publicou essa nota social, que é de fato do outro mundo: «Realiza-se hoje, às 17 horas, o casamento do sr. X com a sra. Y, já falecidos...»

★

O verso mais comovente da semana, escrito no dorso de uma nota de cinco cruzeiros: Vai, notinha de cinco / Por êsse mundo sem fim / Vai e diga à de mil / Que se lembre de mim.

★

Noticia-se a próxima vinda, ao Rio de Janeiro, da estrela Marilyn Monroe. De olho, gaviões incorrigíveis!

★

Os juizes ingleses acabam de ser «chutados» de volta à Inglaterra, pela CBD. Penalidade bem batida.

Flashes da posse

Todo mundo viu. Foi durante o cortejo automobilístico do Palácio Tiradentes ao do Catete. Juscelino e João Goulart, em suas casacas, sorriam para o povo. Lenços se agitavam, salvas troavam. E o senhor Álvaro Lins, que acabava de trocar a leitura de Marcel Proust pela nomenclatura dos municípios mineiros, lá pelas tantas não agüentou a emoção, e duas lágrimas lhe rolaram pela face.

★

Frase do senhor Juscelino Kubitschek, já no Palácio do Catete, ordenando aos policiais que abrissem as portas do Palácio ao povo:

— Deixem o povo entrar. Hoje é o nosso dia...

★

Na recepção no Itamarati, o cozinheiro Clement Grangier foi o mais procurado dos presentes. Todos queriam trocar uma palavra com o famoso «maitre», cuja nacionalidade, diziam uns, era francesa, polonesa, diziam outros, e americana, afirmavam quase todos. Os garçons brasileiros, porém, não apreciaram lá grandes coisas o trabalho do «soi-disant» célebre cozinheiro, e um deles, mesmo, chegou a nos dizer:

— Fui mordomo de Ruy Barbosa durante vinte anos, e tomei parte em inúmeras recepções. Estive oito anos em Paris, a aperfeiçoar-me. Essas mãos executaram maravilhas, e esses olhos presenciaram obras de arte culinária. Pois bem: digo-lhes isso: esse tal de Grangier é um cozinheiro de segunda ordem.

★

Depois da recepção, houve um deficit de mil copos e pratos, partidos, ou surripiados pelos convidados, à guisa de «souvenir».

★

Impressionantes as duas condecorações do repórter Garofalo. Segundo um jornalista nosso conhecido, a Grande Cruz que se via ao peito do conhecido profissional fôra dádiva do Serviço Nacional de Tuberculose, e a outra láurea fôra ofertada pela Império Serrano...

★

Ibrahim Sued, postado a um canto, lá pelas bandas do palanque presidencial, declarou a várias pessoas que a recepção estivera muito «Shangay», com grande júbilo do senhor Shen-Shing-Ting, Embaixador da China...

DE SETE EM SETE

Bem, amigos, Carnaval é assunto superado e agora é sair para outra. Mas que foi divertido — foi. — E o divertimento estendeu-se a Mar del Plata, onde Martinha Rocha passou a ser madame Piano. Afinadinha que só ela. — Desafinada andou a rapaziada do Vasco naquela tarde sem sorte com o Fluminense. (Pó de arroz, hein?) E o Fadel Fadel «estrilando» que nem gente de oposição, a ameaçar o juiz, coitado, de sair dali direitinho para o cemitério! Que é isso, «seu» Fadel? Dêse tamanho... — Pois quem deu a nota foi a rainha Doris Monteiro, mandando para a tesouraria da A.B.R., quase um milhão de cruzeiros! Obrigado, Dorinha... E olhe que para o ano o negócio vai ser só entre as Rainhas! Prepare os patrocinadores desde agora... — Preparem-se também os senhores para conversar em nosso idioma com mr. Richard Nixon quando aqui voltar (voltará?) pois o homem levou um dicionário inglês-português na bagagem. — Grande moço, esse Nixon! Foi apertar a mão do major-comandante do Batalhão de Guardas, no dia da posse e sentou-se nas escadarias da Embaixada dos E.E.U.U., de fraque e cartola, em bate-papo, enquanto o auto oficial o esperava... Ah, se fôsse um brasileiro! Mas que foi bonito, não resta dúvida. — Pena a cidade andar tão suja para receber tanta gente limpa e importante! Onde a Limpeza Pública, rapazes? O freguês sai de casa limpo (quando há água para o banho) e antes de chegar à esquina, virou um monte de poeira... — E o barulho das buzinas? E a fumaça dos micro-ônibus? E o lixo lá em casa? E as árvores que não são podadas? E... E... (Por hoje chega, doutores). — Pior foi a faixa presidencial sistematicamente errada! Com o emblema colocado fora do seu lugar... A propósito: a faixa não era a primitiva, inaugurada por Afonso Pena, como foi divulgado. Se duvidam, é só perguntar ao nosso companheiro Alberto Lima, entendido no assunto. Ele conta direitinho — e prova. — Provado está também que já se pode fazer um concurso a sério, sem «marmeladas»: o da Rainha das Associações Portuguesas foi um exemplo. — E a Rainha, ao entrar a Primavera em Lisboa, vai embarcar, com uma grande bagagem de «souvenirs» e presentes... Boa viagem, moça! E aproveite... — De São Paulo, nosso querido Procópio desmentiu (ainda bem) aquela entrevista das «Folhas», reconciliando-se assim com o público. — Engraçado foi na noite do banquete do Itamarati. Não propriamente escondidos, mas discretamente e permanecendo lá dentro, sem se expor muito, certos rapazes que durante a campanha combateram à grande o candidato vitorioso... Ainda continuam falando mal. Mas não deixaram de trincar o seu faisãozinho... Que uma «bóia» daquelas, com bom uísque, mesmo à custa do governo, não é de perder, hein, amigalhões? — Mas vergonhoso foi a chacina dos nossos irmãos índios nos sertões de Mato Grosso! É pra isso, gentes, que vão lotear o mato do Brasil? Covardezinhas, não é, prima? — Depois vêm dizer que o país está podre! Mas o faisãozinho ninguém perdeu, mesmo com casaca por empréstimo... — Ah, se as casacas falassem!

JANGADA NA PRAÇA FLORIANO



NO MESMO dia em que Juscelino Kubitschek tomava posse na Presidência da República, uma pequenina jangada, tripulada por alguns bravos pernambucanos, chegava ao Rio de Janeiro, após vencer milhares de quilômetros de mar alto, para trazer a solidariedade e testemunhar a satisfação do homem nordestino. A longa viagem, que tomara a designação de Raid Sara Kubitschek, em homenagem à Primeira Dama do País, fôra efetuada por uma jangada da Colônia Z-1, de Pernambuco, que passou mais de mês bordejando a costa brasileira, de Recife à Guanabara. Agora, a jangada está em exposição na Praça Marechal Floriano, onde os curiosos, todos os dias, se reúnem, para apalparem, puxarem, beliscarem e formularem palpites mais ou menos acertados sobre as pitorescas embarcações do Nordeste.

CONCURSO MUSICAL



ACABA DE SER instituído, pela Rádio Ministério da Educação, um concurso que, talvez seja o maior de quantos se realizaram no Brasil. Nada menos de três bôlsas de estudo — uma para Paris, uma para Nova York e outra para Roma — serão distribuídas, e recitais de rádio e públicos serão proporcionados aos finalistas. A frente do concurso estão Oriano de Almeida, pianista e coordenador do concurso, e René Cavé, diretor artístico da Rádio Ministério da Educação. O concurso se destina a premiar cantores, e instrumentistas brasileiros, e suas bases estão sendo amplamente divulgadas. Na foto, flagrante da inscrição da primeira candidata, a cantora Anna Nolding, entre René Cavé e Oriano de Almeida.

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dores de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando estes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma boa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sobre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

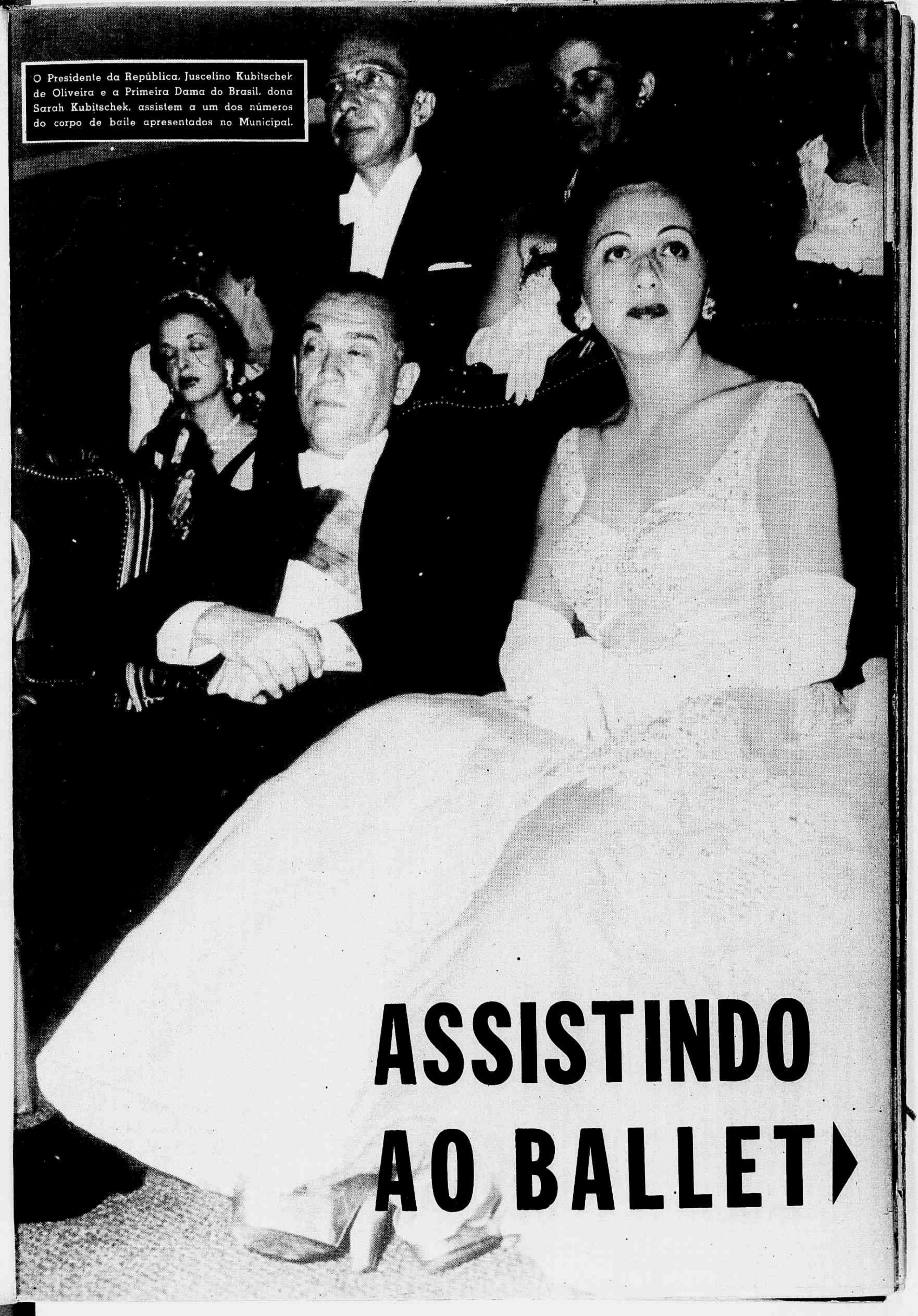
Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Morreu no dia do Armistício, em 1918:
 - Appollinaire?
 - Max Jacob?
 - Max Elcamp?
- 2—Como se diz «lapis» em holandês:
 - bleistift?
 - potlood?
 - kalam?
- 3—Quem foi considerado o Artista do Ano, em 1955:
 - Braque?
 - Leger?
 - Picasso?
- 4—O último livro de Faulkner se chama:
 - O Velho e o Mar?
 - Uma Fábula?
 - Os Mandarins?
- 5—A antiga moeda húngara subdividia-se em:
 - leptas?
 - filler?
 - dinara?
- 6—Tem um soneto sobre a bomba atômica:
 - Tiago de Melo?
 - Ledo Ivo?
 - Geir Campos?
- 7—O projeto do Museu de Arte Moderna é do arquiteto:
 - Niemeyer?
 - M.M.M. Roberto?
 - Reidy?
- 8—Destruiu Roma no século V:
 - Átila?
 - Odoacro?
 - Xantipo?
- 9—«Não aspire, minh'alma, à Vida Eterna; porém esgota o campo do Possível» — verso de:
 - Eurípedes?
 - Pindaro?
 - Esquilo?
- 10—Que tem em comum Blaise Cendrars e Vicente de Carvalho:
 - são poetas?
 - perderam uma das mãos?
 - o orgulho?
- 11—Quem é Ernst Krenek:
 - músico contemporâneo?
 - pintor alemão?
 - escritor suíço?
- 12—Em 1949 se comemorou no Brasil o centenário:
 - de Castro Alves?
 - de Rui Barbosa?
 - de Álvares de Azevedo?
- 13—Manuel M. Ponce tornou-se famoso pela sua canção:
 - Quem sabe?
 - La Paloma?
 - Estrelita?
- 14—Como se chama o alfabeto japonês mais usado:
 - kanji?
 - katakana?
 - hirakana?
- 15—Quem dirigiu «Garôtas da Praça de Espanha»?
 - Lucianno Emmer?
 - Alexander Korda?
 - Rossellini?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Appollinaire; 2 — potlood; 3 — Braque; 4 — Uma Fábula; 5 — filler; 6 — Ledo Ivo; 7 — Reidy; 8 — Odoacro; 9 — Eurípedes; 10 — tudo isso possuem em comum; 11 — músico contemporâneo; 12 — Rui; 13 — Estrelita; 14 — todos três são alfabetos japoneses; 15 — Emmer.

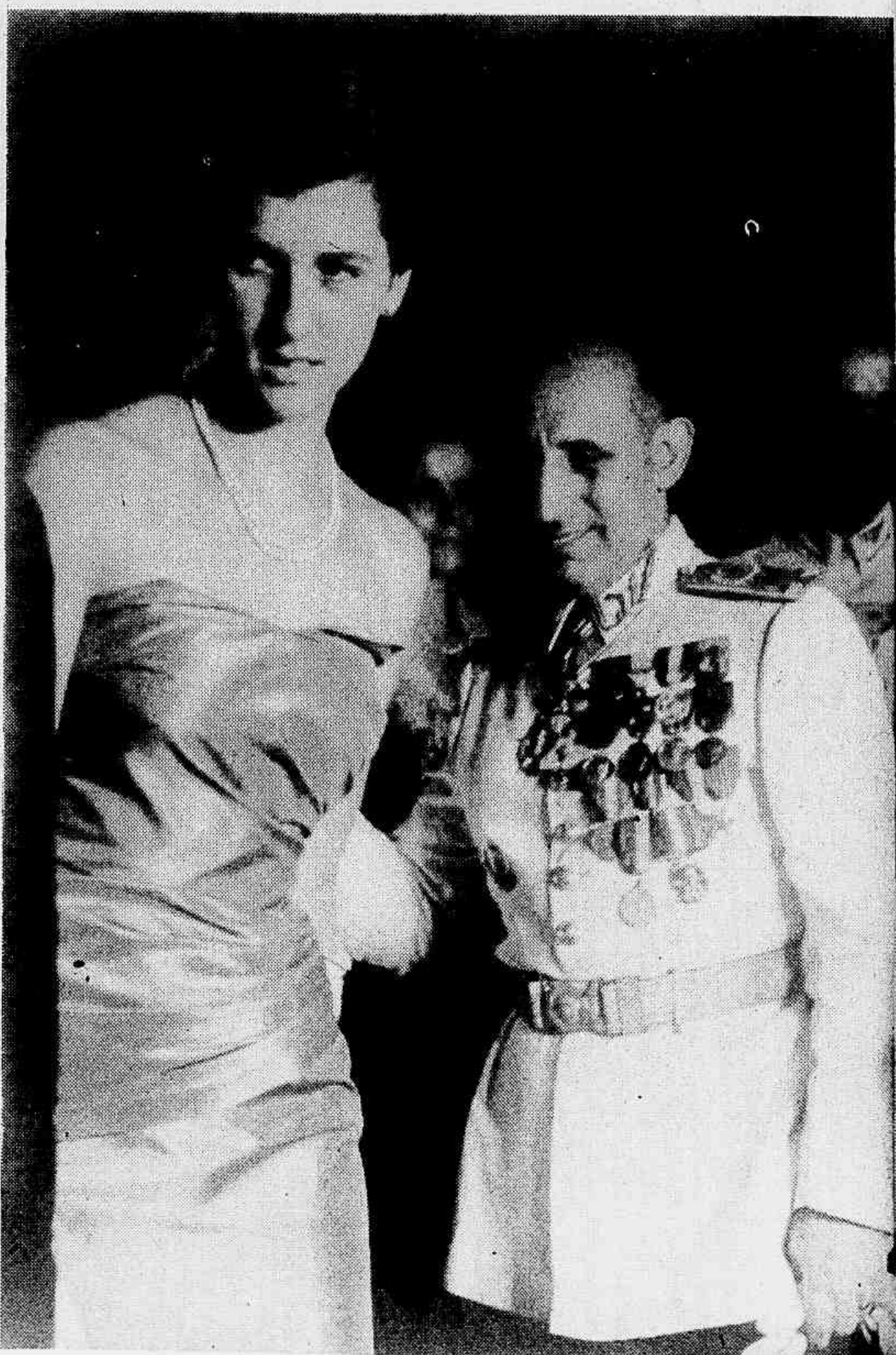
A black and white photograph of President Juscelino Kubitschek and First Lady Sarah Kubitschek at a formal event. The President is seated in the center, wearing a dark tuxedo with a white shirt and bow tie. He is looking towards the right. The First Lady is seated next to him, wearing a light-colored, possibly white, dress with a ruffled bodice and a full skirt. She is looking upwards and to the right. In the background, other guests are visible, including a man in a tuxedo and a woman in a dark dress. The setting appears to be a theater or a formal hall.

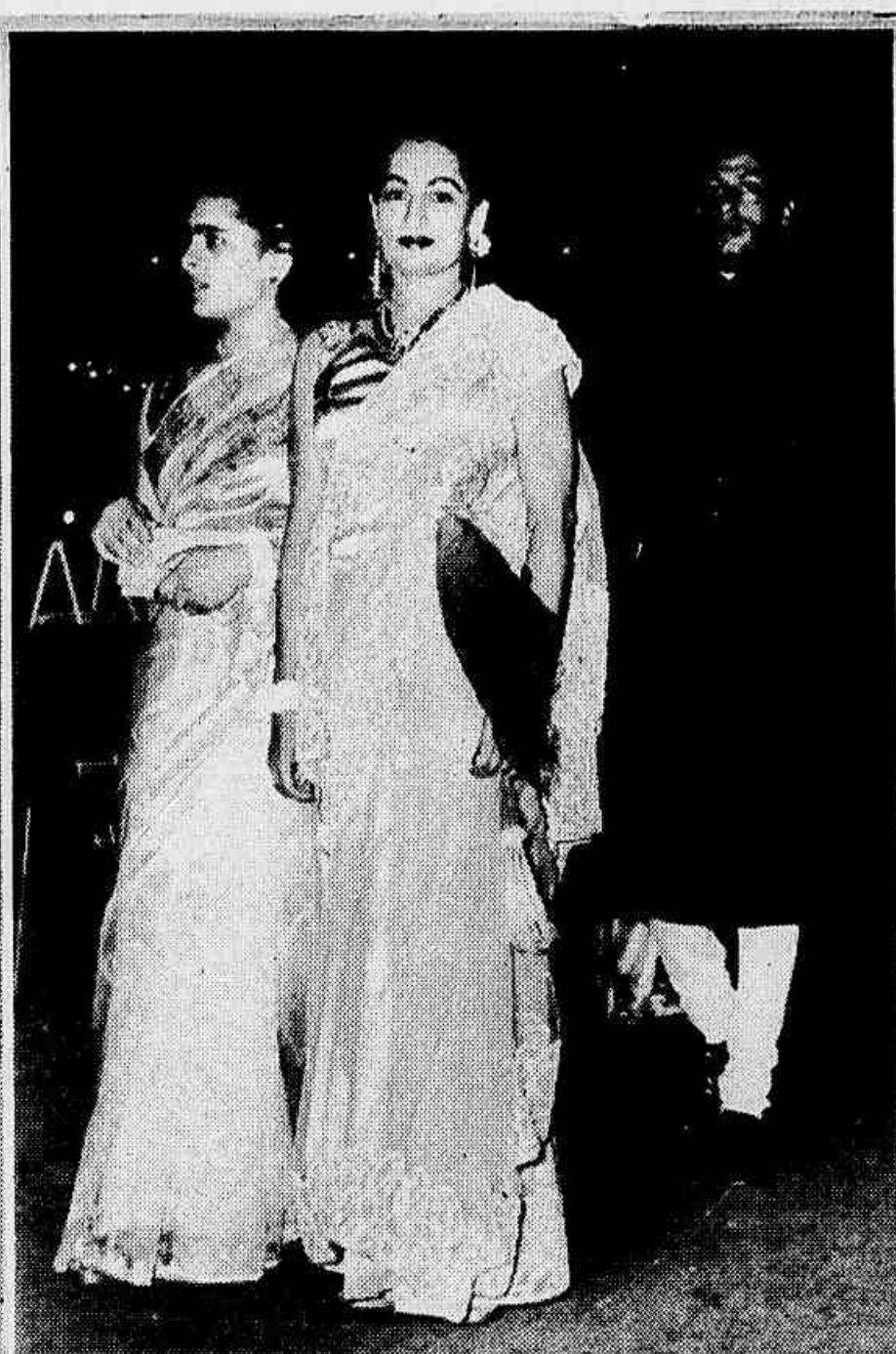
O Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira e a Primeira Dama do Brasil, dona Sarah Kubitschek, assistem a um dos números do corpo de baile apresentados no Municipal.

**ASSISTINDO
AO BALLET ▶**



As senhoras Nereu Ramos e Macedo Soares; o senhor Nereu Ramos em conversa com o Nuncio Apostólico; o brigadeiro Epaminondas dos Santos com membros de sua família; o Chefe de Polícia, general Magessi; algumas das personalidades presentes à deslumbrante recepção no Itamarati.





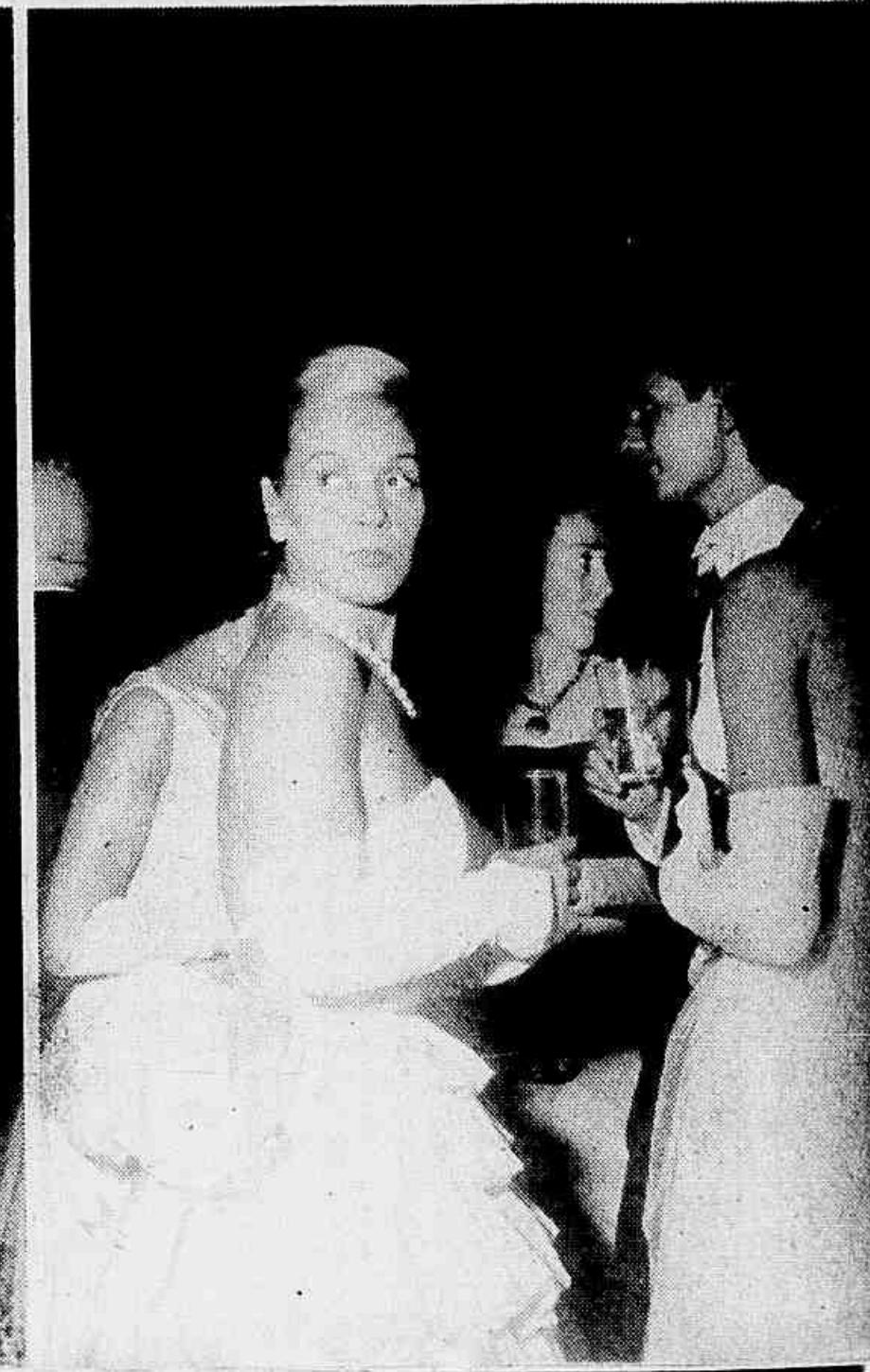
A DELEGAÇÃO INDIANA PROVOCA ADMIRAÇÃO AONDE QUER QUE CHEGUE. NO PALÁCIO DO ITAMARATI FOI O QUE ACONTECEU. A DIREITA, DUAS BELAS SENHORAS EM CONVERSA COM UM MEMBRO DO CORPO DIPLOMÁTICO.

Recepção em torno ao lago

● CINCO MIL pessoas, aproximadamente, entre as quais se podia ver o que de mais representativo possui a vida brasileira, em tôdas as suas manifestações, se comprimiram, em princípios de fevereiro, ao redor do belo lago do Itamarati, ou pelos seus salões iluminados de maneira verdadeiramente deslumbrante, a fim de presenciarem o banquete, logo seguido de grande recepção, que o Presidente da República, Juscelino Kubitschek, oferecia a centena e meia de personalidades, entre elas os embaixadores acreditados junto ao Governo Brasileiro, e os membros das Missões especialmente enviadas a fim de assistirem à posse. Apesar de a noite ser quente, tudo transcorreu de maneira agradável. O Corpo de Bailes e a Orquestra do Teatro Municipal cooperaram com brilho, executando números de seu repertório. Por volta da meia noite, o Presidente da República retirou-se. Continuou, contudo, a recepção, por mais duas horas, aproximadamente. Enfim, erguido o brinde final, e saboreado o derradeiro pedaço de faisão, retirou-se o último convidado, ainda sob a impressão da noite de deslumbramento que inaugurava, no Brasil, mais um período presidencial.



O BALLET DO TEATRO MUNICIPAL CONCORREU PARA O MAIOR ÊXITO DA GRANDIOSA RECEPÇÃO: E AS MULHERES, BELAS E ELEGANTÍSSIMAS, A ELA EMPRESTARAM UM ENCANTO TODO ESPECIAL.



THE ROMANCE

O TESOURO DO BARBA RUBRA

CAPITULO V

OS altos e sombrios muros do velho castelo de Hillisbrooke apareciam entre as brumas do amanhecer. Uma sentinela estava ocupada em examinar os veículos de alguns comerciantes que desejavam entrar no castelo para vender suas mercadorias. Vendo a sentinela distraída, Jeremias aproveitou a oportunidade e introduziu-se rapidamente no interior, seguido de Juanito. Por infelicidade o soldado os descobriu a tempo e correu em sua perseguição, alcançando-os no momento exato em que chegava ao primeiro pátio do castelo.

— Tenha a bondade de mostrar o seu passe, meu comandante? — disse a sentinela respeitosamente.

Jeremias dirigiu-lhe a palavra em tom indignado:

— E' éste porventura um dos presídios de Sua Majestade ou um mercado público para que os mercadores entrem e saiam à sua vontade?

— E' que eu recebo ordens, meu comandante.

— As ordens que o senhor tem são as de estar sempre em guarda, entendeu? — atalhou Jeremias. Além disso, olhe para o seu uniforme. Está sujo e desalinhado. E essas botas... que pavor! Diga a seu superior que se alguma vez voltar a passar revista às suas tropas, quero encontrar soldados britânicos que se vejam como verdadeiros soldados britânicos e não como um bando de porcos!

A sentinela estatelou boquiaberta.

— Volte para o seu pôsto, idiota! — gritou Jeremias enquanto o pobre sentinela, depois de saudar respeitosamente o seu superior, e de bater os tacões das botas, se afastava. Jeremias deu meia volta e passou adiante, de queixo erguido, em pose marcial, esbelto, acompanhado pelo garôto que o olhava deslumbrado, e dêle não queria se afastar...

A chama débil de uma lâmpada de azeite oscilava indecisa a um canto da sala do poço, formando sobras grotescas nos altos muros. Ao centro da habitação via-se o parapeito do poço que chegava até a cintura de um homem. Ao lado, uma enorme roda de madeira, que fazia girar um paciente burro. Um cubo estava pôsto sôbre o parapeito por onde Jeremias e Juanito faziam descer uma vela, até as profundidades obscuras do poço. Quando tôda a corda que Jeremias tinha na mão se desenrolou, procurou atar a extremidade livre da mesma, ao arco de madeira que estava fixo no parapeito e perguntou a Juanito:

Moonfleet... tão longe... uma caminhada penosa enquanto Jeremias havia sucumbido ao ferimento.

— Pensas que isto será forte bastante para suportar o teu corpo?
— Creio que sim — respondeu Juanito, embora travando as palavras, ligeiramente receioso.

Mas na ância de demonstrar a sua vontade, subiu pelo parapeito e se enfiou pelo cubo, poço abaixo. Imediatamente Jeremias começou a deixar correr a polia colocada no ângulo superior do arco e o cuto, uma caixa, começou a descer, com Juanito dentro dela.

Nesse momento entrou na sala um homem de má catadura. Era Efraim, o encarregado do poço. Vendo-se surpreendido em flagrante, Jeremias teve que agir com rapidez. E passou a acusar o homem de ter recebido e ocultado no fundo do poço o dinheiro apurado nos contrabandos. E por isso precisava dar uma busca lá em baixo para encontrar o corpo de delito. O homem jurou ser inocente, mas Jeremias limitou-se a responder: — «É o que já veremos», enquanto a caixa com Juanito chegava ao fundo do poço.

Efraim ouviu a voz do garoto que gritava:

— Pode parar!

Lá em baixo, Juanito examinou um por um os ladrilhos que o rodeavam e logo descobriu um que tinha uma estranha marca, em a qual reconheceu o escudo dos Mohune. Muito emocionado, o garoto aproximou-se do ladrilho tratando de o arrancar do seu lugar, pois viu logo que não estava muito firme. E introduzindo a mão trêmula pelas frestas, percebeu lá dentro algo parecido com uma bolsa de veludo. Ao tirá-la, notou que na bolsa estava pintado o escudo dos Mohune. Sem poder controlar-se, desamarrou a corda que fechava a bolsa e, sacudindo-as nas mãos, viu cair dela um pesado brilhante.

— Encontrei! Encontrei! — gritou para cima a plenos pulmões.

Do parapeito, Efraim mostrou-se receioso. Assomando a cabeça, perguntou:

— Encontraste o quê?

Jeremias apressou-se em intervir:

— Puxe-o imediatamente — ordenou a Efraim.

Este fez então funcionar o mecanismo do ascensor improvisado, olhando alternadamente do uniforme do «comandante» ao parapeito do poço. E ao descobrir o objeto que Jeremias levava na mão, disse-lhe:

— Uma lembrança da guerra, hein, meu comandante?

— Como todo valente que lutou na França — respondeu Jeremias sem despregar os olhos do poço.

— A fôlha de serviço do seu Regimento é muito conhecida, meu comandante — disse maliciosamente Efraim. Aqui todos os prisioneiros sabem dos gloriosos feitos de 413...

Nesse instante Jeremias viu a cabeça de Juanito que surgia no parapeito. O homem deteve o cabo e o garoto ficou suspenso no espaço.

— Continue subindo o garoto! — gritou o «comandante» enfurecido. Efraim mostrou os dentes sujos num sorriso sarcástico.

— Estou lhe dando ordens, obedeça-me! — gritou mais forte Jeremias.

— Isso é um truque muito batido — respondeu Efraim com insolência. Não sei onde lhe feriram essa mão, mas tenho a certeza que não foi na guerra. O Regimento 413 é um regimento de guarnição e está aqui em Hollisbrooke há seis anos...

E voltando-se para o garoto, com uma das mãos no funcionamento da roda e com a outra estendida para ele, gritou:

— Vamos, filho, dá-me o que encontraste se não queres que te jogue ao fundo do poço!

Mas já então Jeremias se lançara sobre ele, enquanto Juanito fazia esforços em vão para sair da caixa e subir ao parapeito. Os dois homens rolaram pelo solo, em uma luta de morte. Claudicando de uma perna, devido a um ferimento recente, não tardou que o gigantesco Efraim levasse vantagem sobre Jeremias, que não teve outro remédio senão empreender uma retirada. E quando o outro o perseguiu para desferir-lhe o golpe final, inclinou-se, rápido, ao acercar-se dele, ergueu a cabeça e com ela deu-lhe um formidável golpe sob o queixo. Aturdido, o brutamonte retrocedeu cambaleando até o parapeito do poço, e na sua ânsia de manter-se em pé, acionou o cabo que pendia da caixa onde se encontrava o garoto. O enorme peso do sujeito foi demasiado para a mola que sustentava o mecanismo e o cabo soltou-se, deslizando livremente pela polia. Efraim, em desespero, mergulhou no poço, aos gritos e alaridos. Juanito já se havia pôsto a salvo e Jeremias correu para ele, arrebatando-lhe a bolsa das mãos. Logo após, mais despreocupados e retomando um ar normal, ambos caminharam para a porta.

Quando cruzavam um dos pátios, um coche deteve-se à entrada do castelo e um sujeito desceu dele. Logo Jeremias reconheceu o comandante do exército a quem havia roubado o uniforme. Sua roupa interior entrevia-se pela abertura de um capote. Sua cabeça raspada e suas pernas magras, sem calças, davam-lhe um ar ridículo.

— Premam esse homem! — gritou o verdadeiro comandante quando viu Jeremias envergando o seu uniforme.

Sem demora, Jeremias montou num dos cavalos que estava próximo, e puxando Juanito pela mão, o pôs à garupa, empreendendo ambos a fuga perigosa, a todo galope do animal.

★

Os fugitivos não pararam de correr até à cabana solitária de um pescador, na praia. Jeremias disse a Juanito que tinha um barco à disposição e que fugiriam pelas águas. Juanito deixou-se cair sob um monte de palha, enquanto Jeremias se deleitava na contemplação do formoso diamante dos Mohune, que ele acariciava com os dedos nervosos.

— Mãe estava muito triste porque pensava que eu seria sempre um homem sem recursos... — disse Juanito com a voz sonolenta. Mas imagino que agora ficaria muito contente porque ambos viveremos juntos na sua antiga casa...

— Assim espero — respondeu Jeremias; mas seu semblante adquiriu uma sinistra expressão.

Em pouco, o menino caía em profundo sono, respirando com a tranquilidade da inocência. Jeremias aproximou-se de uma mesa e redigiu algumas palavras em um papel que deixou ao lado do garoto. Depois, levando a bolsa preciosa, saiu correndo da cabana.

Tôda a região estava infestada de soldados e policiais em busca de Jeremias Fox, que encontrou um bom esconderijo no lugar onde marcara encontro com Lord Ashwood. Quando este chegou, por volta da meia-noite, os dois subiram para uma carruagem que partiu a tôda velocidade dos cavalos.

— É um prazer voltar a ver-te, disse Lord Ashwood, enquanto Clarisa sorria afetuosamente para Jeremias.

— Senhora! — exclamou este, numa reverência.

— Chama-me Clarisa disse ela e voltando-se para o espôso, acrescentou: Não achas, querido, que agora que somos sócios, deve tratar-me assim?

— Bem, resta saber... se realmente já somos sócios... — replicou Ashwood. Trouxeste a prova que pedi?

Jeremias tirou do casaco a bolsa de veludo e colocou o diamante nas mãos de Ashwood:

— Oh, meu caro Fox! Isso é admirável, estupendo, surpreendente! — exclamava o lord entusiasmado ao contemplar aquele majestoso brilhante.

Mas Jeremias tomou de novo o diamante e disse:

Ashwood ajeitou-se no seu lugar da carruagem e tirando de uma prateleira uma anfora com licor, ofereceu um brinde à saúde da nova sociedade. Clarisa limitou-se a lembrar que agora os três eram perfeitamente amigos...

— E a propósito, que fizeste com aquele garoto que te acompanhava? perguntou lord Ashwood.



Jeremias Fox tinha, finalmente, em suas mãos, o precioso diamante. Juanito estava feliz porque proporcionava alegria ao seu protetor...

— Matei-o para que não continuasse a preocupar-me — disse Jeremias, olhando atentamente para o casal.

— Crianças são sempre aborrecidas! — respondeu Clarisa.

— Era um garoto muito malcriado... — Lembro-me que certa vez deram um vaso de vinho sobre o meu traje novo, comentou Lord Ashwood. E ficou furioso porque te chamei de ladrão... Lembras como te defendias?

— Se lembro — murmurou Jeremias com uma nuvem negra na consciência. E sem ouvir nem fazer caso das palavras que lhe dirigiam seus interlocutores, enfiou a cabeça pela janela, gritando ao cocheiro:

— Páre!

— Que vai fazer? — perguntou Ashwood, surpreendido.

— Precisamos voltar, explicou Jeremias. E quando o cocheiro freou os cavalos, desceu do veículo ordenando-lhe que desse meia volta.

— Estás louco, Fox — gritou Ashwood. Eu não voltarei.

(Continua na página 54)

(Moonfleet)

Entrecho baseado no filme da M.G.M., de uma novela de J. Meade Falkner.

INTERPRETES:

Jeremias Fox	STEWART GRANGER
Lord Ashwood	GEORGE SANDERS
Lady Ashwood	JOAN GREENWOOD
Sra. Minton	VIVECA LINDFORDS
Juan Mohune	JON WHITELEY
Gitana	LILIANE MONTEVECCHI
Félix Ratsey	MELVILLE COOPER
Elzevir Block	SEAN MC CLORY

Direção: FRITZ LANG



EM JUAREZ, no México, a toureira Bette, atingida por um feroz Miura, jaz caída por terra. Não fôra a pronta intervenção de seus quadrilheiros, e Bette — uma das maiores mulheres-toureiro do mundo — teria sido morta.



EM MILÃO, por essas semanas, se reuniram, por ocasião da terceira exposição de «Artistas da Itália», inúmeros grandes pintores da penín-

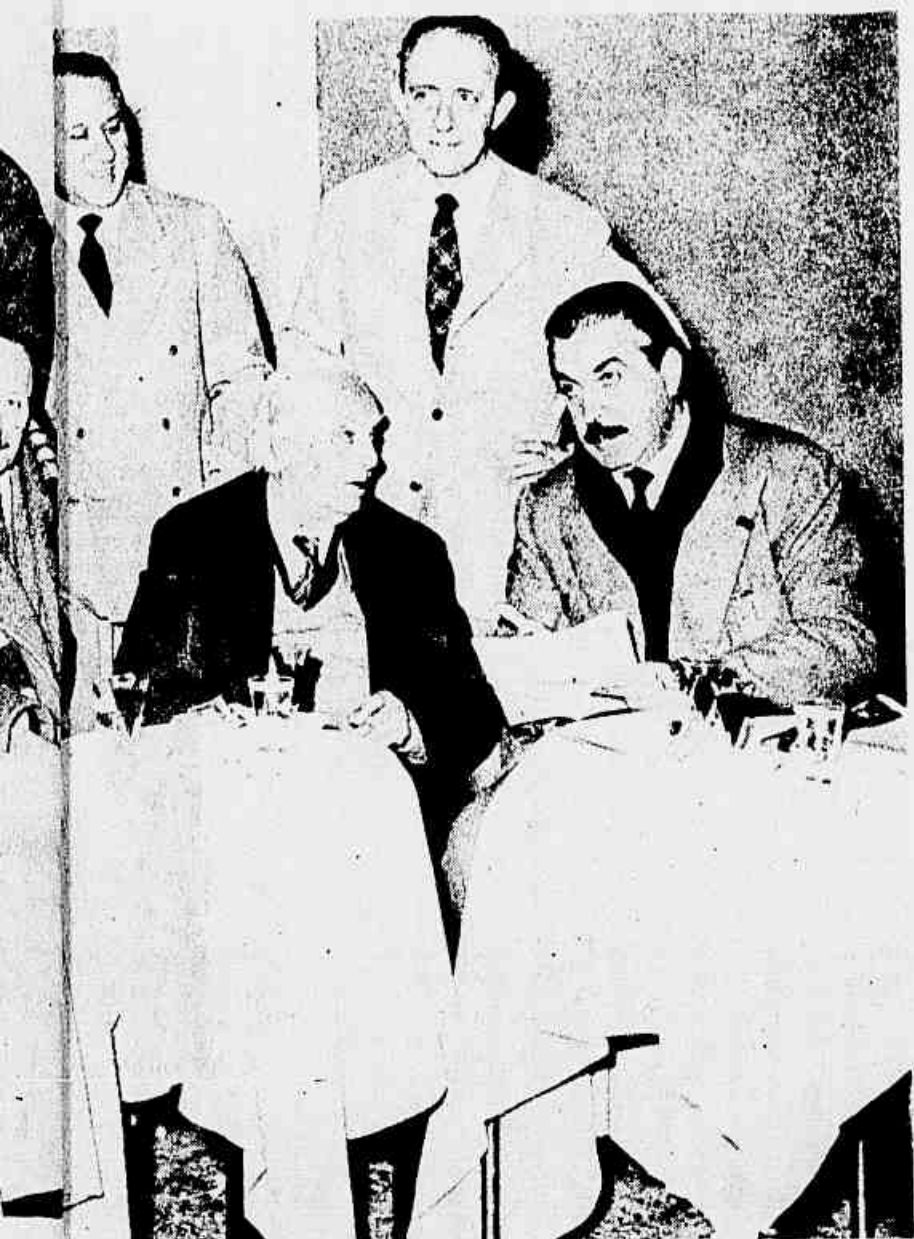
POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



COMEÇAM OS SUECOS a treinar com afincos para os Jogos de Inverno a serem realizados na Itália. Esse tipo de esqui, por exemplo, invenção sueca, permite que se atravessem ruas e calçadas sem que os esquis tenham de ser tirados.

WALTER GIESEKING, o grande intérprete de Debussy, sofreu um acidente automobilístico, há pouco, na Alemanha. Sua esposa, que aqui aparece ao lado do famoso pianista, teve morte imediata. Walter perdeu a memória, mas voltará a tocar.





sula. Vêem-se, a partir da esquerda, entre outros, De Chirico (o 2º), Carrá (o 4º), e, em 2º plano, Morelli (o 2º) e Monachesi (o último).



O BAIKO EZIO PINZA e sua esposa, a ex-bailarina do Met Doris Pinza assiste a uma ópera no grande teatro novaiorquino. Pinza tem 60 anos, mas assim mesmo continua sendo um dos maiores cantores líricos de seu registro.



UMA MODESTA moça inglesa acaba de desposar um dos maiores ricos norte-americanos: Dixon Gannett, filho de um magnata da indústria automobilística mundial. Mais uma vez se repete a conhecida história da Gata Borralheira.



UM DRAMA de grandes proporções, que felizmente não terminou de maneira trágica, foi o presenciado pelos habitantes da pequenina localidade de Faenza, na Itália, quando o menino Gulatiero Lodi, de dez anos de idade, precipitou-se em um poço de dezoito metros de profundidade, ali permanecendo durante algumas horas, até que seus companheiros de travessuras e vigias o foram retirar do poço. Eis três detalhes da operação: acima, o local em que Gulatiero tombou; o momento em que seu salvador o trazia nos braços; e o pai da criança, ao tomá-lo, à boca do poço.





Rio de Janeiro

HORÁRIOS (Ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda

AZ450 - EB -

38

VIAGENS POR DIA cada meia hora

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 11 E 17 DE FEVEREIRO DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O meio astral da semana será muito melhor para o leitor. Os perigos do período anterior estarão afastados inteiramente, podendo entregar-se com absoluta segurança às tarefas, mesmo as mais árduas, do seu trabalho.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Melhor influenciado durante a semana que se aproxima, o leitor terá maiores e melhores oportunidades para realizar os projetos e alcançar a realidade das suas aspirações.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os astros dispensarão ao leitor, olhares os mais simpáticos e prometedores. Haverá influxos harmônicos em todos os setores do seu horóscopo, o que lhe prenuncia uma semana cheia de bons acontecimentos.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — As incompatibilidades não medrarão durante a semana. O ambiente astral será de molde a inspirar simpatia e um largo espírito de tolerância. No meio dos acontecimentos, o leitor se acomodará bem.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Suas atividades profissionais serão muito favorecidas durante a semana. O leitor terá a solução desejada e justa dos negócios em andamento e conseguirá o seu preço e o seu ponto de vista.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — A semana imporá certas limitações. Na vida sentimental, por exemplo, não haverá chance, o mesmo acontecendo na vida conjugal ou doméstica. As questões econômicas e financeiras, porém, estarão bem favorecidas.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A semana será ótima para a elaboração de planos, para projetos e constituição de sociedade. Favorecerá, igualmente, a emissão de títulos e a obtenção de empréstimos.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Tudo o que, no seu caso, for feito durante a semana em destaque, dará bons resultados. As casas ativas do seu horóscopo receberão aspectos de harmonia fundamental, desfrutando, por consequência, uma ambiência altamente benéfica. Aproveite bem a oportunidade para o reajuste financeiro de que precisar.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O momento lhe exigirá maiores atividades e uma soma mais elevada de sacrifício, dada a posição ingrata do planeta que lhe comanda o destino. A crise, porém, será de curta duração, não indo além do dia 15.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os astros se mostrarão contrários no início da semana. Durante os dois primeiros dias, o leitor não conseguirá coisa alguma. Tudo mudará, porém, a partir do terceiro. As condições ambientes serão inteiramente modificadas, no seu proveito.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O influxo planetário da semana não será encorajador. O melhor, no seu caso, será o adiamento das questões de maior importância, para melhor oportunidade. Deixe passar esse período.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Faça as solicitações que entender, sem abuso e sem excessivo otimismo. Todas as possibilidades militam ao seu lado. Seu magnetismo pessoal, seu poder de insinuação está e estará ainda por alguns dias, no auge do seu poder de emissão.

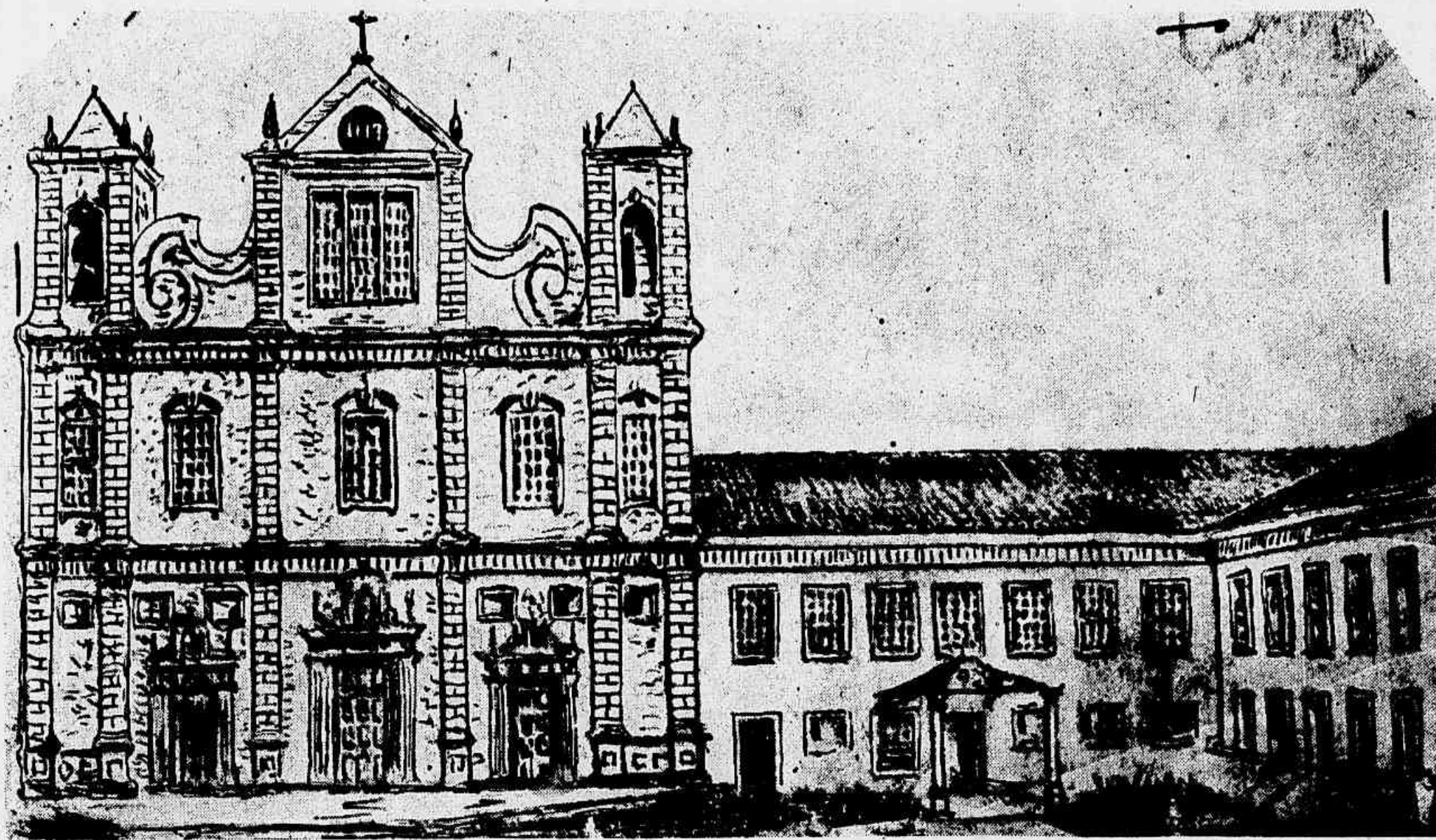
OS NOMES DA SEMANA

Fevereiro, 11	—	Décio	—	Djanira.
" 12	—	Camilo	—	Ruth.
" 13	—	Damião	—	Damiana.
" 14	—	Melquíades	—	Josela.
" 15	—	Tancredo	—	Rilda.
" 16	—	Januário	—	Lícia.
" 17	—	Marcelo	—	Débora.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Fevereiro, 11	21°	44'	44"	(Signo do Aquário)
" 12	22°	45'	20"	(" " ")
" 13	23°	46'	8"	(" " ")
" 14	23°	46'	48"	(" " ")
" 15	25°	47'	26"	(" " ")
" 16	26°	48'	3"	(" " ")
" 17	27°	48'	38"	(" " ")



A IGREJA — atual Catedral — e o Colégio dos Jesuítas da Bahia. Gravura do Século XVII.

A MEDICINA COLONIAL DO BRASIL

EDUARDO TOURINHO

DE Portugal chegavam ao Brasil Colônia raros «cirurgiões» e «práticos» para — na empírica medicina da época — curar enfermos com sangrias e jejuns. Os jesuítas ofereciam a famosa «Triaga Brasília», «que grande gasto tinha por ser pronto o seu efeito» — tal informa o desembargador Francisco Antônio Berquó de Oliveira, que na Bahia arrolou os bens dos inacianos quando do decreto de expulsão assinado por Pombal. Os índios contribuíam com suadouros, óleos e ervas de seu conhecimento... Na Bahia de 1684 e na semana em que subiu ao púlpito para recitar a oração fúnebre pela rainha D. Maria Francisca de Sabóia, o padre Vieira pôs sangrado cinco vezes. Mas em 1798, José Xavier de Oliveira Dantas — cirurgião-mor do 4º Regimento de Milícias composto de «homens pardos», tal éle mesmo o era — requeria da Metrópole a transformação em **Aula Régia** do curso de ensino médico que instituíra na Cidade do Salvador. Os informes do então governador D. Fernando José de Portugal desaconselharam a medida.

Na sua passagem pela Bahia, resolveu-se o príncipe regente que veio a tornar-se D. João VI a instituir o ensino médico no Brasil. Inspirou-o o dr. José Corrêa Picanço, depois barão de Goiana. De Lisboa viera com a família real e foi Cirurgião-Mor do Reino e do Conselho. A 18 de fevereiro de 1808, uma carta régia autorizou a criação do Colégio Médico Cirúrgico da Bahia. Destinava-se a ensinar «não só a Cirurgia propriamente dita, mas a Anatomia como base essencial dela e a Arte Obstétrica, tão útil como necessária». A 17 de março, foi o Colégio instalado no então Hospital Real Militar, que era contíguo ao Colégio dos Jesuítas e à esquina da rua das Portas do Carmo, no chamado Terreiro de Jesus. Outro Colégio foi, em seguida, aberto no Rio de Janeiro. Depois, tocou a vez aos cursos jurídicos de Pernambuco e S. Paulo; às escolas de Belas Artes e de Música, na Corte; às de ensino técnico profissional, para formação de artífices.

No Colégio da Bahia — começado com as lições de «cirurgia especulativa e prática» do dr. Manuel José Estrêla — os estudos tinham a duração de quatro anos e os alunos, chamados «Praticantes», pagavam seis mil réis por todo o período. Findo o curso e obtido o «Certificado», prestavam exame ante o Físico-Mor do Reino e — aprovados — podiam «dignamente encarregar-se da saúde pública». Dos primeiros oito anos da vida do Colégio, não há documentação conhecida. Mas em 1815 o curso foi reformado pelo dr. Manuel Luís Álvares de Carvalho, que dirigia os Estudos de Medicina e Cirurgia na Corte e Reino do Brasil. Passou a ter, nos cinco anos de duração: química farmacêutica, anatomia e «matéria médica», no primeiro ano; fisiologia, no segundo; higiene, patologia e terapêutica, no terceiro; operações e obstetrícia, no quarto; medicina prática, no quinto.

O Colégio, por sua vez, foi transferido para o Hospital da Santa Casa de Misericórdia — Hospital de S. Cristóvão — que, em 1893, ao mudar de sítio mudou de nome e tornou-se o atual Hospital de Santa Isabel. As casas de Santa Misericórdia — instituídas em Portugal por D. Manuel, em 1498 — foram ideadas por frei Miguel Contreiras, confessor de D. Leonor, viúva de D. João II. No Brasil, a primeira foi fundada em Santos, por Braz Cubas, em 1543. A segunda — no Rio de Janeiro — deve-se à inspiração de Anchieta. A da Bahia nasceu entre 1557-72, durante o fecundo governo de Mem de Sá. Ao morrer, o grande terceiro governador do Brasil legou à Misericórdia a soma de oitenta mil cruzados. Sucedeu — na Bahia — à enfermaria dos tempos de Tomé de Souza, «onde se curavam não só os enfermos da cidade como os que aí aportavam».

Em 1825, um professor do Colégio Médico Cirúrgico ganhava cinquenta mil réis mensais e, um «substituto», vinte e cinco. Mas, da casa, saíram médicos como Francisco Sabino da Rocha Vieira — epônimo de A SABINADA — e como Jônatas Abbot, criador do Museu Anatômico ambos, depois, professores da já Faculdade de Medicina. Instituiu-a a reforma de 1832, que o sábio Gonçalo Moniz — na excelente **A MEDICINA E SUA EVOLUÇÃO NA BAHIA** — aponta como das melhores levadas a cabo no Brasil. E, dela, também saíram os facultativos que cuidaram dos feridos nas lutas da Independência e nos movimentos revolucionários da Bahia na primeira metade do século passado. Nas MEMÓRIAS, de Anselmo Ferreira e Malaquias Alves dos Santos, como no largo **ESBOÇO** do professor Otávio Tôrres, encontram-se preciosos informes a respeito. Em 1905, incendeia-se o casarão dos inacianos e, na fogueira, ardeu a biblioteca da Faculdade de Medicina, estimada em quinze mil volumes. Restaurada cuidadosamente, possui agora trinta e cinco mil entre obras científicas e as teses de doutoramento.

As aspirações da Bahia pela posse de uma Universidade, remontam ao século XVII. Em 1654, o Senado da Câmara — através de Gregório de Matos, seu procurador junto às Cortes de Lisboa — pedia à Metrópole despacho das petições enviadas nesse sentido. Em 1674 e em 1681, voltou a insistir no assunto... Em 1809, finalmente, ao Príncipe Regente e em nome dos moradores na Cidade do Salvador e seu Recôncavo, renovou a Câmara a solicitação. Muitas contribuições particulares eram oferecidas para a manutenção da Universidade. Mas só em 1946 — trezentos anos depois — o velho sonho se transformou em realidade e a Universidade da Bahia iniciou sua útil existência.



IMPÉRIO SERRANO
UNIVERSIDADE
DO SAMBA



Numa «Escola de Samba», «Porta-Estandarte» é função de grande responsabilidade. Lugar disputado por muitos, depende, entretanto, de capacidade criadora para os movimentos de evolução. E' necessário coordenação perfeita entre o par, e uma «jinga» especial. A seleção é feita criteriosamente.

Segrêdo dos mais bem guardados, o "Enrêdo" para o desfile — quase 2 milhões de despesas para um auxílio de 6 mil — "Pau no Couro", "Ferro no Ferro" e "Mão no Couro", a pitoresca designação da Bateria

Reportagem e fotos de W. GUARNIERI

POR paradoxal que pareça, uma «Escola de Samba» é um «estabelecimento» austero. Ali não se brinca, ali não se namora. **Samba-se** apenas.

Quando a «Escola» abre suas portas para os intermináveis ensaios pré-carnavalescos, então, a coisa assume aspecto de verdadeiro ritual mormom.

A primeira batida do «surdo», que faz a «marcação» do samba, a legião de adoradores, compenetrados, transfigura-se, como por artes de magia. A partir do instante sagrado, cessa tudo na «Escola de Samba». O frenesi da «batacada» ao grupo todo envolve, num repente, como se sacudido fôsse o grande tapêto da multidão impaciente.

O samba chegou. E' assim que ele chega na «Escola de Samba Império Serrano», pentacampeão do carnaval carioca, e considerada pelos entendidos como a «Escola-modelo» do samba brasileiro.

— Uma «Escola» de **crasse** tem que **ficá nas grimpas**, seu moço! — E' assim que nos saúda a

subida do morro, o moleque retinto que «vai tomá conta do carro», **juntamente com outros dezenove colegas...**

A rua estreita, esburacada é totalmente escura àquela hora da noite, está congestionada de carros luxuosos. E' a «gente bem» que vem assistir aos «ensaios».

A subida do morro é penosa. Uma trilha sinuosa e a «escadaria» improvisada de pedras amontoadas, à guiza de degraus, está apinhada de gente. Na maioria, moças e rapazes das zonas «chics», que sobem correndo os primeiros lances e sentam-se trôpegos à margem para descansar. São 500 metros de percurso até o alto, de onde nos chega, agora, o ruído cadenciado da «bateria» serrana. A estridência exagerada de um instrumento que lembra a batida de ferro em caneca de alumínio, lere os ouvidos do visitante, antes mesmo dêle atingir ao cume. Um enorme galpão de madeira, coberto de zinco, chão de cimento, mesas e cadeiras modestas por volta — é ali a sede da «Império Serrano» no alto do morro da «Serrinha», entre Ma-

dureira e Vaz Lobo, subúrbios populosos do Rio escaldante.

A nossa chegada, um apito breve e estridente se lêz ouvir e a «batacada» cessa incontinentemente. Fôramos identificados pela máquina fotográfica e nos vem receber, solícito, o representante oficial da «Escola» — «mestre» Aniceto.

Pelo recinto espalham-se umas duzentas pessoas, mas ainda é cedo para começar, porque o «mestre de harmonia» ainda não chegou.

A «bateria» recomeça o seu ritmo nervoso e a conversa fica difícil.

COMO NASCEU A «IMPÉRIO SERRANO»

— «Moço, não é pra nos «gabá», não. Mas a nossa «Escola» já nasceu vitoriosa. Desde o primeiro ano de fundação, em 1948, fomos campeões do carnaval. Levantamos, seguidamente, o mesmo título em 49, 50 e 51, com 2 «vices» em 53 e 54, e novamente campeão em 55. **Mestre Aniceto** exibe um riso franco e faz questão de acentuar que tem **muita consideração e respeito**

Império Serrano, Universidade do Samba



«A «gente-bem» atrapalha o samba» — é a queixa geral. Nas vésperas do carnaval quando os ensaios exigem muita concentração, os «grã-finos» perturbam a boa marcha dos trabalhos. «Se eles ficassem quietinhos, ainda vá lá...» Mas, nem todos resistem ao samba, como acontece com o grupo acima, onde aparecem o escultor Sérgio Camargo, a poetisa Edna Savaget, a cronista Eneida e o escritor Renard Q. Perez. EM BAIXO: Muito embora apenas a melodia do samba seja trauteada, os componentes da «Império Serrano» põem todo o sentimento na voz.



Há o «surdo» de «marcação» e o de «repinica». O primeiro, numa vibração longa, amortecido

pelas outras «Escolas», principalmente Mangueira, Salgueiro e Portela.

De uma cisão de veteranos elementos da antiga «escola» «Prazer da Serrinha», localizada no mesmo morro, nasceu a «Império Serrano». E seu rápido sucesso se deve à figura soberana do primeiro «cidadão samba» do Brasil — Elói Antero Dias.

Hoje, ali pontificam as «sumidades» do samba nacional. São os heróis anônimos dos carnavais brasileiros, nomes sem relêvo nem expressão para o grande público: **Molequinho**, **Gradim**, **Fuleiro**, **Mocorongo** e muitos outros, verdadeiros autores de melodias de sambas famosos, muitos deles negociados, modestamente, por afortunados cartazes da música popular brasileira. Mas, a esses mestres não importa a fama; o samba lhes nasce na alma e lhes vem à boca



com a mão, e o outro com o «repinicar» da vaqueta. Os «surdos» fazem parte da «bateria» e se incluem entre o instrumental chamado «pau no couro», é o «centro nervoso» do ritmo da escola.

para cantar — primeiro para a «suã» escola e depois... para quem quiser.

«BATERIA» — CORAÇÃO DO SAMBA

Aproveitando uma pausa na «batuçada», mestre Aniceto leva-nos para junto da «bateria» e identifica para nós os instrumentos, acrescentando, entre misterioso e envaidecido:

— Desta vez, abandonamos o «triângulo» e a «frigideira», porque a «Império Serrano» todo ano faz inovações do seu instrumental. Nesse particular somos pioneiros.

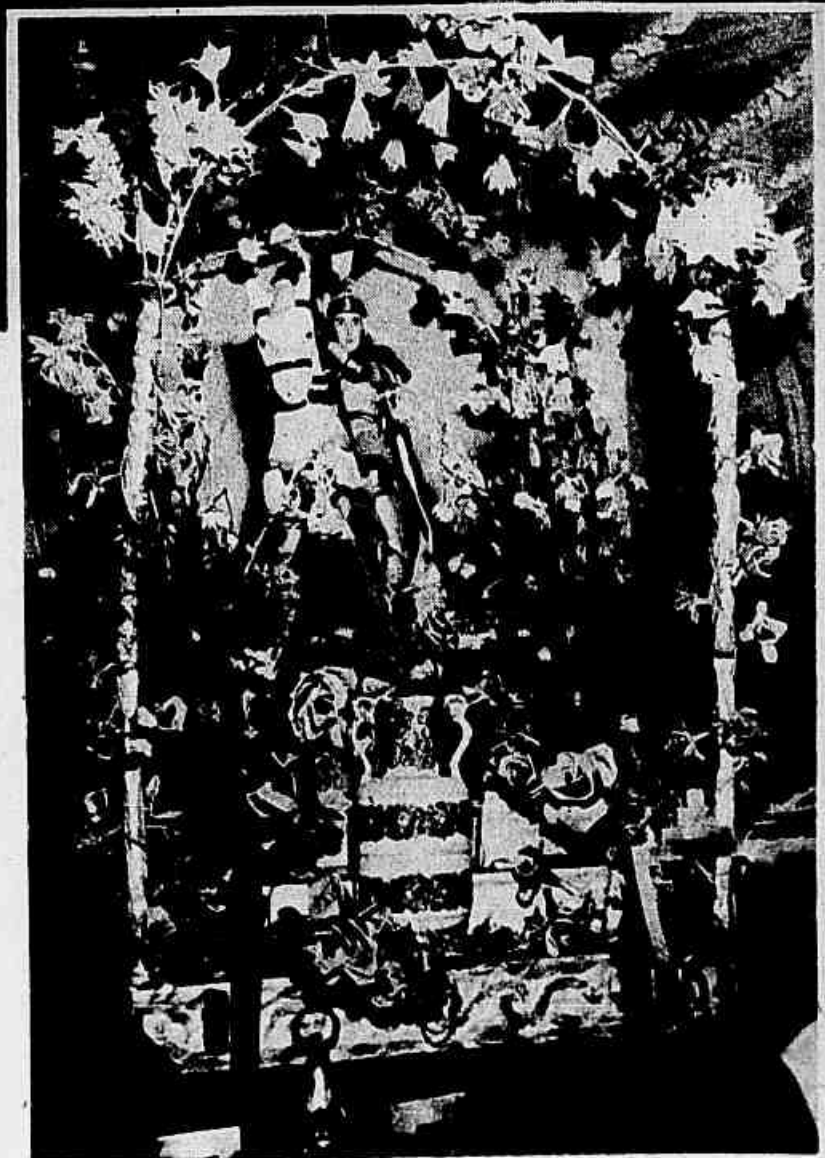
Somos apresentados ao «Bita» (Alcides de Oliveira), que dirige a «bateria» e que nos faz autêntica dissertação sobre a sua especialidade:

— Em «Escola de Samba» não se usa instru-

mento de sopro. Nós aqui só empregamos 3 espécies: «pau no couro» (tamborim, surdos), «ferro no ferro» (Agogô, reco-reco) e «mão no couro» (pandeiro). Temos, ainda, dois novos instrumentos, que irão entrar em grande número, mas peço desculpas ao amigo por não lhes poder dizer os nomes — é segredo da «Escola». Todavia, tradicionais podem ser considerados o «surdo», «farol», «tamborim», «pandeiro», «reco-reco», «agogô», «ganzá», «atabaque», «frigideira», «triângulo» e a «cuíca».

MISTÉRIO E SEGREDO

Adivinha-se, a cada passo, o mistério e o segredo que encobre aquela organização. O «Samba do Enredo» (que se inicia a seguir) não é cantado nos «ensaios»; apenas, a melodia é





ATÉ AS VÉSPERAS DO CARNAVAL, A LETRA DO "SAMBA DO ENRÊDO" É O SEGREDO MAIS BEM GUARDADO DE TODA

rauteada para memorização. A letra só lhes é dada para cantar, dois dias, antes do carnaval.

Quanto ao «enrêdo» com que se irá apresentar para a disputa do título — constitui o mais absoluto segredo, vedado inclusive a muitos dos principais dirigentes da escola. O «tema» — contado em fantasias e cânticos — deve versar, obrigatoriamente, sobre episódios de nossa História Pátria. «Primeira Missa», «Tiradentes», «Baile da Ilha Fiscal», «Caxias» e «Marquesa de Santos» deram a vitória a «Império Serrano» nos carnavais passados. Jamais o tema poderá abordar a política, pois isso implica em desclassificação e punição severa por parte da «Associação Brasileira das Escolas de Samba», organização que zela pelos interesses da classe.

A confecção das fantasias é feita em sigilo. O componente das diversas «alas», entrega apenas o dinheiro (que às vezes atinge a 4 mil cruzeiros) ao diretor geral e este encomenda à costureira o feitiço. A prova é tomada, individualmente, e o interessado ao atelier comparece para vesti-la... **de olhos vendados.**

Nem mesmo na hora de **descer para a cidade**, os próprios integrantes podem adivinhar o tema, a «marcação» dos respectivos lugares lhes é ordenada em segredo. E a barafunda de fantasias não lhes dá coordenação possível, pois cerca de 2.500 pessoas compõe o «enrêdo».

Somente, nas proximidades da Praça Onze, no dia do desfile, é que se pode fazer idéia da coisa, já todos os membros nos lugares respec-

tivos, formando, pela seqüência natural, a «marcha» que o público e as autoridades vão julgar.

No carnaval, as «Escolas de Samba» disputam 2 títulos distintos: o **principal**, para as 3 primeiras, no super-tablado armado na Avenida Presidente Vargas; e o de «**consolação**», para as 3 últimas, no tablado da «Praça Onze».

COMO FUNCIONA UMA «ESCOLA DE SAMBA»

Dividida em «alas» (femininas e masculinas), que na «Império Serrano» atinge ao elevado número de 57, tendo em média 50 integrantes cada uma, a «Escola» tem por principais dirigentes (além da diretoria administrativa que superintende e cuida da burocracia) — **um diretor**

DOIS MILHÕES PARA DESFILAR NA AVENIDA — E



O «chocalho», além do acompanhamento do ritmo exige, também, habilidade coreográfica do seu tocador. Para cada instrumento da «bateria» há uma legião de «reservas».



O custo das despesas com fantasia, instrumentos, bandeiras, cordas, etc., atinge a quase 2 milhões de cruzeiros na «Escola Império Serrano». O auxílio oficial é de 6 mil apenas.



A "ESCOLA". SÔMENTE A MELODIA É TRAUTEADA PARA MEMORIZAÇÃO. É ASSIM NA "ESCOLA IMPÉRIO SERRANO".

de harmonia, encarregado de treinar o pessoal na aprendizagem das melodias e dos tons a serem modulados; um **diretor de bateria**, que tem a missão de orientar a «bateria» da «Escola», adaptando-a ao samba escrito especialmente para o tema; e o **fiscal geral**, uma espécie de diretor-executivo a quem cumpre zelar pelo cumprimento das «ordens».

Nos ombros desses 3 personagens é que recai a responsabilidade do sucesso ou do fracasso no dia do desfile triunfal.

Muitos meses antes do carnaval, (enquanto a «Escola» funciona, de acordo com os seus estatutos, como centro recreativo e cultural, promovendo excursões e organizando bailes e festas comemorativas) estes 3 homens vem se reu-

nindo, semanalmente, em segredo — o objetivo é a escolha do «enredo» para o próximo entreato. Depois de muita discussão e estudo — acertado o «tema» — entra em função a «**ala dos compositores**». É preciso o quanto antes, criar a melodia e escrever a letra. Não é tarefa das mais fáceis, porque vai depender da aprovação de toda a diretoria que, muita severa no julgamento, chega a rejeitar, por vezes, 30 sambas antes de escolher o definitivo.

Só depois, então, resolvido esse problema, é que se vai cuidar da confecção das fantasias.

2 MILHÕES DE DESPESAS

As fantasias, muito embora não sejam luxuo-

sas, dão muito trabalho as costureiras e aos alfaiates especializados. As despesas com a organização de toda a «Escola», incluindo a compra de instrumentos, confecção de bandeiras, atinge na «Império Serrano» a fabulosa quantia de 2 milhões de cruzeiros.

O auxílio oficial, distribuído pela Prefeitura do Distrito Federal, é de 5 a 6 mil cruzeiros, em média, para cada «Escola», o que não lhes dá nem para comprar o «estandarte»...

Mas, isso em nada diminui o ardor daquela gente que faz do samba o que o samba é, e que leva para as ruas o ritmo e o entusiasmo das «Escolas de Samba» — orgulho do carioca, vaidade do brasileiro, dono incontestado do «melhor carnaval do mundo».

O AUXÍLIO OFICIAL É DE SEIS MIL CRUZEIROS...



A «ala» feminina comparece, com pontualidade religiosa, a todos os ensaios pré-carnavalescos. A disciplina da «Escola» é rígida. Ali, não se brinca nem se namora. Samba-se.



A «grã-fina» deu um «show» acompanhando a «bateria» com «agogô», um dos instrumentos de mais difícil execução. A «Império Serrano» aboliu neste carnaval o emprêgo da «frigideira».

UM LIVRO

Palavra-puxa-palavra em Drummond

● **DECIDIDAMENTE**, parece que, em matéria de ensaios, os brasileiros começam a fazer algo de aproveitável. Desde que Augusto Meyer publicou, há cerca de ano e meio, o seu «Bateau Ivre — Análise e Interpretação», que o interesse pelo gênero, que nunca teve grandes adeptos entre nós, redobrou. Ao excelente estudo de Augusto Meyer sobre o poema rimbaudiano, seguiu-se o trabalho de Léo Ivo, «O Prêto no Branco», em que era analisado um ângulo até certo ponto inédito da personalidade de Manuel Bandeira, através de um de seus mais belos poemas. Agora, é Othon Moacyr Garcia — nome certamente pouco conhecido de nossos leitores — quem, rompendo um silêncio de muitos anos, apresenta essa «Esfinge Clara» (1) examinando, com conhecimento e paciência, o método da «palavra-puxa-palavra» na poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Essa «palavra-puxa-palavra», associação semântica, ou paronomástica, segundo Othon Moacyr Garcia, não é um recurso novo, mas, em mãos de Drummond, adquiriu importância extraordinária. Vejamos em que consiste, com um exemplo citado pelo próprio Othon Moacyr Garcia:

1. O rosto no TRAVESSEIRO,
2. escuto o tempo fluindo
3. no mais completo silêncio.
4. Como REMÉDIO entornado
5. em camisa de DOENTE;
6. como dedo na PENUGEM
7. de braço de namorada;
8. como vento no CABELO
9. fluindo: fiquei mais moço.

Segundo o ensaísta, a idéia sugeridora inicial é TRAVESSEIRO, implicitamente associada à de CAMA, subentendida; CAMA recorda REMÉDIO, que por sua vez é sugerido, reversivamente, por DOENTE. PENUGEM sugere CABELO (penugem — pêlo — cabelo), e se relaciona com PENA, que tem ainda relações com TRAVESSEIRO.

Os exemplos acima pertencem ao poema «Desfile». Porém, Othon Moacyr Garcia cita inúmeros outros, extraídos de «Os Rostos Imóveis», de «Consideração do Poema», de «Uma Hora e Mais Outra», etc., etc. E, antevendo a crítica daqueles que certamente não de dizer que a linguagem poética é, naturalmente, essencialmen-

te, um processo associativo, e que a Poesia, sendo constituída em sua maior parte pela metáfora — que é uma transposição ou uma comparação de idéias — não pode passar sem tais métodos associativos, acrescenta Othon Moacyr Garcia que, na poesia drummondiana, essa associação vai levada a um grau tão amplo, que lhe imprime um caráter peculiar, único. Para finalizar, reproduziremos mais um exemplo dos vários citados no livrinho, exemplo verdadeiramente convincente, extraído do poema «Canto ao Homem do Povo Charlie Chaplin»:

negro — treva — escuro do beco — cogumelos noturnos — cartola — sol negro — noturno cidadão — república enlutada — tenebroso — viúvo — corvo.

O livro de Othon Moacyr Garcia é, a nosso ver, um meritório esforço no sentido de penetrar as bases mesmas da poesia de Carlos Drummond de Andrade, e nos revela um ensaísta do qual ainda muito poderemos esperar.

1 — «Esfinge Clara» — Othon Moacyr Garcia. Livraria São José, Rio de Janeiro, 1955. 78 páginas. Cr\$ 30,00.

NOTAS

● Os vinte e cinco anos da morte de Graça Aranha passaram sem grande relêvo. Não fôra Renato de Almeida ter escrito alguns artigos em suplementos literários do Rio, e diríamos que o renome do autor de «Chacaran» está caindo em rápido olvido.

● Entregue o Prêmio Draut Ernanny, destinado a premiar a melhor monografia sobre Augusto dos Anjos, aos ensaístas M. Proença Cavalcanti e João Pacheco. Na mesma ocasião, Draut Ernanny instituiu 2 novos concursos: de monografias sobre José Lins do Rêgo e Gilberto Amado. Os prêmios são de 20 mil cruzeiros cada.

● De Coimbra chega-nos o volume de Gastão de Bettencourt, Tri-centenário da Restauração Pernambucana (O Sentido Luso Brasileiro das Comemorações), em que são estudados, com muita agudeza, alguns aspectos inéditos da Restauração em Pernambuco.

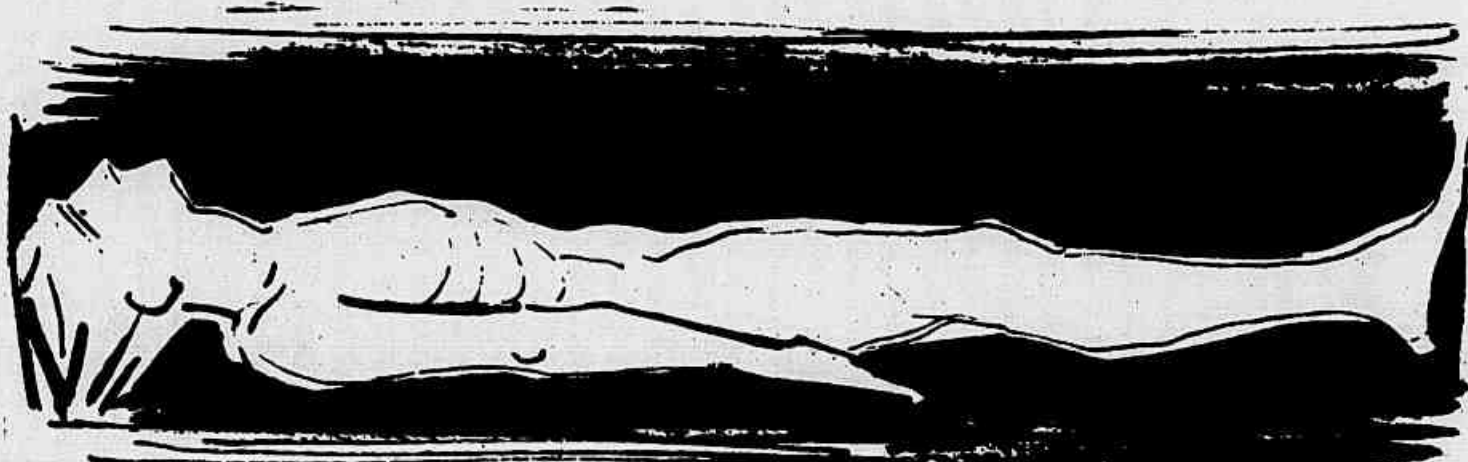
● Manuel Bandeira, após a «Maria Stuart» de Schiller, prepara para a José Olympio o «Othello» de Shakespeare. Ao mesmo tempo, em 3ª edição aparecem, na Coleção Rubayat, seus «Poemas Traduzidos».

● Morreu no Peru o poeta César Moro, um dos pioneiros da escola surrealista, e introdutor da tendência na América do Sul.

● João Cabral de Melo Neto editará brevemente suas poesias completas, sob o título «Duas Águas». Da coletânea fará parte um volume inédito, «Paisagem com figuras». Também Murilo Mendes e Augusto Frederico Schmidt editarão suas Obras Completas, em 1956.

● Gastão Cruls acaba de receber, no PEN Clube, o Prêmio Maria Luísa Cláudio de Souza, pelo seu romance «De Pai a Filho», que uma comissão considerou o melhor publicado em todo o ano de 1954.

● A venda de «A Carne», de Júlio Ribeiro, juntamente com a de «A Verdade Nua» de Luz del Fuego, vem de ser proibida pelo juiz de menores de Campinas, que assim dá mostras de conhecer não só o Código Penal, como também literatura, de vez que o romance citado é uma das piores coisas já publicadas entre nós.



PRECE

Senhor, deito-me na cama
Coberto de sofrimento;
E a todo o comprimento
Sou sete palmos de lama:
Sete palmos de excremento
Da terra-mãe que me chama

Senhor, ergo-me do fim
Desta minha condição:
Onde era sim, digo não,
Onde era não, digo sim;
Mas não calo a voz do chão
Que grita dentro de mim.

Senhor, acaba comigo,
Antes do dia marcado;
Um golpe bem acertado,
O tiro de um inimigo...
Qualquer pretexto tirado
Dos sarcasmos que te digo.

IGUEL TORGA

COMO MANUEL BANDEIRA, O GRANDE POETA BRASILEIRO, E ANDRÉ REVERSÉ, AFAMADO PIN-TOR E DESENHISTA, VI-RAM E INTERPRETARAM O CARNAVAL CARIOCA



2-53

O CARNAVAL INSPIRA DOIS ARTISTAS

MANUEL BANDEIRA é o grande poeta que todos conhe-cem. A nós, brasileiros, trouxe uma nova concepção de Poesia, que veio substituir os velhos moldes parna-sianos, já enxovalhados pelos anos. Há, de Manuel Bandeira, um livro (escrito em 1919, antes, pois, da revolução modernista) que versa exclusivamente sobre o Carnaval. Foi desse livro que

extraímos uns poucos trechos, destinados a ilustrar alguns desenhos do conhecido artista André Reversé, que se apaixonou de modo total pelo famoso Carnaval carioca, e nos deixou um magnífico álbum repleto de ilustrações de sua autoria, que valem por documento de alto mérito — "Estudo Carnavalesco", editado nesta capital.



*Fazendo à cantiga louca
Dolorido contracanto,
Por dentro borbulha o pranto,
Como outra voz de outra boca...*

*E rodam mais que confete
Em farândolas quebradas
Cabeças desassissudas
Por Colombina ou Pierrete...*



*E uma tristeza de tal sorte
Vem nessa pobre voz humana,
Que se pensa em fugir na morte
À miséria cotidiana*



*LACem-na toda, mullicores,
As serpentinas dos amores,
Cobras de lívidos venenos ...
Evoê Vênus!*

*Torvelinho no ar que alaga
O cloretilo e se toma
Daquele mesclado aroma
De carnes e de bisnaga.*



E rodam mais que com

CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

TIPOS E CORES

As cores, por mais em modo ou mais bonitas que sejam, não podem ser indicadas indiscriminadamente para todos os tipos de mulheres. A cor da pele, dos cabelos e dos olhos muito influem para que uma tonalidade realce ou não a beleza ou a personalidade.

3 AS MORENAS podem usar quase todas as cores vivas e brilhantes: vermelho, verde, rosa, preto, branco, azul rei... e ficam muito bem quando vestidas em tonalidades pastel. Estampados grandes e vistosos acentuam a vivacidade desse tipo. Importante é que escolham bem a cor do baton, rouge e esmalte de unhas.

3 AS LOURAS «douradas e coradas» podem acentuar o seu tipo com tonalidades que lembrem o brilho do sol: amarelo dourado, vermelho, verde mar, ferrugem, azul vivo, cinza azulado...

3 AS PLATINADAS e as grisalhas, se têm a pele clara, ficam ótimas de rosa ou de branco; tonalidades pastel muito claras; o bege claro e o cinza claro; e o negro acompanhado do branco. Estamparia pequenina e nunca exagerada.

3 AS CASTANHAS precisam usar cores que não as façam parecer «desbotadas». Para elas foi feito o verde e o azul esverdeado. O preto com toques de vermelho ou de verde. De um modo geral, cores vivas só nos acessórios, pois de outra forma ofuscarão a coloração dos cabelos e da pele.

Detalhes elegantes

SUGESTÃO PARA O LAR

As revistas de arquitetura e de decoração atualmente dedicam maior espaço a criações modernas. No entanto, existem muitas pessoas — e de bom gosto — que preferem decorar sua casa com móveis chamados «de estilo». O clássico, quando de boa qualidade, em madeira de lei, e acabamento caprichado, não sai de época e sobre o moderno tem a vantagem de ser mais estável, de não cansar. Na ilustração, vemos um ângulo de aposento com móveis estilo provençal francês.

Em amarelo ouro os reposteiros pesados, amarelo e vermelho a «chaise longue», vermelho o estofamento da poltrona de braços, e cinza o tapete macio que forra o chão. A sugestão é da decoradora norte-americana Hilda Kassell.

Se o seu vestido ficou curto ou se não ficou mas você está cansada dele costure por sob a bainha um babado bem franzido do mesmo tecido, ou então em cassa de «pois», ou listradinho. Faça o mesmo com um par de luvas da cor do vestido, isto é, pregue um babadinho em torno dos punhos. Terá um conjunto elegantíssimo para a tarde.

Para um vestido estampado, outra idéia: «corte» a saia com duas ou três barras em tecido numa das cores da estamparia. No mesmo tecido das barras e com tiras da mesma largura dessas dê laços e pregue-os sobre as barras, um pouco de lado, para dar a impressão de que as barras é que dão os laços.

Mesmo que você não tenha um conjunto de malas iguais, para sua viagem de férias, poderá remediar isso cobrindo-as todas as que possui com o mesmo tecido: lona, xadrez, por exemplo. Terá sua bagagem elegantemente acomodada.

Se o modelo que escolheu para seu vestido estampado tem uma faixa de fita negra no decote ou na cintura, não compre fita de veludo para isso. O veludo no verão não proporciona uma sensação agradável. Faça as faixas negras em cetim ou tafetás de algodão. O modelo ficará muito mais elegante, e tão em moda como com o veludo.

Se está de partida para as férias ou para simples fim de semana, lembre-se de colocar na mala ou na bolsa de viagem: alfinetes de segurança e de cabecinha; agulha, linha e alguns botões; lápis e caderno de notas.

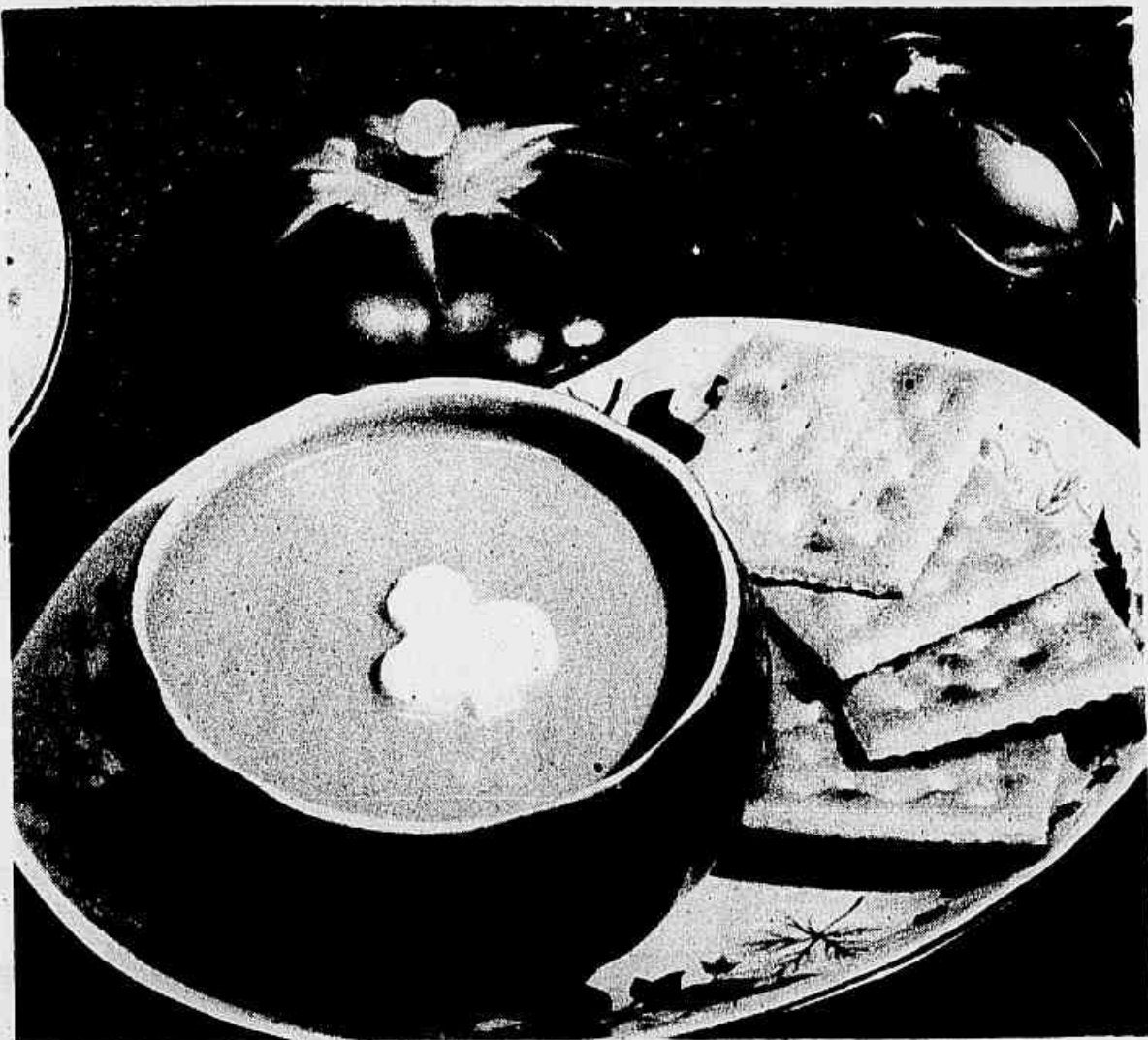
Mais ainda: uma caixinha com o indispensável para pequenos curativos, como picadas de inseto ou cortes ligeiros.

No verão, se você usa sapatos brancos, não se esqueça também de um vidrinho de líquido branco para retocá-los eventualmente.

Quase tudo isso pode estar permanentemente dentro de sua valise, assim como tesourinhas e chinelos de viagem. É menos coisa para pensar na hora de embarcar nos fins de semana.



WEEK-END NA COZINHA



A sopa de tomates é considerada uma das mais elegantes, mas param aí suas qualidades. Também é muito nutritiva, possuindo elevada dose de vitaminas. Pode ser servida quente ou gelada, e sob essa forma constitui prato apreciado no verão. Prepare-a assim:

1 — Esquente uma lata de creme de tomate condensado com a mesma quantidade de água. (Meça a água na mesma lata do creme de tomate).

2 — Numa outra panela prepare um molho branco, com uma colher das de sopa de manteiga derretida em fogo brando; refogue nessa manteiga uma colher das de sopa de cebola picadinha, tire do fogo e junte uma colher das de sobremesa de farinha de trigo. Misture bem e acrescente o creme de tomate diluído.

3 — Tempere com sal, pimenta e uma pitadinha de nos moçada. Deixe levantar a fervura mais uma vez, sem parar de mexer a sopa. Está pronta. Desejando-a fria prepare-a com antecedência e ponha na geladeira.

O enfeite que vemos na ilustração foi cortada num pedaço de queijo, com cortador de biscoitos. Depois de pôr a sopa nas panelas coloque o enfeite de queijo em cada uma.

SAIBA COMPRAR...

Você tem o guarda-roupa cheio mas... não encontra nada para vestir. Ainda que pareça um paradoxo, isso acontece com muitas mulheres que não sabem fazer suas compras pessoais. Têm uma porção de vestidos, sapatos e casacos, que, porém, ou não são apropriados para os lugares que frequenta, pois são destinados a ambientes ou ocasiões especiais, ou não combinam entre si e com os acessórios.

Não, a culpa não é dos vendedores das lojas que insistem tanto para que você compre. Ninguém é obrigado a adquirir o que não quer, e o vendedor está desempenhando o seu papel quando lhe afirma que «essa côr lhe vai muito bem», mesmo que não seja exatamente verdade. Verdade é que há vendedores que lhe sugerem acertadamente, porém, é você que deve saber o que lhe convém.

Quando adquirir uma peça de seu guarda-roupa pergunte-se a si mesma:

- Preciso mesmo disso?
- Serve-me como uma luva, ou será fácil pôr nas minhas medidas?
- Se o tecido encolher ao lavar há bastante na cintura, na bainha e dos lados para aumentar?
- Combina com os acessórios que uso geralmente?
- A côr vai bem com a do meu rosto e com a minha silhueta?
- Posso usar em muitas ocasiões diversas?

Se tiver dúvidas não compre.

Procedendo assim você não terá em seu armário: chapéus que usou uma vez e depois verificou não serem próprios para a rua; vestidos que comprou para uma festa e são impossíveis de reformar para o uso diário; sapatos elegantíssimos, sim, mas de saltos tão finos que raramente os calça. Bolsas e luvas que não combinam com coisa alguma...

PÉROLAS VEGETAIS

Pouca gente sabe que, além das pérolas encontradas nas ostras existem outras, não menos valiosas, achadas dentro de cocos, e muito maiores que as primeiras. No Museu Britânico existe uma pérola vegetal, com a forma de um ovo, de brancura límpida. Uma outra, que pertence a um americano de Boston, é iridescente.

Já no século dezessete um botânico deu de presente ao duque da Toscana um anel com uma pérola rosada luminosíssima, encontrada num coco. Essas pérolas estranhas, belíssimas, são achadas nas Filipinas, na Ásia e em alguns países africanos.



Deixe os braços caírem naturalmente por sobre a cabeça. Imprima ao busto um movimento em círculo. Dê, no mínimo, dez voltas para cada lado.

UM POUCO DE BELEZA



Levante os braços procurando o mais possível que fiquem paralelos à cabeça. Incline o corpo para um lado e para o outro, alternadamente.

Atenção à cintura

Se você quer conservar a elegância, dê atenção especial à linha de cintura, pois com a passagem dos anos esta tende a aumentar um pouco. Além de um regime contendo pouca gordura, que o seu médico poderá lhe indicar, faça também ginástica, diariamente. Damos hoje dois exercícios ótimos e que são os preferidos pela estrela da Warner, Dolores Dorn.



Nesta fotografia observa-se a disposição dos apartamentos destinados aos trabalhadores. À direita: Vista

O MAIOR NÚCLEO RESIDENCIAL DA

CERCA DE 1.362 APARTAMENTOS JÁ FORAM INAUGURADOS ★ O DISCURSO DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DA CASA POPULAR SOBRE O OPERÁRIO BRASILEIRO ★ OUTROS APARTAMENTOS (192) SERÃO ENTREGUES BREVEMENTE AOS MILITARES

EM prosseguimento à sua tarefa de amparar o operário brasileiro, no que diz respeito à habitação, a Fundação da Casa Popular vem de inaugurar 1.362 apartamentos confortáveis e especialmente construídos para os homens responsáveis pelo nosso desenvolvimento econômico. Como frisou o dr. Plínio Saboia Ribeiro em o seu importante discurso pronunciado por ocasião da solenidade de inauguração, «não é possível exigir maior rendimento do trabalho de quem vive atulhado em sórdidas favelas, sem água, sem luz, sem higiene e sem educa-

ção física, moral e intelectual, sem as quais não se pode haver o perfeito funcionamento do sistema democrático.»

O conjunto residencial de Deodoro abrigará cerca de 1.368 famílias de operários que, passando condignamente em verdadeiros lares, com todo o conforto, com transportes fáceis para suas atividades, estarão em breve habilitados a um sensível aumento de produção. Essas famílias, dentro em breve, serão providas de toda a assistência social necessária a transfor-

marem-se numa pequena população da cidade urbanizada, com majestoso grupo escolar, já pôsto em concorrência pela Prefeitura Municipal, um hospital, creches, «play-ground», campo de desportos, cinemas, mercados, enfim, todos os requisitos indispensáveis a uma sociedade digno do elemento propulsor da nossa riqueza, que é o trabalhador brasileiro. É essa a política que ora se firma nas democracias do mundo inteiro.

A criação da «Casa Popular», no Brasil constitui, como disse o dr. Plínio Saboia Ribeiro, a



O sr. Nelson Omega, Ministro do Trabalho, quando discursava. Da esquerda para a direita: Ministro do Trabalho Nelson Omega, representante do Presidente da República, major Luís Felipe Borges, dr. Plínio Pompeu, presidente da Fundação da Casa Popular e o representante do Ministro da Guerra.



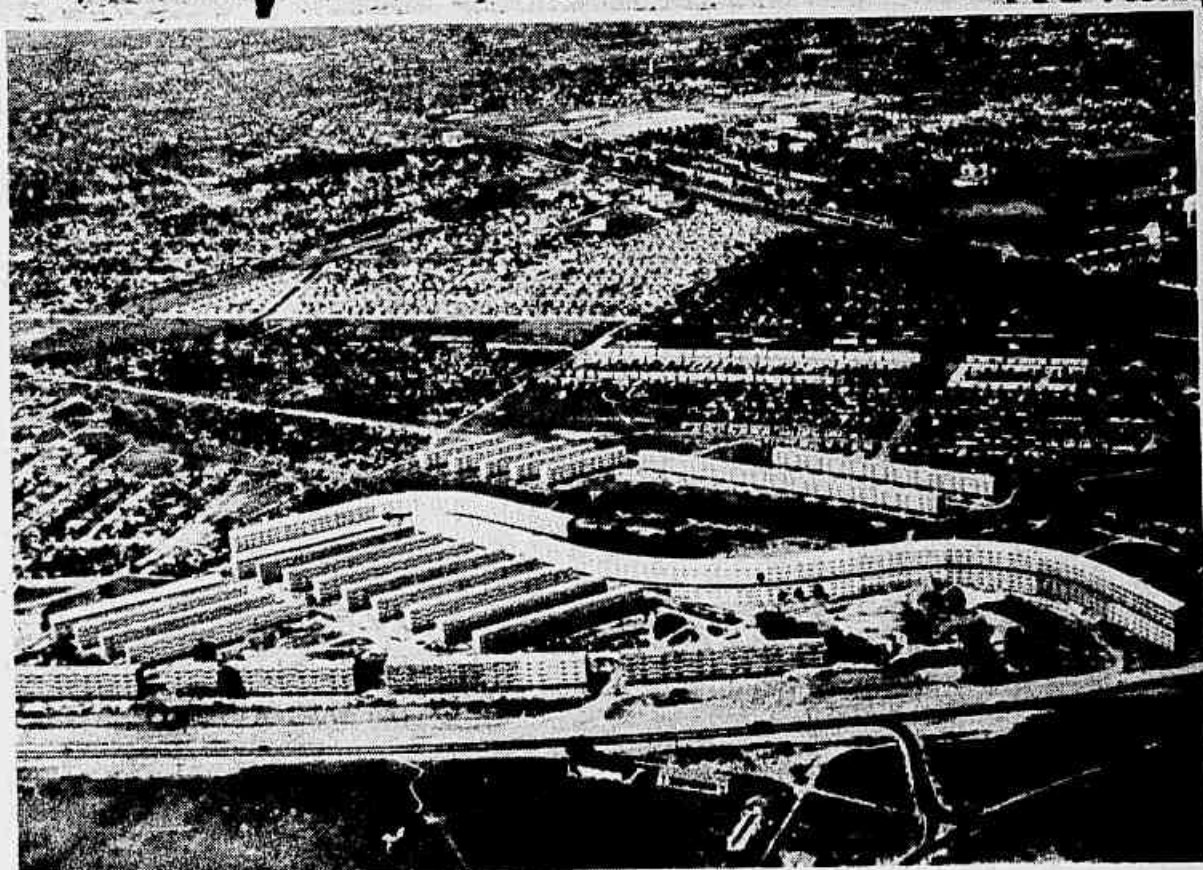
interna da cidade operária brasileira.

AMÉRICA DO SUL

Reportagem de E. MAGALHÃES

Fotos de N. VIANA

O gigantesco conjunto residencial de Deodoro.



efetivação de uma nova política sócio-educacional-econômica de maior relêvo para o fortalecimento da democracia, do desenvolvimento econômico e do equilíbrio social, tão necessário à paz e à prosperidade nacional. E, como complemento às leis trabalhistas, planejadas pelo preclaro Presidente Getúlio Vargas, houve por bem o ilustre Presidente Eurico Gaspar Dutra criar pelo Decreto-lei número 9.218, de 1º de maio de 1946, a Fundação da Casa Popular. Coube, entretanto, àquele estadista, a ordem para a construção da monumental obra que,

por um ato de justiça e reconhecimento, tomou o nome do seu idealizador — «Núcleo Presidente Vargas».

● CAPITAL E TRABALHO

«Se o progresso e a riqueza provém da iniciativa individual, não podendo existir sem o concurso da coletividade, a cada um deve caber a parte proveniente da sua contribuição. Na ordem econômica a produção e a riqueza são formadas pelo capital e trabalho. Qualquer

predomínio de um desses fatores traz desequilíbrio nefasto a ambos.

Se o capital predomina, sem remunerar o trabalho, nos seus justos termos, empobrece o trabalhador e a comunidade que, assim perde o poder aquisitivo, com prejuízo da produção. Se é o trabalho que tem uma remuneração exagerada, absorve o que acumulou, que é o capital, secando a fonte de produção. É necessário, pois, que haja equilíbrio sócio-econômico para a garantia individual e da coletividade.



O representante do Presidente da República, major Luís Felipe Borges, diz do seu entusiasmo por tão grandiosa obra. Ao seu lado vemos o sr. Nelson Omega, o dr. Plínio Pompeu e o representante do Ministro da Saúde. À direita: O dr. Plínio Pompeu, no momento em que pronunciava sua oração.

O maior núcleo...

o crescimento vegetativo da população. Quantos bilhões de cruzeiros está perdendo a economia nacional em virtude da má habitação? Protelar a solução desse problema é erro que as gerações futuras não perdoarão.

Estamos ainda na fase inicial, mas a inauguração deste conjunto é a prova de que começamos a equacionar esse problema, que há de ser resolvido, pelo menos em parte, pelo governo que assumiu recentemente as responsabilidades da nação, e cujo dinamismo tem a prova cabal, nas realizações do setor de transporte e energia no grande Estado de Minas Gerais. Que sua Excelência o Senhor Presidente Juscelino Kubitschek estenda por todo o território nacional essa grandiosa obra sócio-econômica, principalmente no setor rural, fixando o trabalhador no campo, dando-lhe vida compatível com a dignidade humana, pois só assim teremos paz, riqueza e progresso, são votos de todos os brasileiros.

Nestas páginas dedicadas à monumental realização da Fundação da Casa Popular divulgamos sugestivos aspectos do maravilhoso conjunto.

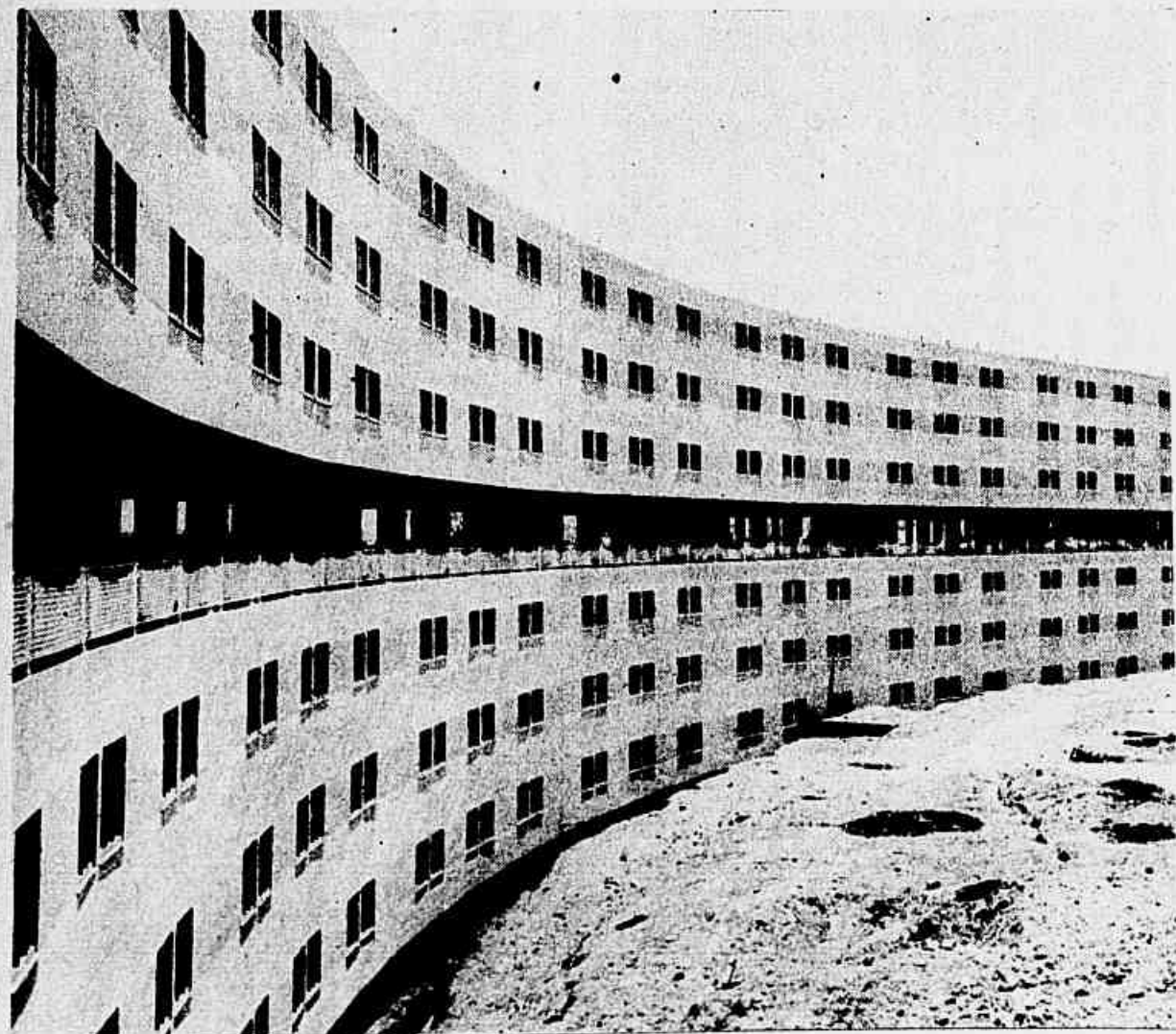


O representante do Presidente da República hasteando a bandeira nacional.

Nenhum programa de desenvolvimento econômico pode ser equacionado sem a valorização do homem, dando-lhe saúde, descanso e educação. Não é possível, entretanto, atingir aqueles resultados sem a solução do problema habitacional. O «deficit» da morada, em todo o território nacional, é aproximadamente de três milhões de unidades e aumenta dia a dia com



As pessoas presentes à solenidade da inauguração saúdam o presidente da Fundação, dr. Plínio Pompeu.

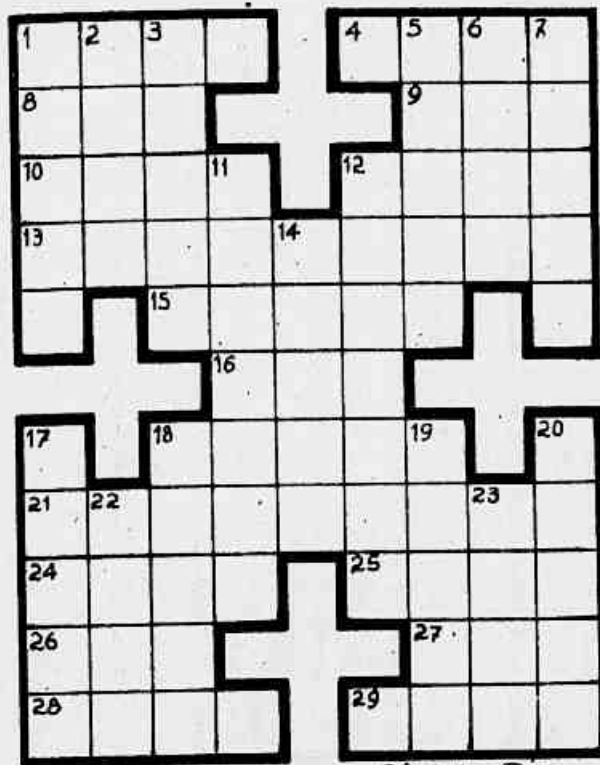


A técnica da engenharia moderna brasileira deu-nos este impressionante aspecto do grande conjunto residencial. À direita: Vista parcial do formidável conjunto de Deodoro.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 107

PARA VETERANOS



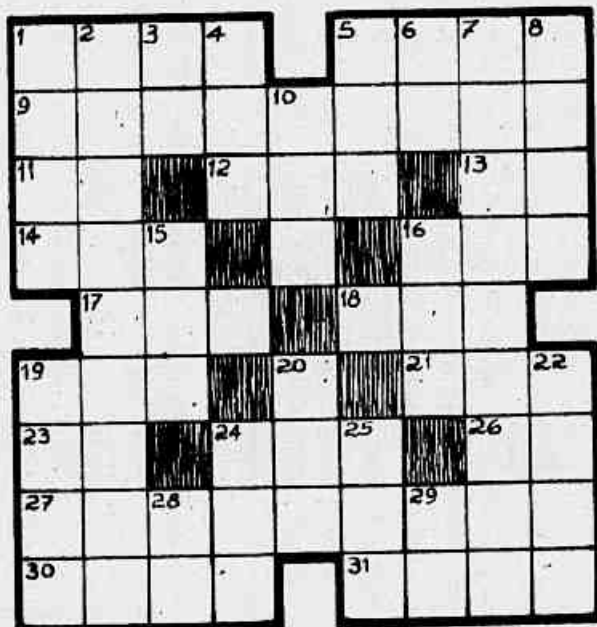
Planer - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Espaço — 4. Gato selvagem de Madagascar — 8. Riso — 9. Antigo vaso grego de uma só asa, usado em banquetes e festas — 10. Espécie de caranguejo (pl.) — 12. Antiga moeda de ouro francesa — 13. As senhoras — 15. Rico — 16. Ave da família dos Larídeos — 18. Trovão — 21. Hipócrito — 24. Insiste muito — 25. Origem — 26. A mãe-virgem do Sol — 27. Muscal — 28. Pregar — 29. Recipiente que contém ou pode conter certo gênero.

VERTICAIS: — 1. Planta da família das Marantáceas — 2. Pêlo que cai dos chapéus depois de escardados — 3. Diz-se do animal adulto, próprio para reprodução —

— 5. Taxo — 6. Alimpadura do arroz — 7. Insulta com vaia — 11. Corja — 12. Pôsto à entrada — 14. Coisas inacreditáveis — 17. Satisfeito de si mesmo — 18. Negociata — 19. Indígena da tribo dos rios Jari e Paru — 20. Preparava — 22. Outrora, título dos grandes oficiais da coroa (Árabe) — 23. Zelar.

PARA NOVATOS



Planer - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Fiasco — 5. A folhagem das plantas — 9. Tornar ditoso; dar fortuna — 11. Símbolo do érbio — 12. Andavam — 13. Sorri — 14. Viscera dupla — 16. Liga — 17. Uma centena — 18. Aranha amazônica — 19. Chefe etíope — 21. Unidade das medidas agrárias — 23. Prefixo que denota movimento para dentro — 24. Condimento — 26. Caminhar — 27. Que modera — 30. Empunhar — 31. Pouco profundo.

VERTICAIS: — 1. Vassourar o forno depois de aquecido — 2. Da África (pl.) — 3. Porco — 4. Nome de homem — 5. Aguardente prove-

niente da fermentação e destilação do melão da cana de açúcar — 6. Prefixo que denota negação — 7. Sofrimento ou suplício de mártir (pl) — 8. Cantiga — 10. Semelhante — 15. Trinta dias — 16. Quer bem — 19. Verso — 20. Oceano — 22. Engano — 24. Criatura, ente — 25. A casa — 28. Símbolo do didímo — 29. Concede.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 106

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: Arx — oda — separados — Otoni — ra — idiota — la — asse — giz — oas — amal — sã — provir — Og — reata — freiraram — Eos — ade.

VERTICAIS: asir — re — Xpo — odiosas — dó — assa — ati — roda — aniso — algar — tesão — aimorés — zavei — liar — pufe — Rita — gume — ara — Ro — ad.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: rio — cal — ramal — Ra — rimara — má — Momo — ira — rol — gema — rã — dosado — os — trair — rua — era.

VERTICAIS: rir — or — clamor — Lua — ar — mim — amor — amigo — rolão — aresta — amar — Ada — dor — oi — sua — re.

É hora do "RANCHO"



seu filho
cresce com

ARROZINA

O alimento
que levanta
o peso
do bebê

A venda em
armazéns,
mercearias
e
farmácias

Experimente Arrozina em
mingaus, cremes, rechãos e bolos

UM PRODUTO



Instituto Dietético
Infantil S.L.

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

REVISTA DA SEMANA — 39



Êste palhaço chama-se

L O L L O



» ESSE PALHAÇO narigudo, de chapéu no alto da cabeça, olhos arregalados de espanto, colarinho largo e calças de xadrez, é nada mais, nada menos do que Gina Lollobrigida, a bela atriz italiana de «Pão, Amor e Fantasia», «La Romana» e de tantos outros filmes, tal como aparece em algumas cenas de «Trapézio» seu último desempenho cinematográfico, e que ainda não está de todo terminado, de vez que em Paris Carol Reed e toda a sua equipe prossegue com as filmagens noite e dia sem cessar. Mais uma vez, pois, a versatilidade de Gina Lollobrigida — que começou como uma moça bela e simples, para logo depois se tornar uma pequena «vamp», uma atriz trágica, uma atriz cômica, e que, na biografia romanceada de Lina Cavaliere, «A Mulher Mais Bela do Mundo», chega até a cantar uma ária de «Tosca», dizem que com bela voz — mais uma vez, dizíamos, essa versatilidade está provada. E de que modo! Dizem que, quando Lollo, totalmente fantasiada de «clown», penetrou no vasto salão em que se efetuavam as filmagens, nem mesmo os seus colegas mais chegados podiam atinar com a identidade daquele palhacinho desengonçado, de baixa estatura, que mexia com todos, sem-cerimoniosamente, constituindo um espetáculo à parte, dentro do próprio espetáculo. Até que, afinal, alguém aventurou a pergunta:

— Sei tu, Lollobrigida? Ma guarda, Dio, che ragazza!...

Era Lollo. As roupas folgadas e em mulambos escondiam um dos corpos mais belos do mundo, e sob a camada de tinta, um dos rostos atualmente mais reproduzidos nas revistas e nas telas cinematográficas tirara férias, para dar lugar somente a um palhaço miudinho e agitado. E' assim Gina Lollobrigida: simples e bela, gostando de pregar peças aos companheiros, e achando que, se a vida é um circo, não há motivos para seriedade ou preocupações.



DUROU QUATRO HORAS a caracterização de Gina Lollobrigida para as cenas em que aparece vestida de «clown», em seu filme «Trapézio». A atriz, com admirável senso de humor e grande paciência, a tudo se submeteu de bom grado. Ainda achou tempo para pregar peças aos colegas.

O SEGRÊDO É OUTRO E ESTÁ AO SEU ALCANCE



Não odionta vender tudo mais barato. O caminho para vender mais e, portanto, para obter mais lucro é anunciar mais — e anunciar num veículo cujos leitores tenham, de fato, poder aquisitivo. O MUNDO PORTUGUÊS é o jornal indicado para promoção de vendas — 80% dos seus leitores são compradores em potencial de todos os produtos anunciados pela imprensa.

Está ao seu alcance o segredo para ganhar mais, para obter mais lucro:

ANUNCIE EM

O MUNDO PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Publicidade: AVENIDA RIO BRANCO, 277 - 1.203 - Tel. 32-0499

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 18 de fevereiro de 1906

● DESABAMENTO DO CLUB DE ENGENHARIA

A população carioca, ainda com o espírito conturbado pelos sinistros acontecimentos, que de há muito vem afligindo-a, foi novamente sobresaltada, n'esta semana, com o desabamento de uma das paredes do predio que o Club de Engenharia está construindo na Avenida Central. Por volta de 1 hora da tarde quando a mór parte dos habitantes d'esta cidade entregava-se aos labores do dia, um enorme estampido e em seguida uma nuvem espessa de poeira annunciou mais uma triste nova: era aquelle predio que tinha ruido, occultando em seus escombros dous infelizes operarios e ferindo oito que tambem alli trabalhavam.

● PEDRO AMERICO

Realizou-se no dia 10 do corrente a transladação dos restos mortaes do grande pintor brasileiro Pedro Americo, do Arsenal de Guerra para a capella do cemiterio de S. João Baptista, de onde, segundo desejo de seus conterraneos, embarcará para o Estado da Parahyba, sua terra natal. Alli, de certo, serão prestadas as homenagens devidas ao seu merito de artista notavel, e tão esquecidas n'este instante em que o povo sob o influxo da mais deploravel apathia, não soube render o culto á memoria do incomparavel autor da PAZ E CONCORDIA.

● ECHOS DA SEMANA

São contristadoras as noticias que chegam do interior a respeito das enchentes do Parahyba, que teem produzido enormes estragos em quasi toda a zona fluminense e mineira.

* * *

Effectuou-se a 7 do corrente a primeira sessão da camara dos deputados de Portugal, sendo por essa occasião lançado na acta um voto de profundo pezar pela catastrophe do «Aquidaban», na bahia de Jacuecanga.

* * *

As autoridades da Marinha empenham-se na descoberta das causas que determinaram a explosão do couraçado «Aquidaban». Sobre esse lutuoso acontecimento correm varias versões que bastante apprehensivo trazem o espirito publico.

* * *

Revestiram-se da maior imponencia em Copenhague as exequias solenes mandadas celebrar por alma do Rei Christianno IX, da Dinamarca, o magnanimo monarcha há bem pouco roubado ao carinho de seu povo que muito o admirava.

* * *

Má é a perspectiva da solução de um problema que ora preocupa os poderes constituídos, como seja o que diz respeito á poderosa empreza estrangeira, funcionando no paiz. Falla-se em reclamação diplomatica, por prejuizes e damnos, o que, aliás, não seria estranhavel: é uso antigo d'essas poderosas corporações que, a pretexto de collocar capitães, buscam ensanchas para encontrar, por toda parte, Venezuelas, das quaes tirem fabulosos proventos. Em todo caso, esperemos pelo resultado do caso em questão.

VELHO ENIGMA

*Quem ama sempre receoso vive
De naufrágio de suas esperanças
Pois o amor, muito embora nos captive,
Mais inspira temor que confianças.*

*Eu, que também apaixonado estive,
Inventando carícias e vinganças,
Não sei o que a paixão mais nos avive,
Si os juramentos ou as esquivanças.*

*Quem ama da ventura desconfia,
E vendo muito mais na sorte escura
Do que atravez d'um venturoso dia,*

*De estranhos malles soffre e se lamenta,
Que o amor que mais domina e mais perdura
Sempre se queixa, nunca se contenta.*

EDUARDO NAZARENO

ACONTECEU EM PORTUGAL

COIMBRA ENSINA A DIZER SAUDADE AS REPÚBLICAS

Por JOSÉ MARIA RODRIGUES



COIMBRA

*Minha capa vos acoite
Que é p'ra vos agasalhar:
Se por fora é côr da noite,
Por dentro é côr do luar.*

António Nobre

TERRA, onde a graça, sabedoria e amor andam de braço dado, cidade imutável, de repúblicas barulhentas que acompanhou o progresso sem perder o tipicismo, conservando o garbo que a tornou lendária. Coimbra não está dependente de tempo. Ela «transcende a estética, a tradição, o folclore», no dizer de Almeida Santos.

Cidade admirável, primeiro grande amor de sábios e poetas. Coito de boémios com ideologias antagónicas, vivendo sob o mesmo telhado.

Corre o Mondego apressado, espelho de amôres furtivos entre estudantes e tricanas. Choupal verdejante que conta histórias passadas. Foi Antero quem falou:

*Mas dize tu, ó Mondego
Pois todos levam seu fado
Tu que foges e eu que fico
Qual de nós vai mais pesado?*

*A noite o salgueiro é negro
Com o vento moneando,
Parecem filas de trades
Todos em côro rezando,*

Nota-bizarra da vida coimbrã são as suas «Repúblicas». Lares Académicos que datam dos primeiros dias da Universidade, ou como dizia a legenda da velha «República dos Grilos»: **Ab Urbe Condita** — 70 anos A.C. Coimbra encontra-se povoada por esses pequenos centros de reuniões académicas onde grupos de rapazes aprendem a palavra amizade. Ainda hoje existe esse mesmo espírito de camaradagem das gerações passadas. A vida do estudante na «República» é de estroinice durante quinze dias do mês, enquanto dura a mesada do pai, recebida normalmente nos primeiros dias. Os restantes são feitos de sacrifício, com visitas consecutivas

ao «prego» — a casa de penhores de A. Cunha — onde se encontram em depósito as coisas mais inverossímeis que vão desde o colchão ao puxador da porta. Nas «Repúblicas» nascem as grandes piadas filhas de qualquer discussão. São nessas tertúlias intelectuais que eles recebem as figuras máximas da Arte que visitam Coimbra. Foi num desses coitos de boemia que passamos no último ano uma noite na companhia de Rodolfo Mayer, e onde Pedro Bloch foi discutido de fio a pavio.

Quando se recebem visitas de categoria e o dinheiro anda ausente servem-se os estudantes de mil manhas para conseguir fiados. O vinho, muito em especial não pode faltar.

As «repúblicas» são normalmente formadas pelos rapazes da mesma região. A casa é conseguida à custa de muita lábia para convencer o senhorio. Os móveis são coisas que só aparentam certo interesse a partir do dia quinze de cada mês, quando a mesada finda. O estudante de cada «república» que demonstre mais verbosidade, mais dom da palavra, é certo e sabido que fica com o muito honroso cargo de receber os credores. É difícil a missão mas prestigiosa.

São célebres em Coimbra as «repúblicas»: «Casa da Moeda», «RT1, RT2, RT3», «Astoria», «Sol Nascente», «Palácio da Loucura», «Vênus», «Bacos», etc. Ali nascem as mais diabólicas idéias sobre a forma fácil de conseguir viver sem dinheiro.

O último grande feito estudantino data de 1953, quando a Associação Académica foi disputar um desafio de futebol a Lisboa, como finalista da taça de Portugal contra o Benfica. Alguns rapazes sem notas, resolveram pedir emprestado um automóvel sem motor, caindo aos pedaços, para um pequeno giro pela cidade. O

dono do veículo refilou ao princípio mas em face do palavreado de «cala credores» resolveu concordar com o empréstimo. Simplesmente, o carro não era para realizar a tal volta pela cidade e sim para uma viagem a Lisboa. Armaram o carro com um mastro e diversos lençóis servindo de velas e rumaram à capital dez dias antes do prélio. O problema da alimentação foi solucionado nas vilas e aldeias por onde passaram. Entravam na casa de qualquer desconhecido, informavam-se sobre o que havia para jantar e se o menu agradasse, sentavam-se à mesa participando no repasto. Chegaram a Lisboa precisamente no dia do desafio. A primeira coisa que fizeram quando entraram na capital foi pagar uma promessa pela chegada sem novidade: dirigiram-se à estátua de D. José e ofereceram um fardo de palha ao cavalo do rei.

São assim os estudantes de Coimbra. Mocidade, graça e sonho. Recordações que uma vida não apaga.

Lá estão as tricanas, de chales multicores e lenços de cambrá cantando aos seus amôres:

*O meu amor é estudante
Caloiro de medicina
Já me opera o coração
com uma lanceta fina*

*O meu bem anda em Direito
Aprende para juiz:
Mostra que guarda preceito
Nas sentenças que me diz.*



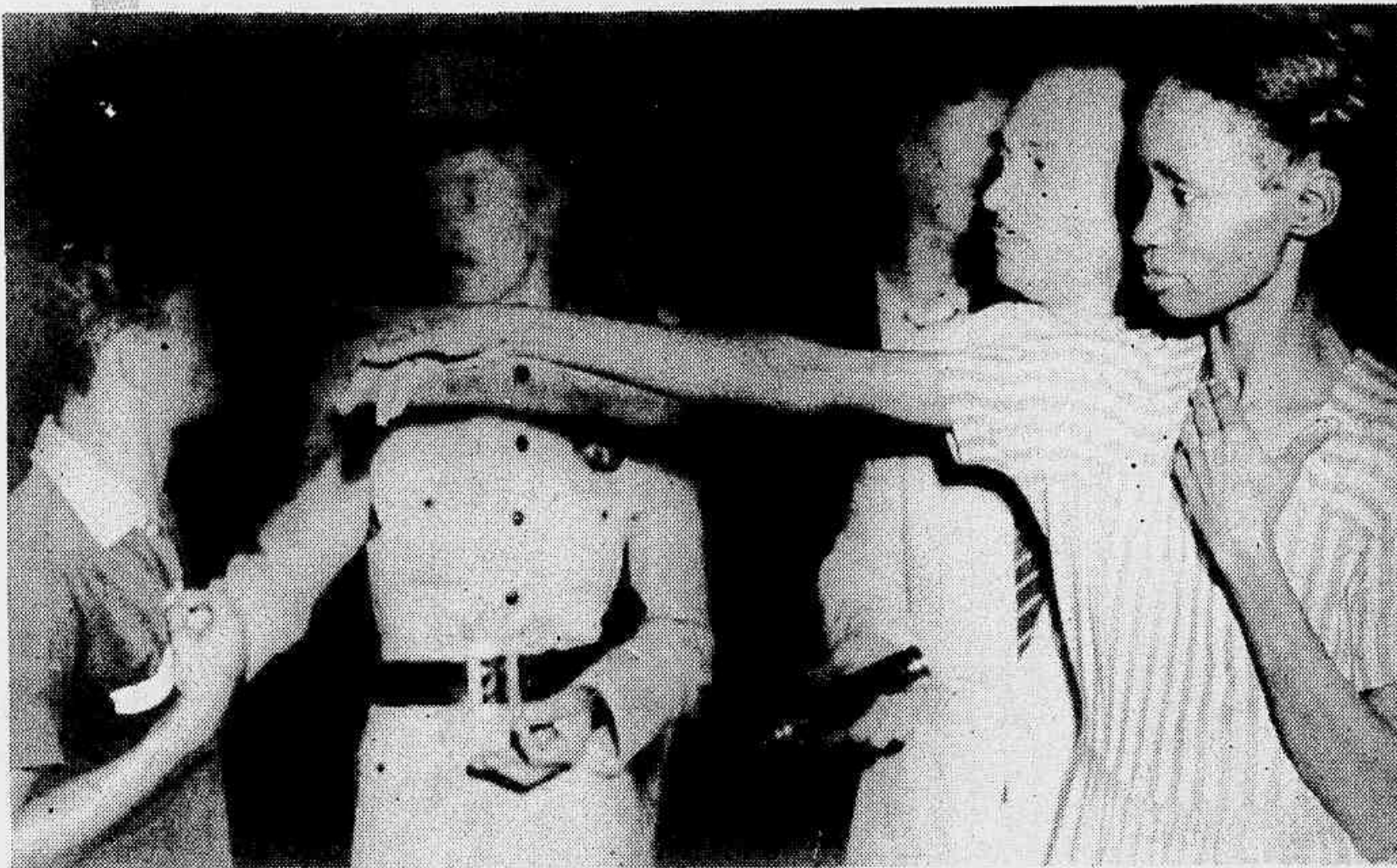
A atual sede da Associação Académica, que antigamente foi residência de estudantes. As janelas do último andar foram os quartos em Coimbra do Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. A da esquerda é do Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar.

A black and white portrait of a woman, Maria da Penha, looking slightly to the right with a serious expression. She is resting her chin on her clasped hands. She is wearing a light-colored, short-sleeved shirt with a subtle pattern.

MARIA DA PENHA IMPASSÍVEL

—EU O MATARIA

ESQUARTEJOU O AMANTE
DEPOIS DE APLICAR-LHE IN-
JEÇÕES DE "SEMNOFENE-
ROCHE" ★ O MAIS HOR-
RENDO HOMICIDIO JÁ RE-
GISTRADO PELA CRÔNICA
POLICIAL DO RIO DE JANEI-
RO ★ A ASSASSINA DECLA-
ROU: "PARA O MEU CRIME
SÓ CADEIRA ELÉTRICA" ★
UMA TESTEMUNHA OCULAR
DO MONSTRUOSO CRIME



MARIA DA PENHA PEREIRA, a enfermeira assassina, mostra aos policiais o local onde atirou os despojos de Américo, sua vítima.

A PROXIMAMO-NOS dela, fizemos a primeira pergunta:

— É verdade que sua mãe colaborou no plano para a execução do seu amante?

Maria da Penha, sem alterar seus movimentos estreitos, procura com os olhos inquietos as palavras para a resposta, fala:

— Em parte.

Depois arrepende-se, uma lágrima corre pela sua face angulosa, ressequida. Maria da Penha aflige-se, suplica-nos:

— Não, seu moço, por favor, não cite minha mãe, ela não mandou que eu matasse Américo.

— Por que então você liquidou o homem com quem vivia — perguntamos.

— Eu o odiava tanto quanto o amava.

— Não entendemos.

A criminosa aborrece-se, lamenta ter de contar novamente a sua horripilante história.

Um dia — diz-nos ela — conheci Américo José da Silva, gostei dele, ele demonstrou gostar de mim, passamos a morar juntos, à rua General Savaget, 51, em Marechal Hermes. Entretanto,

poucos meses depois de residirmos na mesma casa principiaram a surgir as dificuldades, as brigas. Américo, sempre que recebia dinheiro, queixava-se de que havia sido roubado, perdera a carteira, etc. Ai, então, eu me acabava de trabalhar para conseguir o suficiente para o meu sustento e o dele também. Embora soubesse que Américo andava com tapeação comigo, procurava não dar importância a isso, tratando apenas de ser-lhe útil em alguma coisa. Depois que tive um filho as brutalidades dele aumentaram, e muitas vezes fui impiedosamente esbofetada. Comecei, portanto, a odiá-lo. Meu filhinho Edson já estava com oito meses de nascido quando, certa vez, tendo Américo vindo à casa para almoçar e não encontrando nada o que comer (eu havia gasto o dinheiro que tinha com a compra de leite para a criança) ele tentou surrar-me e quis estrangular o menino. No dia seguinte, Américo mostrou-se bondoso, conversou e, depois, disse-me: «Sabe, Maria, eu encontrei um meio de diminuir as nossas despesas; aliás é muito simples... basta matarmos o garoto!»

Desde então fiquei odiando tanto ao homem miserável que, por desgraça do destino, era o pai do meu filho, que planejei matá-lo.

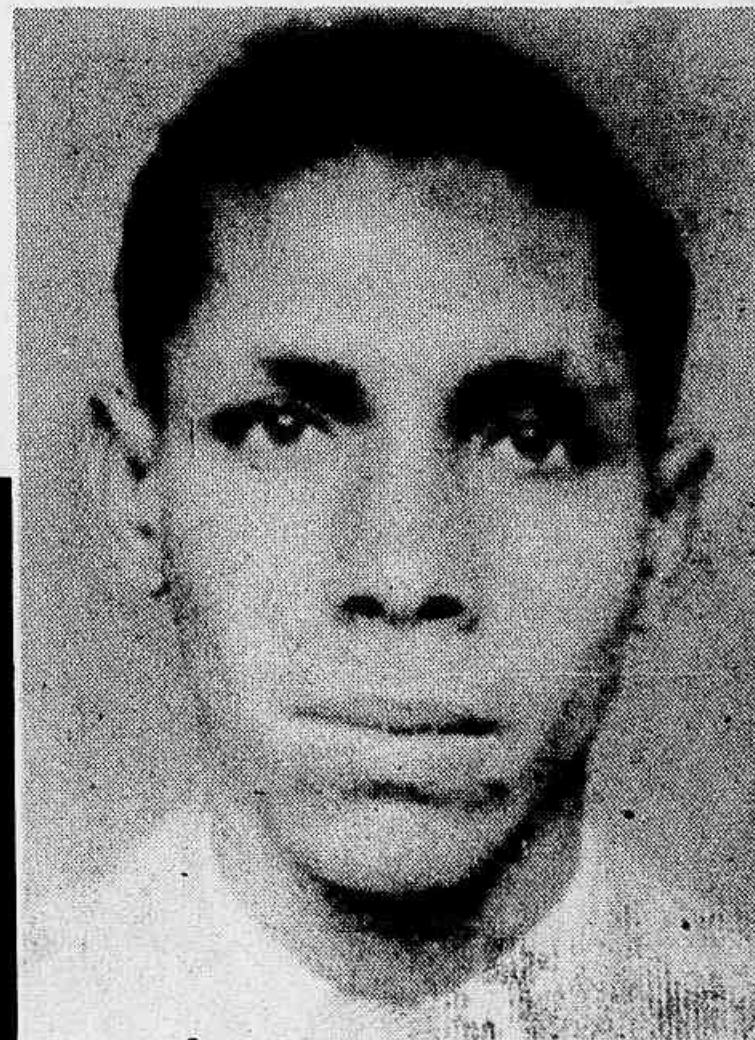
Maria da Penha faz uma pausa, enxuga os olhos, continua a falar.

— A idéia de ver o meu filho morto aterrorizava-me, fazia-me arquitetar vinganças diabólicas. E, certa vez, quando viajava para o Hospital Geral Souza Aguiar, onde era enfermeira, surgiu-me a idéia de assassinar Américo, de tal forma, que a polícia não desconfiasse de nada. Como ele pedia de quando em quando que eu lhe aplicasse umas injeções de penicilina, para combater a doença venérea de que estava sofrendo, aproveitei a oportunidade para executar o plano.

NA VÉSPERA DO ESQUARTEJAMENTO

Naquele dia, Américo José chegou cedo da rua, e deitou-se no chão, como sempre fazia, por causa do calor. Também a doença de que estava sofrendo causava-lhe dores terríveis. Achando propícia a ocasião para a realização

● A mulher franzina, quase tísica, foi a autora do bárbaro crime verificado recentemente, nesta capital. Seu nome, Maria da Penha Pereira, é suave, não parece ser denominação duma satânica e fria assassina. No 25º Distrito Policial, em cuja jurisdição ocorreu o homicídio, encontramos Maria da Penha, calma, sinonimizando tristeza, como aparece na fotografia à direita.



DE NOVO!



A CENA, RECONSTITUÍDA PELO ILUSTRADOR RAMÓN, MOSTRA O MOMENTO DA ALUCINAÇÃO DE MARIA DA PENHA PEREIRA, QUANDO

do seu intento, Maria da Penha ofereceu-se para aplicar-lhe uma injeção de penicilina, o que foi aceito por seu amante. Ela foi ao quarto, colocou na seringa duas ampolas de «Semnofene-Roche» (entorpecente), de 2cm3 cada uma, que trouxera do Hospital Souza Aguiar, e aplicou-as no braço de Américo. Imediatamente o homem adormeceu. Maria da Penha dirigiu-se à caixa d'água, apanhou o corrosivo que ali escondera, juntou uma colher de chá de veneno a determinada quantidade de água. Sem trocar de seringa, procurou localizar a veia do braço esquerdo do amante, injetando-lhe todo o líquido mortífero. Não achando suficiente, procurou aplicar outra dose no braço direito de Américo José. Como a agulha tivesse entortado e o sangue coagulado dificultasse a passagem da solução, ela chupou esse sangue e, em poucos segundos notou que a vítima principiava a morrer.

Sem denotar nervosismo, assistiu Américo José debater-se no chão, com os olhos pulados, a boca espumando, a face arrochada. Soltando

um gemido surdo êle estremeceu, exalou o último suspiro.

SIMULANDO SUICÍDIO

Perfeitamente certa da morte de Américo, Maria da Penha levantou-se, foi à cozinha, trouxe de lá um copo molhado, em cujas bordas notavam-se resquícios de veneno, colocou-o próximo a uma das mãos do morto. Entrementes, ela observou que as veias onde havia injetado o líquido estavam ficando negras e os orifícios da agulha eram visíveis. Assim sendo, ninguém, nem os próprios vizinhos, poderiam acreditar que o seu amante tivesse suicidado.

Antes de pensar em esquartejar a sua vítima, Maria da Penha idealizou dissolvê-la com soda cáustica, mas essa idéia logo apagou-se, porque isso tornaria muito difícil o «trabalho», e por demais arriscado. Esquartejá-lo, portanto, era mais simples e eficiente. Conseguiria uma mala usada, colocaria os pedaços do corpo den-

tro, jogaria distante dali. Satisfeita com a idéia, ela saiu de casa, tendo o cuidado de fechar bem a porta. Pediu a um vizinho (Augusto Tito Rolão) uma foice emprestada e, para dona Marieta e Manuel Dias, um serrote. Quando aquelas pessoas emprestaram as ferramentas a Maria da Penha, perguntaram naturalmente se ela estava construindo algum barraco, ao que a criminosa respondeu que iria transformar uns caixotes em cadeiras.

Em casa, minutos depois, Maria deu início à macabra tarefa da mutilação do corpo. «Foi um pouco difícil separar as pernas» — disse-nos ela, com a maior simplicidade do mundo — «porque, não dispondo de ferros apropriados tive de arranjar-me com a foice e uma faca de mesa. Fiz a maior parte do «serviço» com a faca, velha e pouco resistente». Para conseguir a separação da perna direita — acrescentou clinicamente a criminosa — foi necessário que eu o puxasse com todas as minhas forças e, segurando o pé, torcesse até deslocá-la da coxa. Ai

Há muitos anos o carioca não presenciava crime tão monstruoso como o que foi cometido por essa enfermeira

- EU O MATARIA DE NOVO!



ESSA CRIANÇA (filho do casal) foi, em parte, o causador da tragédia. E o cãozinho a seu lado foi a única testemunha, muda e silenciosa, do mais horrendo crime destes últimos tempos.

cabeça de Américo num lençol e continuou ser-rando, ao mesmo tempo em que aplicava for-mol, para evitar o sangue.

A GUISA DE «DESPACHO»

Reunidos os pedaços do corpo dentro da mala, com excessão das pernas, que ela embrulhou em fôlhas de jornal, Maria da Penha tratou de conseguir um carro para livrar-se da carga sinistra. Tendo falado com o motorista lusitano, Adriano Augusto Lourenço, no seu ponto de estacionamento, à rua Sirici, em Marechal Hermes, êsse se recusou a levá-la a Sepetiba, alegando que o seu carro já não podia arriscar-se a viagens longas. No outro dia, Maria da Penha voltou a falar com o chofer Adriano e, quando êste, procurando uma desculpa disse — «se fôsse à praia de Ramos...», na esperança de livrar-se da mulher, ficou surpreendido ao veri-

ficar que ela desejava ir então a Ramos. Voltando a casa a fim de apanhar a mala e o embrulho, sua mãe, dona Iracema Pereira dos Santos, a acompanhou. Segundo a criminosa, sua genitora nada sabia do que levava na mala e no embrulho. Pensava que fôsse um «despacho», mais nada. Para Adriano, que achou a mala pesada de mais, Maria da Penha explicou que havia dois cabritos «preparados», dentro.

Ao chegar à praia de Ramos — disse Maria da Penha ao delegado Diógenes, com um sorriso nos lábios — uma quantidade de gente estava tomando banho de mar. Mesmo assim Adriano aconselhou-a a deixar ali todo o «despacho», isto é, o embrulho de jornal onde estavam as pernas de Américo, a mala que encerrava o tronco da vítima e a bolsa onde estava guardada a cabeça. Maria recusou o conselho do motorista, acrescentando que, em virtude das pessoas que estavam na praia, ela voltaria com o

NA PRAIA DE SEPETIBA, alguns dos despojos do corpo mutilado de Américo José da Silva foram encontrados pela polícia carioca, após exaustivas e incansáveis diligências por ela procedida.

ESQUARTEJAVA AMÉRICO JOSÉ, SEU AMANTE.

cansada, com as mãos tintas de sangue e res-cendendo a lormol, tombei sôbre o cadáver de Américo José. O resto do corpo, exceto o pescoço, não me deu muito «trabalho».

A SEPARAÇÃO DA CABEÇA FOI «DURA»

Com a foice que Maria da Penha pedira a Tito Roldão tentou cortar de um só golpe o pescoço da vítima, mas não conseguiu. Aplicou então a faca de mesa, fazendo profundas incisões entre os omoplatas e as clavículas, sendo que, em seguida, torceria a cabeça, para que esta se desarticulasse da espinha. Mas a terrível criminosa não conseguiu êxito dessa maneira, passando a utilizar-se do serrote. O movimento de vaivém da lâmina dentada sôbre o pescoço do seu amante repuxava os músculos do rosto e fazia com que os olhos vidrados do morto se abrissem, como se estivessem a observar os gestos da homicida. Temendo assustar-se com semelhantes olhares, Maria da Penha enrolou a

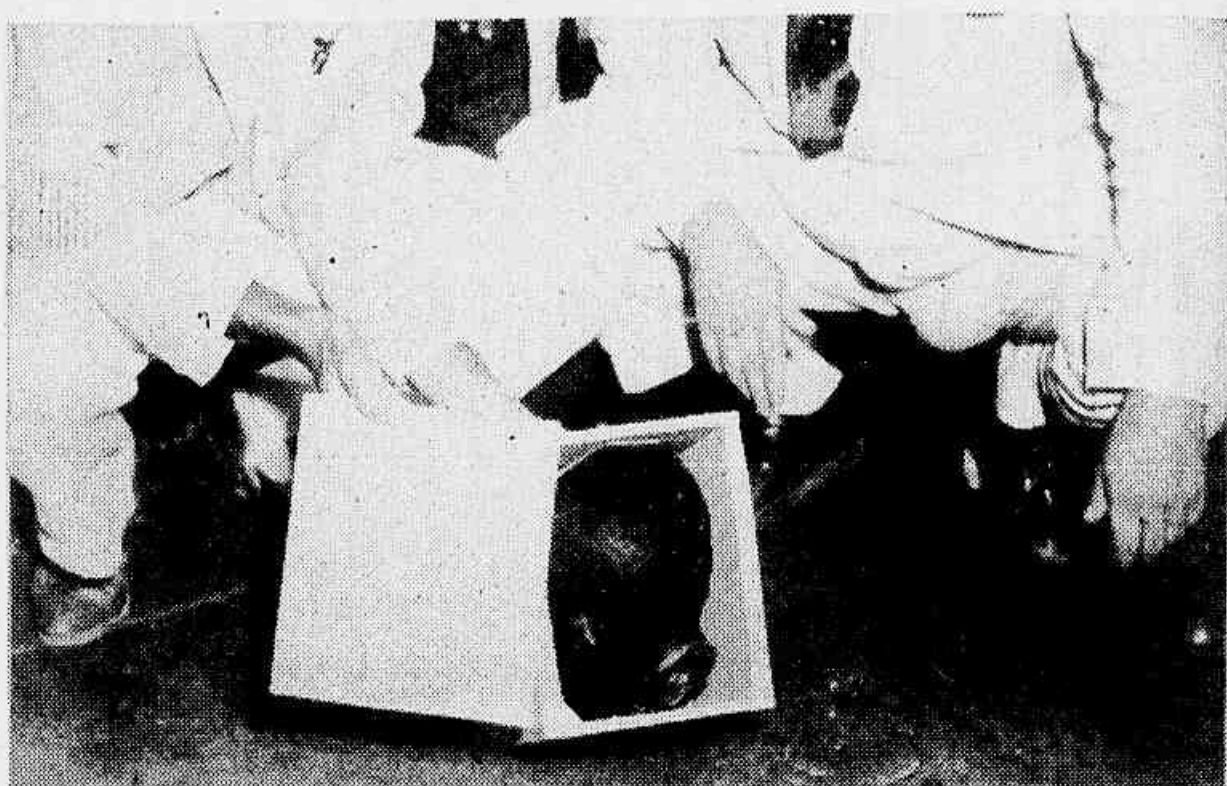


franzina e de muito poucas palavras

Maria da Penha, após o trucidamento, andou uma manhã inteira com a cabeça de sua vítima na sacola



ASPECTO IMPRESSIONANTE dos membros inferiores da vítima. O crime foi perpetrado friamente, e Maria da Penha não se mostra de modo algum arrependida com o ato selvagem que praticou em seu amante.



POR MUITOS DIAS, Maria da Penha não revelou à polícia onde lançara a cabeça do assassinado. Finalmente, após impor uma condição, a criminosa dirigiu-se com a polícia à Vila de Cava, onde foi encontrada.

«despacho» para casa, a fim de aguardar melhor oportunidade. O motorista no entanto insistiu para que ela depositasse na água a mala e o embrulho, «porque, senão, poderia fazer mal». Maria da Penha reagiu e, a muito custo resolveu desfazer-se apenas do embrulho de jornal. Afastou-se do carro, entrou na água, e jogou o pacote para longe de si. Na viagem de regresso para casa, o carro enguiçou. Adriano demorou a consertá-lo. Quando a assassina chegou à rua General Savaget, 51, onde residia, era quase de madrugada. Com todo o cuidado ajudou Adriano a trazer a mala para dentro de casa, colocou a cabeça sobre a mesa, foi dormir. Dona Iracema dirigiu-se à sua residência, onde se encontrava o filho de Maria da Penha.

As primeiras horas do dia seguinte Maria saiu em busca de um chofer que a conduzisse à praia de Sepetiba. Antes, porém, foi à repartição onde trabalhava, receber o ordenado: Cr\$ 2.916,00. Depois encontrou um carro que conduziria sua carga (caminhão dirigido por Sebastião da Mota Velasco), e por cuja viagem pagaria a quantia de Cr\$ 1.000,00. Sepetiba era o lugar ideal para livrar-se da mala, pois era escuro e pouco frequentado. Encontrado o veículo, a assassina contou ao motorista do mesmo que iria transportar um «despacho» e que este deveria estar em frente à sua casa às 24 horas em ponto. Entretanto, ele só chegou meio hora depois. Novamente a mala foi arrastada de casa para o caminhão. Segundo Maria da Penha,

o profissional do volante parecia desconfiado, pois durante a viagem não deu uma só palavra. Em Sepetiba, ambos saltaram (Maria e o motorista), e a criminosa ajudou a retirar a mala e a bolsa da traseira do veículo. Enfiando a alça da bolsa num dos braços e ajudando-se com a pesada mala, ela afastou-se, atravessou o areal, perdeu-se nas trevas. Após abrir a mala, colocou o tronco do homem que havia trucidado sobre uns papéis velhos, rolou-o para dentro d'água e ateou fogo aos lençóis. Como a praia estivesse, àquela hora, completamente deserta, a assassina pôde «trabalhar» sossegadamente, perturbando-se apenas com o rugir cavernoso do mar.

A TESTEMUNHA OCULAR DO CRIME

Desde o instante em que Maria da Penha aplicou as injeções de «Semnotene» em Américo, saiu para a rua, e voltou conduzindo os ferros com os quais faria o esquartejamento, apenas um velho cão presenciou o trucidamento.

ADRIANO FACILITOU O SERVIÇO DA POLÍCIA

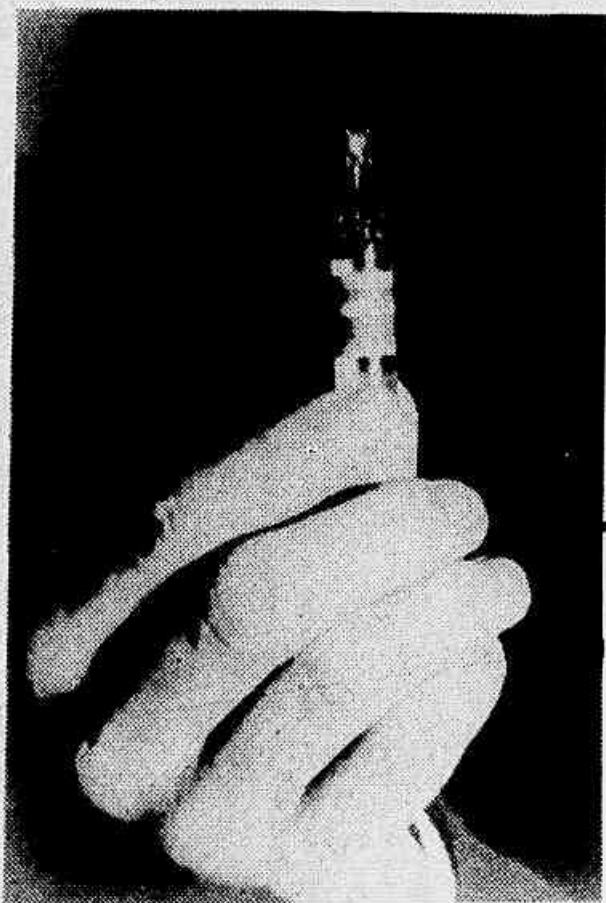
Enquanto os investigadores preocupavam-se em descobrir o paradeiro dos assassinos fichados que teriam cometido o crime, do qual encontravam vestígios na praia de Ramos (membros), Maria da Penha continuava calma, anônima. E tantas foram as conclusões a que chega-

ram os policiais a respeito do atroz homicídio, que passaram a considerar o assassinato como sendo façanha duma quadrilha de malfeitores da pior espécie. Foi então que o motorista Adriano, suspeitando da sua cliente, dirigiu-se à Delegacia de Polícia, onde contou tudo o que vira. E, na primeira diligência feita à casa de Maria da Penha Pereira esta foi presa sob suspeita e conduzida ao 25º Distrito Policial. No sábado à tarde (um dia depois) o detective Hélio Fernando fez outra visita à casa de Maria da Penha. É que ela, sendo interrogada pelas autoridades, confessara ser a autora do crime. Na casa da rua General Savaget, 51, o detective Hélio, acompanhado da assassina, fez acuradas investigações, principalmente na cozinha e no banheiro, a fim de descobrir a faca com a qual foram feitas as incisões em torno do pescoço de Américo.

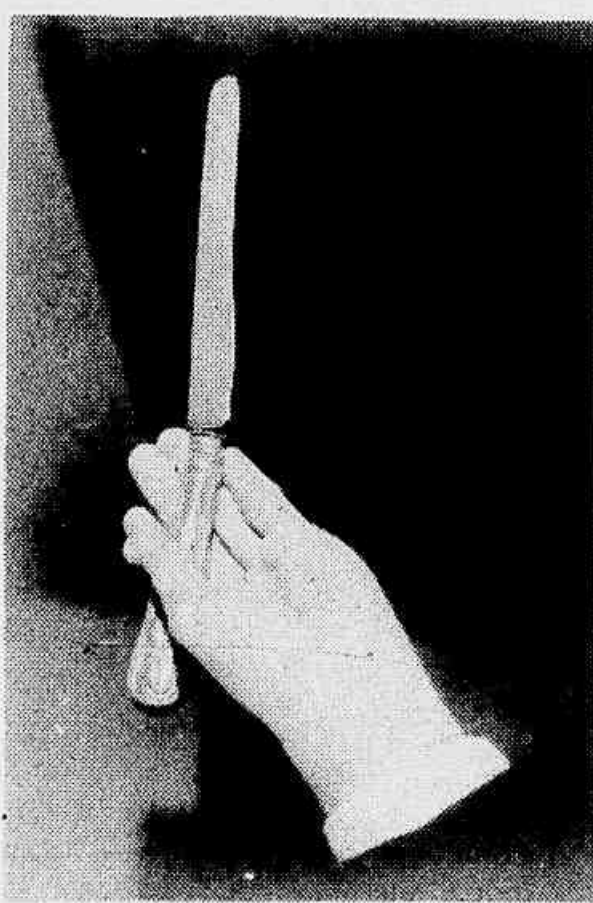
O DEPOIMENTO DE MARIA DA PENHA DUROU 5 HORAS

Durante 5 horas consecutivas Maria da Penha Pereira, historiando ao delegado Diógenes Sarmiento de Barros a sua vida íntima com Américo José da Silva, bem como as razões que a induziram a praticar o monstruoso delito, acrescentou: «Não pretendia envolver-me com a polícia. Porém, se outra pessoa qualquer fôsse acusada como responsável pelo crime que cometi, confessaria às autoridades ser a verdadeira autora

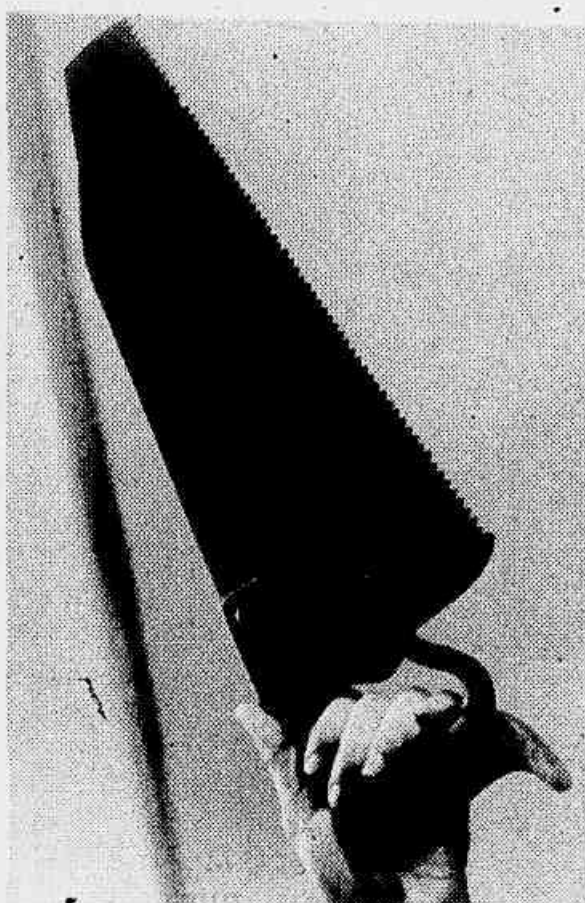
AS ARMAS DO CRIME



DUAS AMPOLAS de «Semnotene» fizeram Américo Silva cair no sono.



COM ESTA faca, Maria tentou degolar, inutilmente, seu amante.



O SERROTE com o qual «trabalhou» a cruel e fria assassina de Américo.



UMA FOICE também foi utilizada para a degola do infeliz Américo.



ABRAÇADA AO FILHO, EM PRANTOS, MARIA DA PENHA LASTIMA O SEU DESTINO, E DIZ: «PARA O MEU CRIME, SÓ A CADEIRA ELÉTRICA».

do assassinato». Mais adiante afirmou categoricamente: «Se Américo José ressuscitasse, eu o mataria de novo».

Em outro parágrafo do seu depoimento feito na Divisão de Polícia Técnica Maria da Penha declarou que o corrosivo que escondera na caixa d'água não se destinava a exterminar a vida do seu amante e, sim, a sua própria. Não se suicidou, por que não teve coragem de deixar o seu filho Edson sozinho no mundo.

A PRIMEIRA TENTATIVA DE ASSASSINATO FOI ADIADA

Concluindo as suas declarações, a criminosa disse haver adiado o assassinato de Américo José da Silva, que deveria ter sido realizado dia de São Sebastião, 20 de janeiro, feriado municipal. O seu sentimento religioso fez adiá-lo para outra ocasião mais oportuna.

LIMPOU CUIDADOSAMENTE OS FERROS

Quando o serrote, a foice e a faca foram entregues à Divisão de Polícia Técnica, em nenhum deles notavam-se manchas de sangue. Maria da Penha então explicou que, depois de livrar-se da mala, da cabeça e dos membros de Américo, voltou para casa e, calmamente, pro-

curou limpar com ácido os ferros utilizados, a fim de que sua mãe de nada desconfiasse. No serrote — acrescentou ela — ficou uma espécie de camada sebosa, que deu luta para largar.

«DIREI ONDE ESTÁ A CABEÇA SE LIBERTAREM MINHA MÃE»

Após a declaração feita por Maria da Penha Pereira, dona Iracema, sua mãe, também foi detida. E grande era a expectativa em torno das numerosas buscas feitas pelos policiais, no intuito de descobrirem a cabeça do assassinado Américo José da Silva. Mas, tanto na praia de Ramos, como em Sepetiba, nada conseguiram apurar. Assim sendo, a assassina, que estava trancafiada num xadrez do 25º Distrito Policial, foi submetida a novos e prolongados interrogatórios. Finalmente, ela disse aos detectives que declararia o lugar onde tinha se desfeito da cabeça, se estes prometessem que sua mãe seria posta em liberdade. Comunicado o delegado a respeito da condição imposta pela criminosa, este aquiesceu. D. Iracema foi posta em liberdade, e Maria da Penha, em companhia dos policiais, rumou para José Bulhões, em Vila da Cava. No citado lugar, no loteamento de um proprietário de nome Jackson, num matagal intrincado, foi encontrada a cabeça da vítima.

ANDOU UMA MANHÃ INTEIRA COM A CABEÇA DENTRO DA BOLSA

Inquerida a criminosa sobre se havia imaginado previamente o lugar acima mencionado para jogar fora a cabeça, respondeu ela que não; surgiu na hora, disse-nos. Em José Bulhões havia muito terreno vazio, e isso seria o suficiente para a conclusão do «serviço». Para chegar até lá, teve que tomar um ônibus, vir à Praça Mauá, tomar outro ônibus para Nova Iguaçu e depois seguir o resto do caminho a pé. No loteamento supracitado, a assassina ateou fogo à cabeça de Américo, sem entretanto destruí-la.

Horas mais tarde, no Instituto Médico Legal, onde fôra levada para reconhecimento dos despojos de sua vítima, Maria da Penha identificou-os sem o menor temor ou arrependimento.

OUVIDAS AS TESTEMUNHAS

Depuseram, além do motorista Sebastião da Mota Velasco, que conduziu a mala a Sepetiba, Maria dos Santos e Marieta Dias, vizinhas da acusada, que lhe emprestaram respectivamente, a foice e o serrote utilizados no esquartejamento; Eligênia Moreira da Silva, atendente do Hospital Moncorvo Filho e Geralda Maria dos Santos, amiga de Maria da Penha Pereira.

NOVOS VALORES PARA A TV

● São interessantes os concursos que as nossas emissoras de TV realizam para a escolha de novos elementos que irão integrar o seu elenco, seja no que se refere a cantores, teleatores ou simples anunciantes. Seria necessário, porém, que tais oportunidades fossem concedidas aos interessados com maior frequência, pois torna-se necessária uma constante renovação dos elementos que trabalham na TV. A TV-Tupi goza de maiores facilidades para a escolha dos elementos que irão participar dos seus programas, pois tem à sua disposição os artistas da rádio. No entanto, nem sempre os contratados para atuar aos microfones têm tempo para trabalhar em TV, devido a vários compromissos a que geralmente estão presos.

A escolha de Miss TV, iniciativa tomada pela TV-Tupi, certamente levará para o seu elenco um elemento de real valor: uma pequena que passará por duras provas até alcançar o título e que sem dúvida assinará um contrato para aparecer no vídeo. A seleção deve ser feita com cuidado. Temos acompanhado o programa de Jacinto de Thormes e Heloísa Helena e notado o cuidado que têm os membros por eles escolhidos para formar as comissões encarregadas de julgar as candidatas, para não se impressionarem, apenas, com os seus dotes físicos, levando também em conta a elegância e aptidões artísticas das mesmas, condições indispensáveis para uma futura estrêla de TV.

Elementos de valor em todos os campos artísticos: música, canto, dança, teatro, aguardam uma oportunidade para mostrar suas qualidades e talvez alcançar um contrato. Seria interessante que esses concursos se realizassem com maior frequência e temos a certeza de que obteriam o maior sucesso. Para a TV-Rio, emissora que ainda está organizando a sua equipe, oportunidades como essas seriam de muito valor, pois lhe dariam ocasião de contratar artistas técnicos especializados em todos os setores ligados à TV.

Programas como os «Calouros» de Ari Barroso e vários outros têm mostrado ao público grandes revelações que, sempre que possível, obtêm uma oportunidade de contrato. Os artistas de maior destaque que se exibem na TV e rádio realizam constantes excursões e os contratados internacionais o são por tempo determinado e, portanto, há sempre ocasião para o aparecimento de gente nova nos vídeos das nossas emissoras.

Vamos melhorar?

★ «Pelo mundo das artes» é um programa destinado a colocar o público em contacto com vários setores artísticos, principalmente o bailado, pois o produtor e apresentador dessas audições, Jeberlotti, tem bastante conhecimento da matéria.

Jeberlotti tem levado aos espectadores, nesse programa, diversas curiosidades sobre o bailado, mostrando que realmente conhece o assunto. Pena é que o diretor de danças clássicas não tenha um pouco mais de cuidado ao dirigir-se aos espectadores. Naturalmente falar de improviso, tendo que pensar no momento o que se vai tratar e procurando não perder a continuidade do assunto, torna-se difícil e vez por outra cometem-se alguns erros de concordância, sem que se possam ser remediados. Jeberlotti, no entanto, parece não ouvir o que diz, pois esses senões repetem-se com frequência, acabando por irritar aos espectadores. Que tal um pouco de atenção?

★ Aloísio Chaves em «Tal pai, tal filho», entrevista os filhos de homens de destaque nos mais diversos campos de atividade. Para o público constitui ótima oportunidade ver e ouvir os seus ídolos, acompanhados de membros da família. A conversa, no entanto, seria mais interessante se Aloísio não levasse escritas as perguntas que dirige aos entrevistados e as fizesse no momento, como se fôsse de improviso, embora tendo elaborado de antemão um roteiro.

Em TV, e principalmente quando se realizam entrevistas, a naturalidade é fator primordial.

★ Outra ocasião para o espectador conhecer gente nova é oferecida através de «Os brotos falam», apresentado por Paulo Magalhães que, embora concentrando em sua pessoa quase todas as atenções, desde a maneira extravagante como se apresenta, até às passagens de sua vida artística que comenta, consegue ainda assim fazer, com que o seu programa agrade.



Maria Muniz, Heloísa Helena e Lídia Matos interpretam uma cena na novela «David Copperfield», levada ao vídeo pela TV-Tupi.

★ A falta de energia elétrica anda prejudicando em muito as transmissões de TV. Em uma semana, durante duas noites, as estações foram impedidas de exibir a sua programação. Esses defeitos, somados a alguns senões constantes, devido a deficiência na aparelhagem técnica, prejudicam ao espectador, que fica privado do seu divertimento...



Dóris Monteiro continua obtendo sucesso com as suas audições das sextas-feiras.

Grau Dez:

...Para «Doris Monteiro Canta». Essas audições, em que se combinam ótimamente a voz melodiosa de Doris e os cenários de bom gosto de Pernambuco de Oliveira, constituem uma das boas atrações às sextas-feiras na TV-Tupi.

...Para Arnaldo Nogueira, que em «Ajude-nos a servi-lo» procura levar aos espeladores os principais problemas que os afligem e que são debatidos ante às câmaras por autoridades competentes para resolvê-los. Já agora Arnaldo consegue aproveitar ao máximo o tempo de duração do programa, estabelecendo um roteiro para as conversações, para que o público consiga os maiores esclarecimentos possíveis sobre o assunto que está sendo tratado.

...Para Lídia Matos que, entre os muitos programas de que participa na TV-Tupi, continua mantendo presa a atenção dos espectadores durante o seu «É proibido falar», pela vivacidade e simpatia com que conduz as mímicas, enchendo de entusiasmo aos que assistem de casa e que acabam participando das brincadeiras.

...Para as audições do cantor português Tomé de Barros que, contando vários ritmos, tem agrado bastante, principalmente aos entusiastas do fado.

...Para «Exame de consciência», palestras organizadas por um sacerdote que se dirige ao público com muita naturalidade, como se estivesse conversando e não pregando e, com a sua simpatia e simplicidade, acaba por alcançar o seu objetivo, isto é, consegue fazer com que os espectadores meditem por muito tempo nas palavras que lhes foram dirigidas.

Viena contra Mozart

● Não é nossa intenção traçar aqui um rápido esboço biográfico do gênio de Salzburgo, cuja infeliz existência já foi exaustivamente estudada em centenas de ensaios, sob aspectos e ângulos os mais diversos. Agora, por ocasião do 2º centenário do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart, fato que, aliás, vem passando despercebido em nossos meios musicais, achamos de interesse reavivar na memória dos seus admiradores, a hostil e antipática atitude que, durante quase toda a sua existência, a risonha Viena d'Austria assumiu para com ele. O triunfo de Mozart iniciou-se praticamente aos seis anos de idade, quando, partindo de sua cidade natal, apresentou-se em Munich e Viena, causando enorme surpresa. No ano seguinte conquistou Paris inteira, onde publicou suas primeiras composições. Depois vieram Londres, Haia, Berna, Zurich, e novamente Munich. Por essa época, o «menino-prodígio» já era conhecido em todos os grandes centros europeus.

● Os primeiros impactos negativos sofridos pela celebridade prematura de Mozart ocorreram em meados do ano de 1767, logo após o retorno de sua família à Viena. Vários críticos e compositores da época insurgiram-se contra o menino, afirmando, maldosamente, que não era o filho, de apenas onze anos de idade, e sim o pai, o verdadeiro autor das obras àquelas atribuídas. Assim, Mozart viu-se forçado a dar provas de sua capacidade criadora, improvisando publicamente estudos, minuetos e outras pequenas peças — o que por si só foi suficiente para fazer calar os despeitados. No entanto, esses últimos, não se dando por vencidos, apelaram para outros métodos, mais sórdidos ainda. E quando o Imperador ordenou a Mozart que compusesse uma ópera, fez-se sentir uma poderosa sabotagem, visando, exclusivamente, impedir que os cantores fizessem contrato para a apresentação da obra.

Aos monumentais triunfos obtidos em Roma, Milão, Nápoles e Bolonha, com a ópera «Mitridates, Rei do Ponto», se-

gue-se o lamentável fracasso de «O Rapto do Serralho» na capital do seu país. Ainda em Viena, em princípios de 1786, os cantores italianos provocaram, intencionalmente, o insucesso de «As Bodas de Fígaro», que pouco tempo depois seria delirantemente aplaudida em Praga. Então Mozart, profundamente agradecido pela extraordinária receptividade que teve a sua obra na capital tcheca, dedicou a esta cidade a ópera «Dom Juan», cuja estréia constituiu-se uma das maiores consagrações públicas ao compositor. Mas em compensação, dois anos depois, «Dom Juan» fracassou completamente em Viena, que parecia estar em constante conspiração contra Mozart. A partir de então, o seu prestígio entrou em franco declínio na metrópole austríaca, tornando-se inexplícavelmente um compositor de segundo plano em favor de outros nomes hoje completamente esquecidos. Em 1789, Mozart empreendeu a sua última viagem: realizou programas musicais em Dresden e Berlim, e rendeu uma homenagem à memória de Bach, em Santo Tomás.

● Somente depois que o rei da Prússia ofereceu-lhe um cargo na corte é que Mozart começou a sentir-se magoado com a frieza de atitudes que a sua cidade imperial demonstrava. Entretanto, o pior de tudo estava por vir. Quando da estréia, em Viena, da «Flauta Mágica» — a mais autêntica de suas óperas, escrita sobre texto em alemão, tendo aberto o caminho ao «Fidélío» de Beethoven e ao «Freischütz» de Weber, Mozart percebeu, com tristeza, que o seu primeiro grande êxito naquela cidade devia-se mais ao aspecto grotesco e cômico do que propriamente à profundidade que a obra encerrava. Não obstante, o «Cisne de Salzburgo» soube resistir com marcada superioridade a todas essas injustiças, pelas quais, segundo parece, a velha Austria nunca deixou de se penitenciar. E é provável que essa penitência se exteriorize através do mundialmente famoso «Festival de Salzburgo», realizado anualmente em memória do genial compositor.

NOTICIÁRIO

O NOTÁVEL REGENTE ERICH KLEIBER, um dos mais destacados condutores de orquestra do mundo, faleceu no dia 27 de janeiro último, no apartamento do hotel em que residia em Zurich. Nascido em Viena no ano de 1890, Kleiber dirigiu a Orquestra da Ópera do Estado dessa cidade, desde 1923 até princípios de 1953. Durante a guerra, os nazistas o consideraram «persona non grata», primeiramente porque ele não era ariano; e como não conseguiram provar essa afirmativa, acusaram-no de patrocinar música moderna de caráter antigermanico. Erich Kleiber dirigiu concertos sinfônicos em todas as grandes cidades do mundo, inclusive no Rio de Janeiro.

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

★ HUMORISMO ★ CARTAZES ★ TEATRO ★ RÁDIO ★

RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★

“Mil” lhe oferece:

Contra ROUBO do seu CARRO



FECHADURA TRAVA DIREÇÃO

MERLI

SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO





Manoel Barcelos, presidente da A.B.R., esteve presente ao Baile do Flamengo. Em baixo, Nair Gonçalves, Rainha do Carnaval, que com sua presença abrilhantou ainda mais a grande festa dos rubronegros.



BAILE DE GALA



◉ EM AMBIENTE de intenso entusiasmo, e de grande alegria (pudera, também: o «Mengo» escapara, poucas horas antes de um empate brabo com o Botafogo, só fugindo a êle nos últimos minutos de jogo), realizou-se o Baile de Gala do Clube de Regatas do Flamengo, na grande sede rubronegra, à Avenida Rui Barbosa, lindamente decorada para a ocasião com motivos carnavalescos. Grande foi a afluência ao baile, que reuniu o que de melhor possui a família rubronegra. Por essas páginas, poderá o leitor aquilatar o que foi essa noite inesquecível, para quantos compareceram à espaçosa e confortável sede do Flamengo. Fotos Vasconcelos

A DO FLAMENGO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Vale Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

LEIAM

ESPORTE
ILUSTRADO

TUDO SOBRE
ESPORTES

TÔDAS AS
QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

O TESOURO DO

(Continuação da pág. 19)

— Mas o carro voltará, gritou Jeremias, sacando uma pistola e apontando-a para o lord. Pelas costas do contrabandista, Ashwood fez um sinal ao cocheiro que saltou do seu lugar para atacar intempestivamente a Jeremias. Este deu-lhe um violento golpe na cabeça com a culatra da arma. Então Ashwood puxou de uma adaga e antes que Jeremias tivesse tempo de voltar-se, a enterrou nas suas espádas.

Jeremias ainda pôde voltar-se apontando a pistola, disparou. O corpo de Ashwood caiu pesadamente no fundo da carruagem. Os cavalos, assustados pelas detonações, saíram em disparada, inteiramente desarvorados, arrastando o carro, enquanto Clarisa olhava com terror o cadáver do marido...

Quase sem respiração, Jeremias deteve-se, afinal, junto à cabana do pescador. Lá dentro, Juanito dormia ainda profundamente. O contrabandista fez em pedaços o bilhete que havia escrito e colocou a bolsa de veludo junto ao garoto, que despertou em sobressalto.

— E' hora de partir? — perguntou.
— Não, Juanito, Nossos planos mudaram.
— Mudaram?
— Sim. Tu ficarás aqui até o amanhecer e depois caminharás até Moonfleet onde encontrarás o padre Glennie a quem vais contar todas as nossas aventuras.

— E... iremos ambos?
— Se alguém te interpelar no caminho, responde que eu te havia mantido como cativo e que conseguiste escapar...

— Mas eu não quero ir a lugar nenhum sozinho, sem o senhor? gemeu aflito o garoto.

— Nem sempre se pode fazer o que se quer, murmurou Jeremias com voz débil. Necessito de alguém da minha confiança para ficar em Moonfleet até a minha volta.

— Vai viajar?
— Sim. Uma viagem demorada...

E baixando a voz, em palavras entrecortadas, Jeremias acrescentou: — Estou muito feliz porque tua mãe te mandou para a minha companhia!

O menino e o contrabandista trocaram um olhar demorado, com afeto e ternura.

Jeremias procurou encontrar forças na própria fraqueza para subir a embarcação que o esperava na praia; desamarrou os cabos que a atavam à terra e largou sobre as águas, desfaldando as velas. Lentamente, movido pela maré e pelo vento, o barco foi-se afastando. Juanito, debruçado na janela da cabana, despedia-se de Jeremias, agitando freneticamente um braço. Mas Jeremias já não via nada... Seus olhos, muito abertos, fixavam-se no céu, porque havia caído de costas, no tombadilho, sem vida. A profunda ferida provocada pela adaga, havia sido fatal.

De mãos trêmulas, Juanito abriu o pórtico da arcaica mansão dos Mohune.

— Esta é a primeira vez que esse pórtico se abre depois de doze anos, comentou o padre Gennie.

— E' preciso manter todas as portas abertas, porque não sabemos quando ele voltará.

— Falas de Jeremias Fox? inquiriu o sacerdote.

— Sim, padre...
— Estás seguro que voltará?
— Sim, porque é meu amigo.

O padre sorriu e olhou a criança com infinita melancolia, compreendendo que ainda era cedo para dar-lhe a triste notícia. Depois, passando o braço pelos seus ombros, os dois caminharam pelo parque daquela velha casa solarenga... E o perfil de ambos foi desaparecendo. FIM

FAZER-SE AO MAR

(Continuação da pág. 5)

...uma "caverna" no barco de Cirilo.
Novamente o coração descompassou-se. Resolveu descansar. Sentou-se. A maré já vinha de enchente e não se preocupou em deixar a jangada vir descaindo. Quando chegasse em frente da Mariquita, tomaria o rumo da enseada.

A jangada dançava silenciosa entre algas esparças que lembravam bandeiras em dias de festas. A certa distância, outros pescadores remavam ligeiros num oblíquo de pêndulos invertidos. Sem dúvida, os peixes estavam comendo e o pobre homem ali impassível, desnecessário, acabado. Curvado na jangada, olhava a superfície do mar.

Passaram-se alguns minutos. Em frente da enseada, Ilário preparou-se para remar, quando uma gaiota sobrevoou. Uma estridência repentina se fez ouvir. A ave marinha, voando ligeira, livre no espaço, repercutiu no homem uma lembrança singular: Canuto da Silva era o político da classe.

— Cooperativas, pescadores — gritava sempre — eis aí o que precisam para a impossibilidade na velhice vindoura, na doença...

Engodos para peixes famintos: essa associação de idéias, de nada atenuaram a situação de Ilário, pois ao levantar-se, as pernas trêmulas, recusaram o corpo inútil. Continuou remando, embora sentado.

Aquela hora já haveria gente na praia. Ajuda-lo-iam. Venderia o peixe. Vitor, o peixeiro, viria logo interessado.

Percebia na praia, homens trabalhando, ali, acolá, em grupos de espera, sentados em canoas, deitados na areia, cabeças em chapéus.

Ilário bem que podia tirar a camisa, improvisar uma bandeira na ponta do remo, faria um sinal. Certamente Saragaia no alto da pedra, botando sentido no peixe ausente, perceberia o aviso, chamaria gente. Mas, não gostava daquele povo. Depois que dera um "ataque" no armazém do Manca, todos se faziam em reservas. Diziam: que ataque da "gôta" pegava que nem visgo. Um intocável, coitado!

De repente, um estremecimento sacudiu o corpo, aspmódico. Inclinou-se para a frente, tentou segurar no aracambu, mas, em vão, Caiu.

Da praia perceberam. Grupos de homens, ficaram alarmados, pegaram a canoa, remaram ligeiros e sondaram o local.

Uma jangada e um peixe, somente...
x x x

Calota veio andando desvairada pela rua, com a notícia que o filho de Dadinho lhe levava, e, quando atingiu a praia, foi abrindo caminho entre as pessoas aglomeradas à sua frente, observou ainda quando alguns pescadores comentavam as possibilidades do homem ser achado, mas não ligou mais nada. Dali mesmo, apressou seus passos, subiu a pedra, deu uma ou duas voltas com gestos nervosos, levando a mão à fronte, perscrutando inutilmente o horizonte, dizendo:

— Morreu! Morreu!
Ainda era noite e aquela mulher chorava na pedra a morte de Ilário. Tudo era silêncio, um silêncio de ausência, despertado apenas, pela arenga dos marulhos e a lembrança dos séres ocultos murmurando canções no seio do mar.

ARTES

JOSÉ ROBERTO

A NOVA CAPITAL E A MODERNA ARQUITETURA

EM DECLARAÇÕES prestadas à reportagem dessa REVISTA, faz algum tempo, o marechal José Pessoa, presidente da comissão encarregada pelo governo federal de ultimar a mudança da capital da República para o Planalto Central, expandiu alguns conceitos pouco lisonjeiros sobre a moderna arquitetura brasileira — conceito que, confessamos, nos levou a temer um pouco pela estética da futura cidade de Vera Cruz, se é que a mudança venha de fato a se realizar, nesse país em que a utopia leva sempre de vencida a realidade. Não é possível que, numa terra, como a nossa, possuidora de uma das mais avançadas escolas arquitetônicas da atualidade, onde existem arquitetos de renome de um Niemeyer — que os alemães chamaram para reconstruir Berlim — de um Lúcio Costa ou de um Afonso Eduardo Reidy, todos internacionalmente conhecidos e admirados, venha a ser construída uma nova capital, sem que se leve em conta quer os conhecimentos notáveis de seus melhores arquitetos, quer as características próprias, inconfundíveis, da moderna arquitetura nacional.

O velho e honrado marechal José Pessoa tem o direito de gostar, ou não, da moderna arquitetura. Nascido em outros tempos, e conseqüentemente, educado à sombra de outros conceitos estéticos, hoje de todo ultrapassados, pode, em uma entrevista, declarar-se peremptoriamente avesso à arquitetura contemporânea, a ponto de achar inadequado ao nosso clima e edifício do Ministério da Educação. Aliás, o faz tendo antes o bom senso de apontar, nas próprias bases da educação que recebeu na infância e na adolescência, as prováveis razões dessa posição adversa. Pode preferir, ao moderno edifício onde funciona o Ministério da Educação, o velho e obsoleto casarão da Biblioteca Nacional, ou o em que funciona o Museu de Belas Artes. O que não pode, porém, ou pelo menos não deve, é impedir que os modernos arquitetos brasileiros venham a ser ouvidos e acatados, como é natural, quando os edifícios públicos de Vera Cruz estiverem para ser construídos: é deixar de consultar, sobre os jardins da cidade, digamos: o paisagista Burle Marx; é banir, da futura capital brasileira, todos os vestígios da arte moderna, privando os edifícios públicos de um mural de Di Cavalcanti, e os jardins e praças, de uma escultura de Bruno Giorgi, por exemplo.

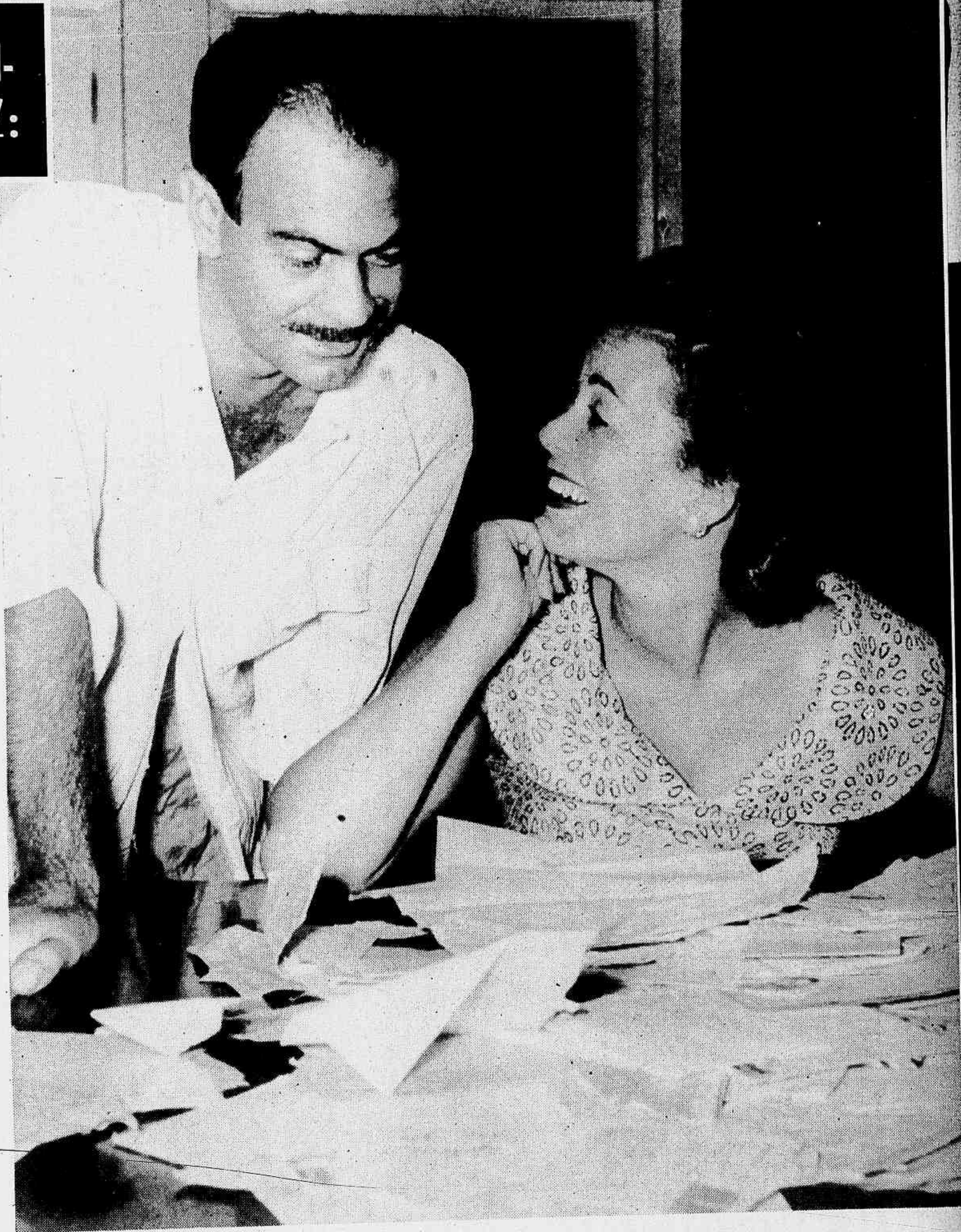
UM CASAL DECIDIDAMENTE GRAU DEZ:

Ela:

Aquela mocinha
bonita e simpática
da TV...

Ele:

Aquêle que já foi
o famoso Papai
Urbano...



LÍDIA E URBANO

TEM 4 FILHOS, CADA QUAL MAIS LEVADO, PARA ATURAR (AOS SÁBADOS) ★ NOS OUTROS DIAS, É DONA ODETE QUEM AGÜENTA COM OS NETOS ★ DOMINGO, DIA DE DESCANSO, «NO BATENTÉ», À TARDE E À NOITE ★ UM LAR FELIZ ONDE SE ENTRA PELA PORTA DE SERVIÇO

Texto de SÉRGIO SILVEIRA

Fotos de A. FERREIRA

A campainha do 202 soou pela terceira vez. Uma grôta de avental branco apareceu na porta ao lado.

— O que o sr. deseja?
— Somos da REVISTA DA SEMANA...
— Ah, sim! D. Lídia já os espera... Faça o favor de entrar por aqui, pela cozinha... se não se incomoda.

Sorrimos, e, fotógrafo à frente, penetramos no apartamento do casal Lídia Matos e Urbano Loes.

Enquanto esperávamos pelos donos da casa, a empregadinha explicava o porquê da porta da frente trancada:

— É que os garotos são levadíssimos. Se encontram uma saída livre... em pouco estão

na rua sem que ninguém o perceba. E é por isso que «seu» Urbano mandou trancar e guardar a chave da porta que dá ao salão de jantar... Por lá, é difícil controlar-lhes a saída!

Urbano foi o primeiro a aparecer. De «shorts», sandálias e camisa aberta ao peito, estava à



SABADO É DIA de praia, e quem quiser encontrar Urbano Loes, sua esposa Lídia Matos, e os quatro filhos do casal, é tomar um carro e rumar para o Arpoador. Nos outros dias é escusado: a televisão e o rádio absorvem completamente as atividades desse simpático e camarada par.

nossa espera para, depois da entrevista, dar um pulo ao Arpoador com a criançada. Lídia veio logo em seguida, e num bate-papo de gente amiga teve início a reportagem, entrecortada, quase sempre, pelos pedidos de Tânia — a filhinha mais velha do casal, 7 anos —, que, por força, queria do pai um maiô novo. A ruivinha bateu pé, fez manha... e o papai não teve outro jeito que o de prometer-lhe, sem falta, que ao sair iria atender o pedido.

Foi Lídia Matos, a pedido do repórter, quem recordou o seu ingresso na carreira artística:

— Lembro-me dos meus onze anos... Cursava, então, o ginásio na Escola México, à época em que fui convidada por D. Juracy Silveira a participar do grupo orfeônico. Nesse tempo, escrevera uma composição patriótica — «Viva o Brasil» — que dediquei ao maestro Villas Lobos. Era uma página musical endereçada às crianças e, sem falsa modéstia, até que não estava muito ruim, para a minha idade. Depois, veio o convite de José Vieira Brandão para tomar parte nos programas infantis da Tia Beatriz, na Cruzeiro do Sul; a minha formatura em perita contadora; a ida para a Nacional, integrando, aliás, a primeira novela apresentada pela E-8... «Flashes» de uma adolescente, nada mais!

Urbano interrompeu-a:

— Mas, foi na Mayrink que seu nome projetou-se ao «estrelato». E ainda mais: na Mayrink é que se deu o grande romance entre Lídia e Urbano Lóes, convém não esquecer!

Um «ah!» irônico da teleatriz e um sorriso encabulado deram mostra do esquecimento em que havia ocorrido. Prosseguiu:

— Da antiga estação dirigida pelo sr. Edmar Machado, para onde fui levada por indicação de Celestino Silveira a fim de tomar parte no seu Cine Rádio Teatro, e ainda onde participei

de outros bons programas, como o «Teatro Flamour», o «Casé», «Defensores da Lei», etc.,



LÍDIA MATOS, um dos sustentáculos da TV Tupi, recebe pacientemente os respingos de água do mar que seu filho maior teima em lançar-lhe.

LÍDIA E URBANO

passai por um período longe dos microfones do meu público querido. Casei. Tive quatro filhos. Sou felicíssima. Contudo, as saudades me fizeram voltar. Desta vez, num campo completamente novo, para mim e para meu público a televisão.

Agora fomos nós que a interrompemos:

— Lídia, você acha que a televisão em breve exterminará com o rádio?

Urbano fez questão de responder:

— Acabar, acabar, não é bem o termo. É fato que para cada novo aparelho de TV comprado, cinco, pelo menos, são os ouvintes que o rádio perde. Devemos levar em conta, no entanto, que o poder aquisitivo do nosso rádio-ouvinte é ainda precário para a compra de uma televisão. Portanto, uma coisa posso garantir: se isso acontecer, não será para os nossos dias.

Retomamos a conversa para novo rumo, a resposta de Urbano veio de pronto:

— É claro, nada mais lógico para constatar as vantagens da televisão sobre o rádio do que a possibilidade dada ao teleator de ser conhecido fisicamente de seu público. Imagine que de certa feita, quando numa discussão de rua em que estava metido, e já ia quase às vias de fato com o meu antagonista, ele, não sei bem como, descobriu quem eu era...

— V. é o Papai Urbano da «Conversa em Família»?

— Sou, e daí?

— Ora! Devia ter dito logo... Essa é muito boa... Logo eu, ouvinte assíduo de seus programas, fã ardoroso da «Conversa»... O Sr. me desculpa, vamos a um café...

E continuou:

— Assim é o rádio: ouve-se, gosta-se... mas não se vê. E não foi essa a única vez em que ia apanhando de um fã por não saber quem eu era...

Um bando de crianças entrou correndo pela sala. Urbano Lóes Jr., 8 anos; Dilma, 5 anos; Luiz Carlos, o caçulinha, com apenas 4 primaveras, vieram apanhar os «velhos» para a praia.

Lídia tentou convencê-los a esperar um pouquinho...

— Ah, mãe, hoje é sábado! — gritou a Tânia, deixando à mostra, em um sorriso largo, a folha dos dentes.

A caminho do Arpoador a produtora, diretora, teleatriz, corretora — Lídia Matos — explicava o significado de um sábado para as crianças:

— É o único dia da semana em que dedico todo o meu tempo à minha gente de casa. Nos demais, nem é bom falar: levanto cedo, saio para assistir aos meus clientes, aos programas, ensaios, um lufalufa constante. O «Encontro Entre Amigos», «É Proibido Falar», «Tele-Testes» e o «Tele-Semana Garson», na TV; o «Cartas e Cartazes» e «Calouros em Casa», na Tupi — tomam grande parte da minha vida. Mas, chegando o sábado, abandono tudo e fico em casa...

O sol da manhã de verão fez encurtar nossa palestra. Despedimo-nos daquela família feliz que, reunida à sombra da barraca, desfrutava as delícias de uma boa praia. O fotógrafo bateu mais algumas chapas... E já íamos saindo quando D. Odete, mãe de Lídia Matos, nos chamou para junto de si:

— V. quer um «furo»?

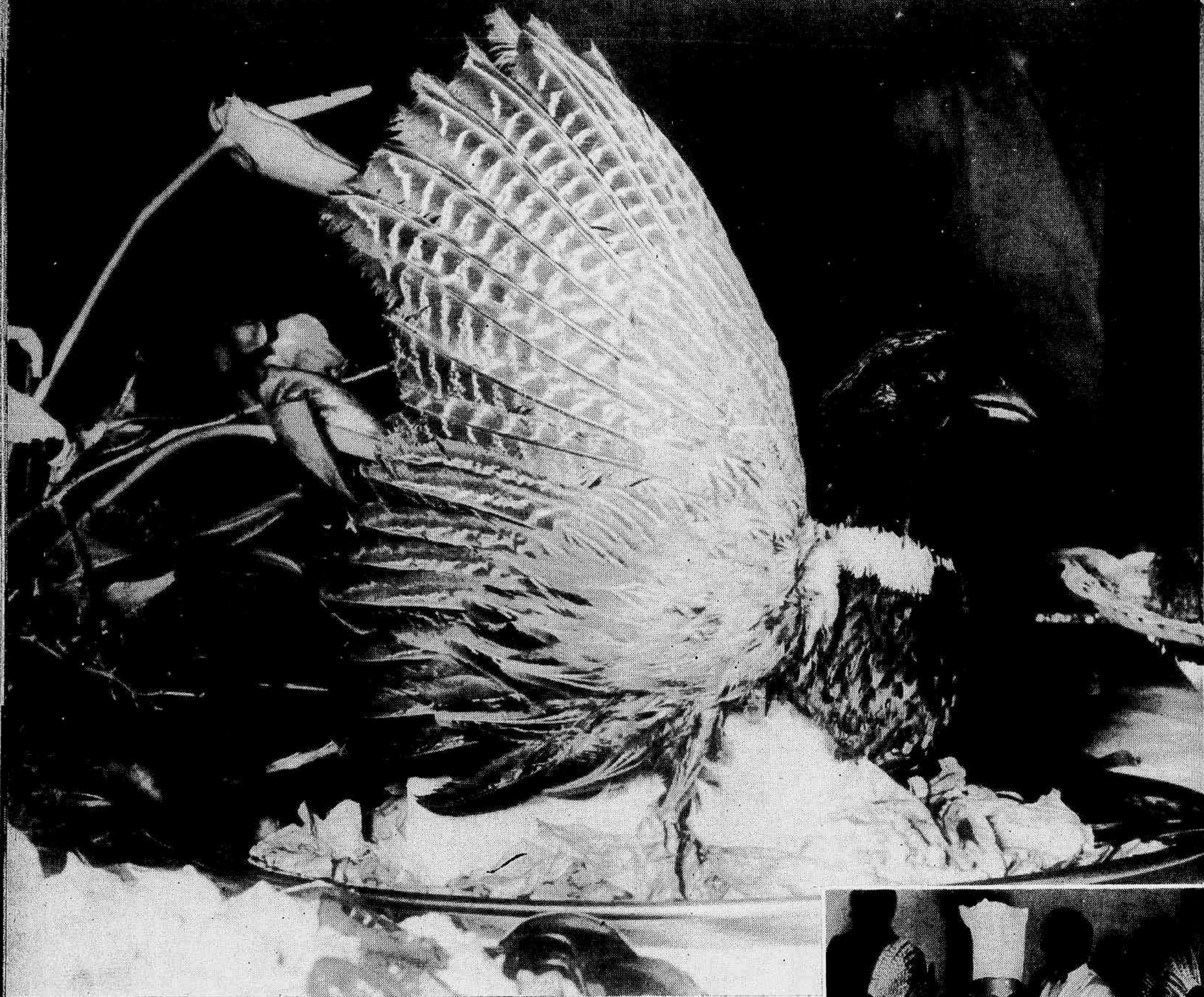
— Claro...

— Então diga a seus leitores que não tardará muito e minha filha voltará a cantar...

E com gesto sigiloso levou o dedo indicador aos lábios num «Pss» de segredo.



UM CASAL decididamente grau dez: Lidia Matos e Urbano Loes. Conheceram-se na Rádio Mayrink Veiga, casaram-se, mas continuam à frente de seus respectivos programas. Para a felicidade de todos nós, aliás.



Avis rara para J K

O FAISÃO, antes de tudo, é uma ave. Ave grã-fina. Mas infeliz. Porque, desde o dia em que se convencionou que sua carne era melhor do que a dos demais membros da grande família a que pertence, os banquetes e recepções não passaram a utilizar, em seus cardápios, senão essa «matéria-prima», para satisfazer o gosto refinado dos «gourmets» do mundo inteiro. Ainda agora no banquete que Juscelino Kubitschek ofereceu no Itamarati, e logo após na recepção que se lhe seguiu, pode-se dizer que os faisões foram uma das notas de sensação da festa. Caviar, nem tanto. Mas faisão, com pena e tudo, dezenas e dezenas deles, pousados sobre os pratos de «mayonaise», como se ainda estivessem em seus ninhos (se é que faisão de fato possui ninho), francamente, é coisa que foge ao comum. Provamos sua carne. E, que nos perdoem os entendidos, e principalmente o bom do senhor Clement Grangier, que aí em cima pode ser visto na fotografia menor, exibindo, orgulhosamente, algumas de suas vítimas: não a apreciamos grande coisa. É melhor que galinha, porém inferior ao peru. Pelo menos, o pedaço que provamos. Enfim, talvez estejamos enganados. De qualquer modo, reservamo-nos para posteriores julgamentos. Voltaremos ao assunto. Na próxima posse, daqui a cinco anos, evidentemente.



REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 7 — Rio de Janeiro — 18-2-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDERECO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



J. G.

Diziam que não viria
Pois muita coisa haveria
E houve alguém que estremeceu...
Era, porém, exagero
Ninguém estragou o tempêro
E na hora, apareceu.

MEN
DEZ



- 1 -



RA uma vez um garotinho e uma mulher muito velha. O garotinho se chamava Pedro, e a velha se chamava simplesmente «Vovó». Outrora ela tivera um nome como tôdas as outras pessoas possuem, mas desde muito tempo que apenas era conhecida assim, e que ninguém lhe dava seu próprio

nome, do qual ela mesma já devia ter se esquecido.

Vovó habitava com Pedro numa pequena cabana, bem longe, no meio do campo.

Durante a primeira infância, Pedro passara brincando todos os dias, da manhã até à noite; brincava sempre, e acreditava até que as horas, e tôdas as coisas que existem, não se destinavam a outra finalidade. Desde o nascer do sol que ele podia ser visto correndo pelo campo a fora, assoviando e imitando o canto dos pássaros, e despedaçando as flores que lhe caíam ao alcance dos dedos. Tudo aquilo que encontrava, considerava como de sua propriedade, e ele era o único a desfrutá-la, aliás gostosamente.

A criança era a única alegria de Vovó. Ela o observava, muitas vêzes, enquanto trabalhava, e lhe sorria, sacudindo levemente a cabeça, e logo voltando a concentrar-se de novo no trabalho e às suas múltiplas ocupações.

— Pierke, dizia ela, Pierke, não te afastes demais; se ficas perto de casa, podes ficar brincando durante o resto da vida, sem precisares trabalhar, pois eu cuidarei de ti.

E Pierke sacudia os braços, suas perninhas rosadas corriam ainda mais rápidas, enquanto ele gritava cheio de alegria: «Vovó! Vovó!» Depois, subia nas árvores mais altas, colhia laranjas e peras, ou furtava o delicioso mel de abelhas.

Cada dia uma vida nova despertava para ele, vida que retinia, risonha, em seus ouvidos. A velha, essa, seguia simplesmente sua existência de todos os dias: ao meio dia, chamava o menino para comer, e à tarde o aconchegava carinhosamente ao pequenino leito, ao mesmo tempo que lhe contava histórias sempre novas, que prosseguia inventando até que a criança caísse no sono.

No dia seguinte, o sol de novo aparecia a brilhar sobre o mundo, e Pierke acreditava ver, a cada passo, os pequeninos gnomos dos contos de fadas sentados à sombra grave das árvores, ou se debatendo nas águas límpidas de

algum riacho. Ele caminhava sempre, desejoso de ver alguma coisa maravilhosa, e a cada passinho que passava dizia palavras solenes, batia docemente com troncos frágeis de arbustos sobre pedras, a ver se assim conseguia desencantar alguma princesa adormecida.

Havia ainda outras crianças que moravam no campo. Nada possuíam de extraordinário, porém a brincadeira com muita gente agradava muito a Pierke, pois juntos, faziam os meninos uma barulheira enorme, e se afastavam muito mais do que de costume da casa onde moravam. Dirigiam-se, então, à pequena vila, para brincar com outros meninos, ou brincavam em uma enorme fazenda, até ao tombar da noite.

Pierke recomeçava, todos os dias, essa ocupação, sempre com novo prazer, e contava à Vovó toda a sua alegria. A velha escutava, e começava a lhe contar histórias, até que o menino adormecesse.

As demais crianças lhe ensinavam muitas coisas novas, cada uma gritava mais alto do que as outras, de vez que, naquela sociedade, quem falava mais alto era quem desfrutava de maior consideração, e era melhor atendido.

E foi assim, um dia, eles perguntaram a Pierke quem eram seus pais, e onde viviam. E como o menino não soubesse o que responder, eles

caçoa
Pier
Vovó.
viam
sejav
— ?
mãe?
Pelo
da co
um ó
vam
ram-l
que s
zinho
velha
que
uma
Vo
—
aqui
E



Pequenino Cavaleiro, que se perdeu, porque partira sozinho pelo mundo afora.

Na manhã seguinte, as máguas da noite tinham sido esquecidas e o menino ficou em casa, a poucos passos da habitação, e brincou sozinho. Colheu de novo as mais belas flores que lhe antepunham, quando perseguia as lindas borboletas. Depois, arrulhava como os pombos, cantava como os melros, ou mergulhava as pernas na água dos regatos, à procura dos peixinhos dourados.

Pierke afastava-se de todas as coisas que não conhecia, e examinava os homens de detrás dos troncos de árvore. Viu, assim, o pastor, que conduzia por ali os seus rebanhos. O velho marchava lentamente, envolto em seu manto já rôt, enquanto os carneiros enchiam toda a largura da estrada poeirenta, e dois cães caminhavam, atentos, de um e de outro lado da tropa. Pierke observou tudo isso, e notou também uma menina que trazia uma trouxinha amarrada à ponta de um cajado, e que a cada instante se detinha para abaixar-se e apanhar no chão alguma coisa, que ia colocando nela.

Tão lentamente como aparecera e desfilara, o cortejo inteiro desapareceu ao longe, tal como fazem as nuvens no céu, e Pierke abandonou suas brincadeiras para segui-lo com os olhos. A menina, principalmente, tinha um olhar tão maravilhosamente doce, e cabelos tão longos, que flutuavam ao vento, que Pierke pensou reconhecê-la como uma das figuras dos contos que Vovó lhe contava. Aproximou-se, pois, dela, e lhe perguntou, timidamente:

O menino estava cada vez mais espantado com essa garôta estranha, que não possuía nenhum parente, e que olhava para ele de modo tão solene, sem um sorriso sequer.

Afinal, ela se encaminhou de novo com os carneiros, lentamente, com a trouxinha às costas. De vez em quando, abaixava-se e ia pondo em sua trouxa um gravetinho, ou uma erva seca.

Marchava o rebanho, e com ele caminhava a menina, que, quando chegou bem longe, se virou para trás. Pierke estava sentado à beira da estrada, e olhava para a menina até que ela e mais o rebanho desapareceram lentamente em uma das curvas do caminho. Ele ficou só, então, e pensou ter perdido alguma coisa que não sabia bem o que era, e que ainda não havia conhecido. Em seu pensamento, o pastor continuava pastando, e os carneiros, e os cães, e atrás de tudo a meninazinha, igual à uma princesinha de algum país de conto de fadas.

— Ela é mais pobre do que eu, pensou Pierke, e todavia não se lamenta!

Sentia uma grande piedade e tristeza, porque Pieternele fôra embora, sem ninguém. Absorto, retornou à casa, e de tudo o que sucedeu, não contou palavra a Vovó. Porém, à noite não conseguiu dormir, pois sonhou com Pieternele.

Nos dias seguintes, a brincadeira ficou esquecida, as flores ficaram em paz, e Pierke contentou-se em respirar-lhes o perfume; e os pássaros cantaram sozinho. Constantemente seus olhos se fixavam sobre o lugar do caminho em que a menina desaparecera, e ele passeava, e

A RONDA DA MORTE

caçaram dele, e o expulsaram das brincadeiras.

Pierke veio para casa chorando, queixar-se à Vovó. Todas as crianças tinham pai e mãe e viviam em uma casa, e possuíam tudo o que desejavam.

— Porque então eu não tenho nem pai nem mãe? gemeu ele.

Pela primeira vez, ele aquilatou a pobreza da cabana de argila de Vovó, e a miséria de um órfão. E todas as fantasias que lhe bailavam pela cabeça, nos dias passados, apareceram-lhe então como futilidades, como coisas em que suas mãos poderiam tocar. Ele morava sozinho, sem ter um irmão ou uma irmã, com uma velha avó, num estábulo para cabras; e, pelo que diziam as demais crianças, sua avó era uma verdadeira bruxa, velha e feia.

Vovó, porém, o consolou:

— Não dê atenção aos maus meninos, e fica aqui, brincando o quanto desejares.

E depois, contou ao menino a história do

— Menina, como se chama você?

— Pieternele, respondeu docemente.

— Pieternele? É estranho... e tu tens pai e mãe? — perguntou o menino, mudando de pronome e de tom.

A pequena lêz que não com a cabeça, e ainda arregalou mais os olhos.

— E você brinca com quem? continuou Pierke, outra vez variando o tratamento.

— Com ninguém.

— Oh! então você não se diverte?

— Como posso divertir-me?

Pierke não compreendeu, e perguntou ainda uma vez:

— E não terá acaso você uma avó, que lhe prepare a comida, e que te conte história, à hora de dormir?

— Não.

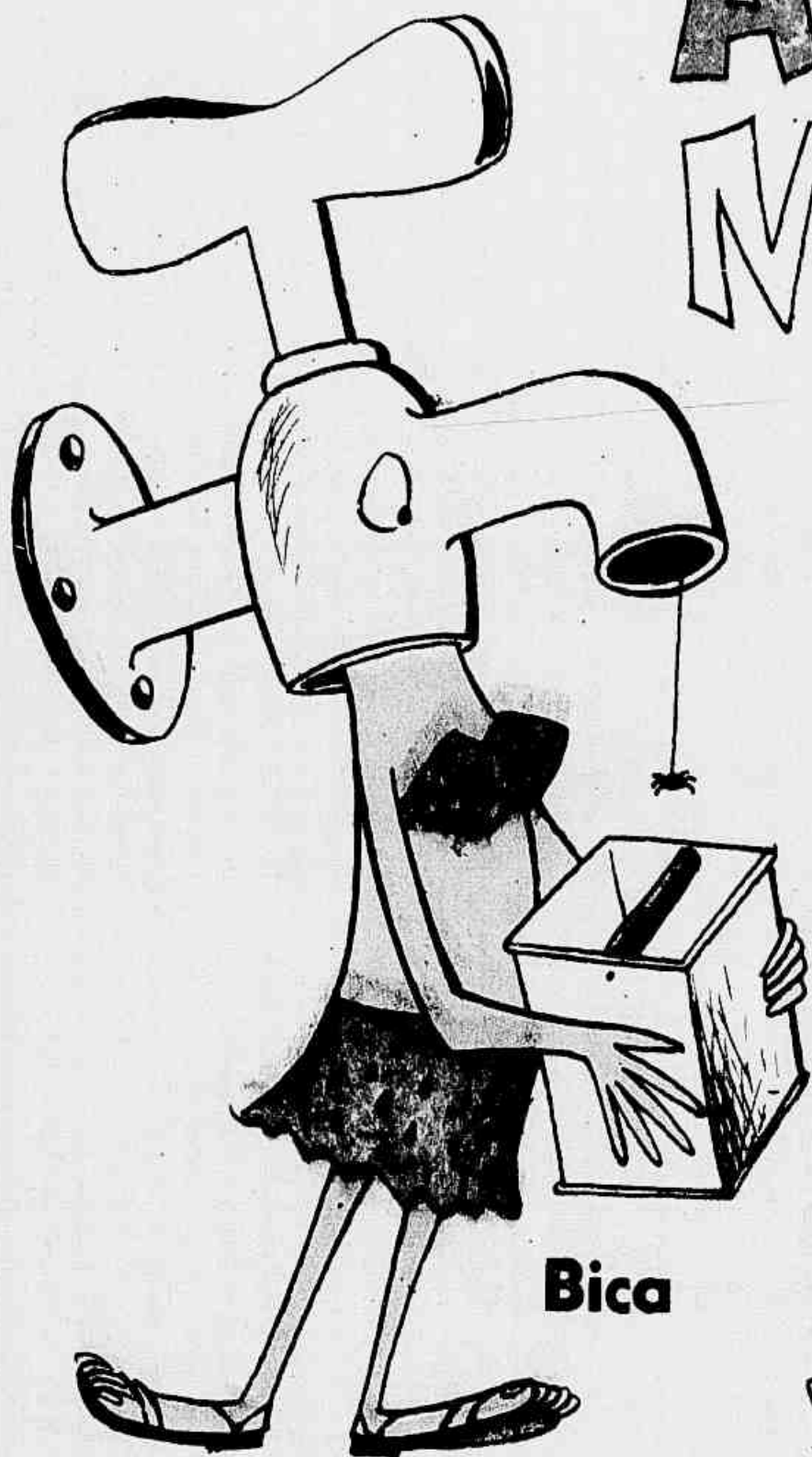
procurava alguma coisa, que não sabia bem o que era.

Muitos dias depois, o mesmo pastor, com o mesmo rebanho, passou novamente pelo mesmo caminho, e Pierke desejou, ardentemente, rever o vulto da pequena Pieternele. Ao vê-la, ele correu ao seu encontro. Eles falaram longamente, dessa vez, e em seguida Pierke a acompanhou. Caminhou, caminhou, e esqueceu completamente a casa de sua avó. Não desejava mais brincar mas experimentava uma alegria nova e maravilhosa, por toda parte em que passava acompanhado da linda pastorinha. No fim, ele perguntou se podia seguir com ela, e ajudá-la. E foi o que aconteceu. Pieternele ensinou-lhe a traçar dois pedaços de erva, e eles logo fizeram uma cesta bem grande, e continuaram lado a lado seu caminho, recolhendo o felpo dos carneiros para o pastor.

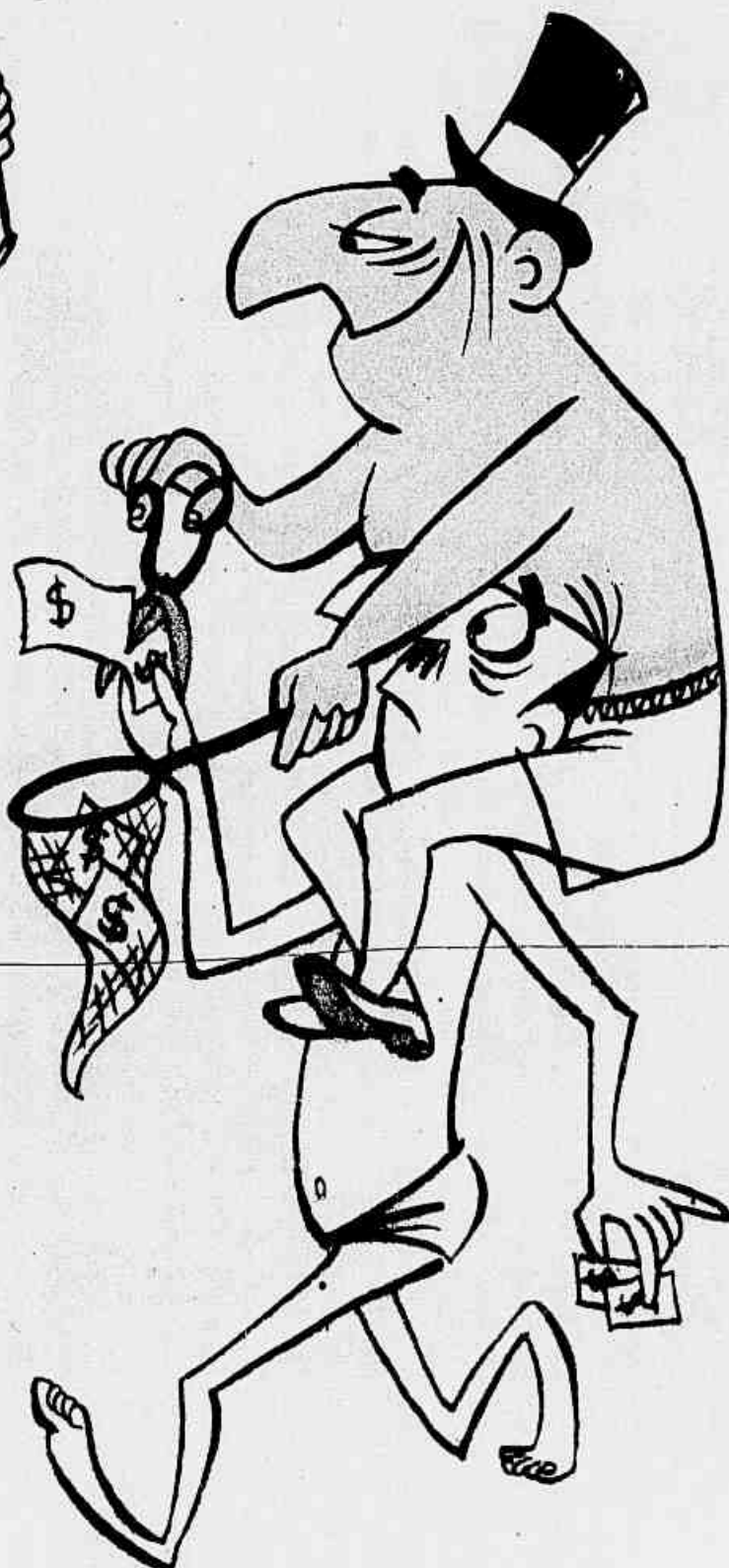
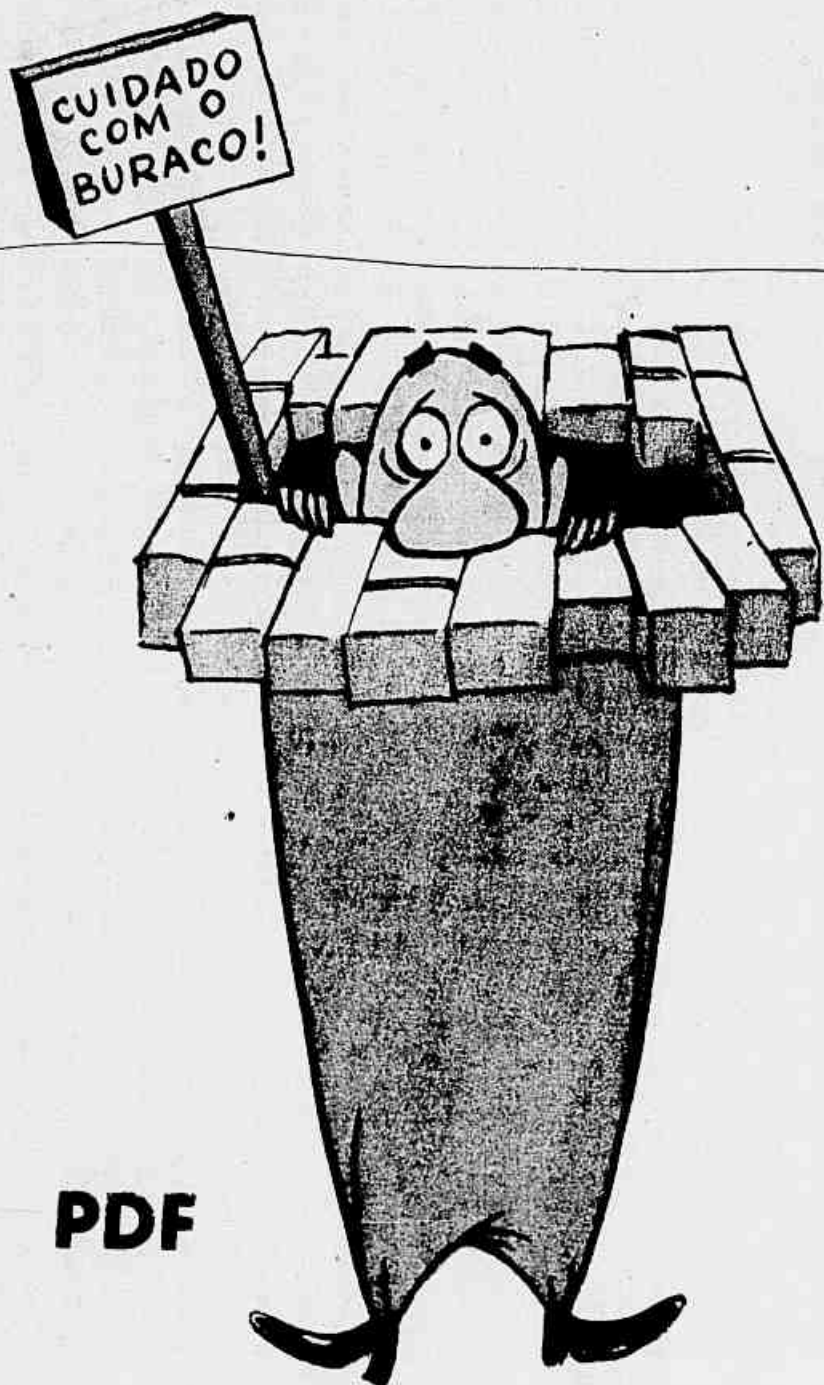
(Continua no próximo número)

FORTUNA (vestido de sério) **APRESENTA**

AS 10 *fantasias* MAIS



Pedestre



Crediário

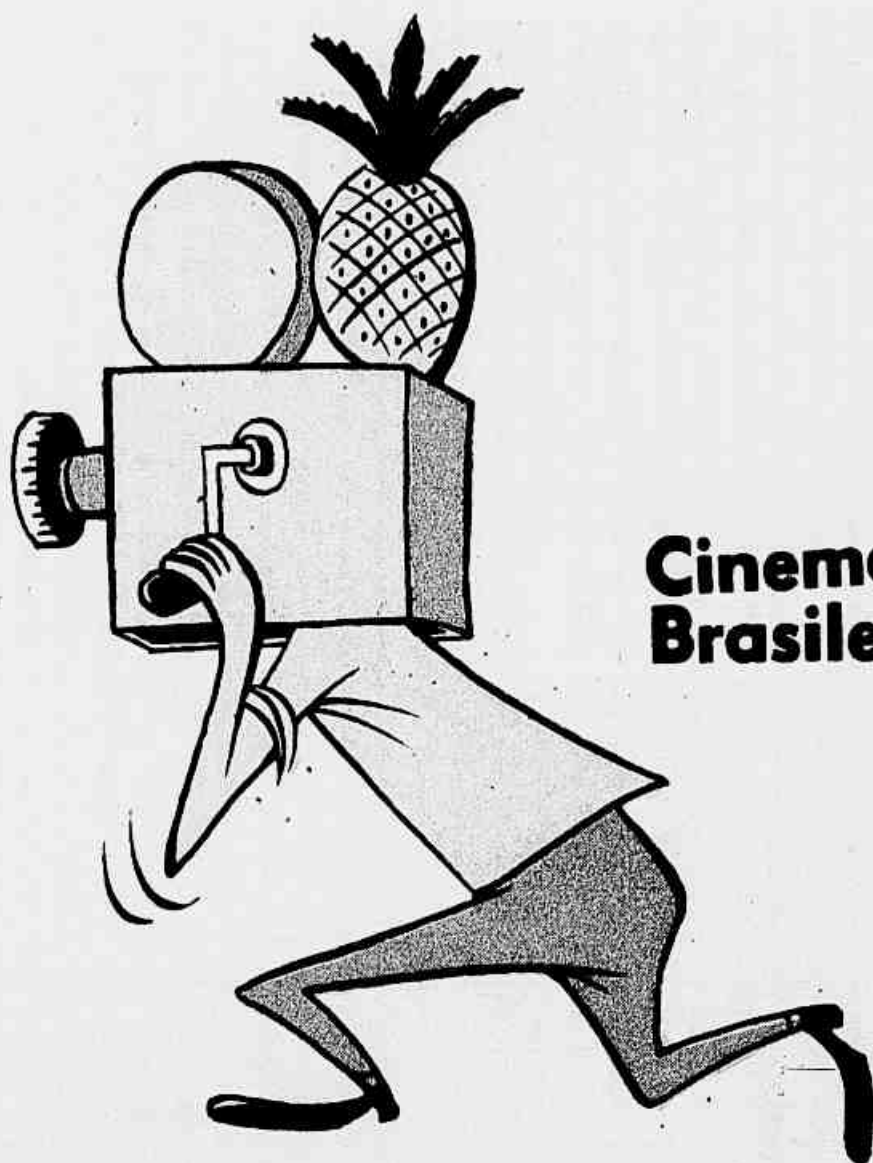


Praia de Copacabana

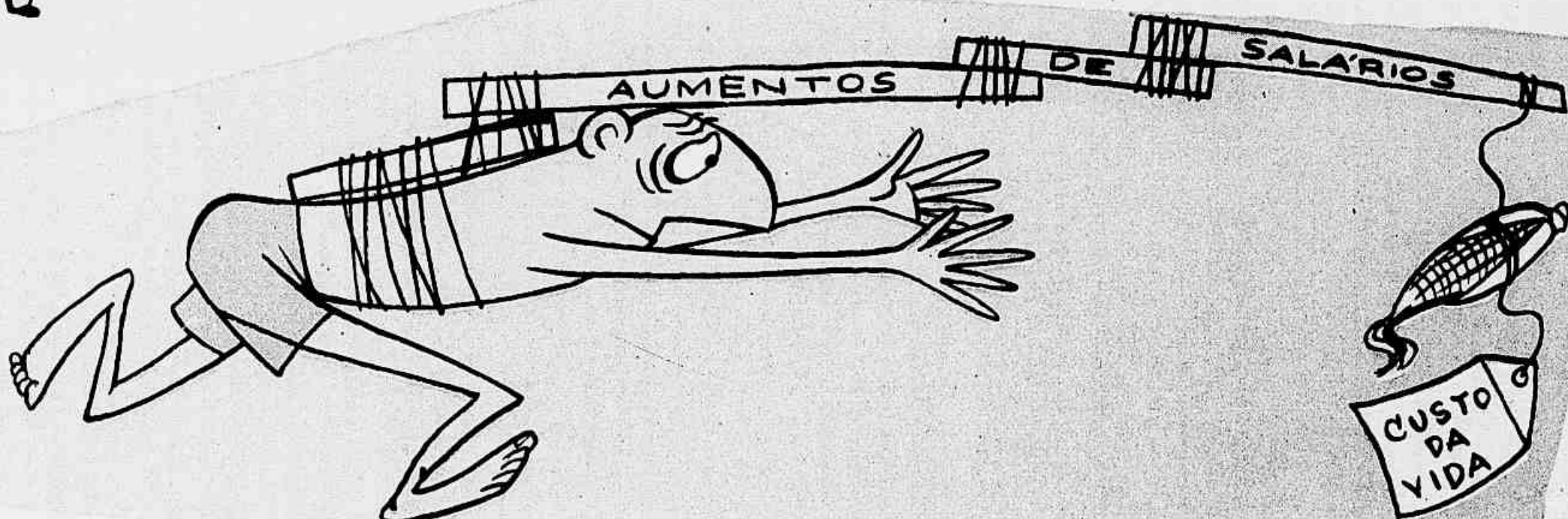
PDF



Burocracia



Cinema Brasileiro



Poder aquisitivo



Opinião Pública



"Rôlha"

OBSERVAÇÃO FINAL

Estes trajes que reproduzimos colhidos aqui e ali do natural, não conseguiram aplausos e nem fizeram sorrir à gente das ruas. Compreende-se: não eram fantasias.



– Tem razão...

estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

